Thea B. Van Halsema

João Calvino era assim

A vibrante história de um dos grandes líderes da Reforma

Thea B. Van Halsema
João
Calvino
era assim
A VIBRANTE HISTÓRIA DE UM DOS GRANDES LÍDERES DA REFORMA

Sumário

João Calvino Era Assim — A vibrante história de um dos grandes líderes da Reforma

Título do original em inglês: This Was John Calvin

Traduzido para o português e publicado com autorização da Zondervan Publishing, Grand Rapids, Michigan, 49530, EE.UU

Edição em Português:
2ª Edição impressa, março de 2011
1ª Edição eBook, setembro de 2013

Editor:
Manoel S. Canuto

Revisores:
Manoel Canuto e Jonas Hass

Designer
Heraldo Almeida

ISBN
978856282801-0

Prefácio

João Calvino Era Assim foi escrito para contar a história de uma vida. É uma tentativa de fazê-lo viver, de recapitular algo da extraordinária e inspiradora personalidade de João Calvino. Não tem a pretensão de discutir sua teologia — outros com competência para tanto já o fizeram muitas vezes.

É surpreendente descobrir-se quanto se pode conhecer da vida de Calvino por intermédio das suas cartas e escritos, dos registros dos seus dias, e dos bons livros que foram escritos a seu respeito. Fui beneficiada por essa leitura, e pelos dias que passei em Estrasburgo e em Genebra nos meados de 1958.

Este livro constituiu-se num empreendimento conjunto em nosso lar. Meu marido forneceu-me material, sugestões, e inspiração para escrever. Revisou o manuscrito, preparando-lhe o índice. Por tudo isso, e mais, desejo agradecer-lhe.

Sou grata, também, ao Dr. John Kromminga, Reitor do Calvin Seminary e Catedrático de História Eclesiástica, pela sua gentileza em ler o manuscrito.

Quando Calvino morreu, seu amigo Guilherme Farel disse: “Ó, quão alegremente correu uma nobre carreira. Corramos como ele, de acordo com a medida da graça que nos foi dada”. Espero que esta narrativa da história de Calvino nos dê inspiração para a carreira que cada um de nós tem de correr.

— *Thea. B. Van Halsema*
Grand Rapids, Michigan,
E. U. A. 3 de abril de 1959

“Deus Guiou-me Assim”

I. O Primeiro Lar de Calvino

Com as mãos a proteger os olhos, a mulher e o menino saíram da meia-luz da catedral para a praça ensolarada onde o burburinho da feira contrastava com a solidão do templo.

Como sempre, a praça estava apinhada de gente e animais. Os moleiros já começavam a cutucar seus asnos para que se encaminhassem de volta à roça. Voltariam com seus lombos vazios das cargas de fubá vendidas na feira. Homens a cavalo matraqueavam sobre o calçamento irregular. Aqui e ali, com vestes pretas e marrons, padres e monges iam a caminho.

A mulher quase nada via disso tudo. Seus olhos ainda estavam embaçados pela emoção das suas confissões. Seus lábios mal haviam cessado suas preces aos santos. Consideravam-na mulher piedosa. Diziam até que ela era tão piedosa quanto bela, o que significava ser piedosa de verdade.

Mas o menino, embora meio escondido pelos largos panos do xale materno, via tudo com seus pequenos, mas matreiros olhos.

Pisando entre fardos e bruacas e esbarrando entre cotovelos e bichos esparramados pelo centro da cidade, mãe e filho atravessam a praça e chegam em casa. Entram de mansinho, porquanto o lar era um escritório também. Atrás dos vidros esverdeados das janelas, o chefe da casa, sentado à sua mesa, cuidava dos negócios da igreja. Gerard Calvin era advogado dos padres e cônegos. Era secretário do próprio bispo. Os homens que trabalhavam para a igreja estavam sempre entrando e saindo por essa porta. Eles questionavam e gritavam nos seus ouvidos. Maquinavam e faziam intrigas para melhorar a situação de cada um. E, na hora do aperto, precisavam do seu advogado para ajudá-los. Gerard Calvin trabalhava infatigavelmente na sua importante tarefa a favor dos homens da igreja. Era um homem astuto, respeitado por todos. Era sagaz, também, no tratamento dos seus próprios interesses.

O advogado da igreja estava galgando posição no seu pequeno mundo. Vinha fazendo assim desde o dia em que deixara a vila do seu pai e largara o ofício paterno. Por que ser tanoeiro, fabricante de barris e pipas, quando se poderia manejar uma pena em vez de um martelo? O filho do tanoeiro instalara-

se, pois, em Noyon, cidade francesa amuralhada, a meia hora da casa de seu pai. Diziam que Gerard Calvin tivera sorte ao casar-se com Jeanne le Franc, bela filha de um rico hoteleiro aposentado. O primeiro filho chamava-se Carlos. Os dois seguintes morreram na infância. Então viera João, o menino dos olhos vivos, nascido às treze horas e vinte e sete minutos do dia 10 de julho de 1509. Depois dele, nascera mais um menino, chamado Antoine.

Jeanne le Franc Calvin falecera quando seu filho João tinha apenas três anos de idade. Uma madrasta veio residir no lar dos três meninos, acrescentando duas filhas à família.

Embora raras vezes mencionasse os primeiros anos da sua vida, João, anos mais tarde, descreveu uma breve peregrinação que ele havia feito com sua mãe. Por duas horas caminharam juntos pelo vale até chegarem ao santuário de Santa Ana, segundo diziam, avó terrena do Senhor. Erguido por sua mãe, o menino João beijara a relíquia preciosa da caveira de Santa Ana que estava exposta num receptáculo dourado, cercado de velas e flores e das faces reverentes de outros romeiros.

Diziam que esse pedaço de osso era uma relíquia toda especial. O sacrário, por conseguinte, estava sempre repleto. Podia-se, no entanto, encontrar relíquias em Noyon também, todas adoradas como se fossem verdadeiras. Naqueles dias o povo se dispunha a crer em qualquer coisa. A igreja dizia que havia alguns cabelos de João Batista, um dente do Senhor, um pedaço de maná do Velho Testamento, e algumas migalhas que sobraram da primeira multiplicação dos pães. Havia na catedral um fragmento da coroa de espinhos. Havia, também, relíquias de menor importância, tais como os restos de um tal Santo Elói. Os monges do mosteiro e os padres da catedral sempre discutiam sobre a verdadeira localização dos ossos daquele santo: se no mosteiro ou na catedral. Era uma discussão cerrada e interminável. Nem mesmo o parlamento francês conseguiu solucionar o problema.

Durante quatorze anos o menino João morou em Noyon, na província francesa de Picardy. Dez mil pessoas habitavam dentro dos muros da velha cidade. A cidade já era antiga naquela época. Quinhentos anos após Cristo, Noyon já era sede de bispado. Fora aqui que o grande Carlos Magno foi coroado rei no ano 768. Uns quinhentos anos mais tarde, a grandiosa catedral foi construída, pedra sobre pedra, até que a sua imponente estrutura dominava toda a paisagem.

Noyon estava sobrecarregada de padres, monges, cônegos, capelães, e de toda espécie de empregados eclesiásticos. Cada qual estava seguro dos seus direitos pessoais e pugnava pela sua promoção. O poderoso bispo, um fidalgo da nobre família de Hangest, governava a todos. A catedral era o centro da vida

citadina. Além dela, havia uma abundância de mosteiros, conventos, igrejas e capelas, cada qual com seu sino. E cada sino badalava frequentemente. Dizia-se que em Noyon não se podia falar três palavras sem a interrupção de um sino. O badalar dos sinos ecoava pelo vale. Nos dias de festa, o coro metálico alcançava os ouvidos dos barqueiros que desciam o Rio Oise, com suas barcaças, em direção ao mar. À distância, os montes purpúreos, que apanhavam o pôr-do-sol, abrigavam, também, as notas soltas que conseguiam chegar até lá.

Foi nesse pequeno mundo amuralhado, de santuários e relíquias, de procissões e festas, de círios, sinos e imagens, que cresceu o segundo filho do advogado da igreja. Em tudo ele participava com devoção, lembrando os olhos embaçados de sua mãe. Do seu tamborete, no canto da casa, também ouvia as vozes que vinham da escrivaninha do seu pai. Um clérigo queria o fruto de mais vinhas. Outro desejava o grão de maiores campos. Estavam sempre querendo mais coisas para si mesmos. Queriam ficar mais ricos, mais admirados, mais acomodados.

Talvez em sua cama, à noite, João imaginasse com os pensamentos de rapaz:

— O Senhor, cuja imagem em tamanho natural estava pendurado naquela cruz na catedral, sangrando, trajando somente um pano nos seus lombos e uma coroa de espinhos — na terra Ele não possuía coisas... Estaria Ele contente com estes homens que trabalhavam para Ele na igreja?... Estaria Ele alegre vendo-os defraudando, ambicionando posições mais altas, vestindo trajes esplêndidos, preocupados unicamente consigo mesmos?... Que estaria o Senhor achando de tudo isso?

II. Um Advogado Astuto

Gerard Calvin estava arrumando a vida dos seus filhos. Ele precisava de dinheiro para a educação deles, a fim de prepará-los para trabalhar na igreja. Aproveitara-se, portanto, de um costume em voga na época e arrolara os rapazes como assalariados da igreja. Naqueles dias um menino podia ser nomeado para um cargo eclesiástico, receber um salário, pagar uma fração deste salário a um padre adulto que fizesse o trabalho, e então ficar com os lucros para si mesmo. Era necessário conhecer pessoas bem postas para levar tais planos a bom termo. Era contra a lei, mas já ninguém dava bolas para esses regulamentos estéreis. Pois o exemplo vinha de cima. Havia um Papa, Benoit IX, com somente doze anos de idade. E um arcebispo de Rheims que fora investido na sua alta função aos cinco anos de idade. E um bispo de Metz que mal havia completado quatro anos de vida. O próprio bispo de Noyon, Charles de Hangest, aos quinze anos de idade já tinha recebido do Papa toda a sorte de benefícios juntamente com as rendas que

deles provinham. O povo não mais se espantava com essas barganhas pecaminosas dentro da igreja.

Gerard Calvin conhecia o pessoal bem postado de Noyon. Ele aguardava com paciência umas vaguinhas para seus filhos. Não tardou que Carlos, o filho mais velho, se arrumasse como capelão de uma pequena capela quando mal tinha alcançado a idade mínima para cantar no coro da catedral. Três anos mais tarde, em maio de 1521, o jovem João recebeu o seu primeiro benefício. Foi nomeado para uma das capelas de La Gesine, recebendo anualmente, como compensação, três medidas de milho de uma cidade e, da outra, a colheita de vinte trigais. O pai pagava a um padre para fazer o trabalho das capelanias e guardava os lucros para seus filhos. Era um negócio da China.

Com doze anos de idade, João solenemente assinou os juramentos da capelania. Recebeu a tonsura logo após um corte de cabelo especial que deixava rapada a coroa da cabeça do clérigo. O novo capelão, com os seus trigais e a sua cabeça rapada, era agora um noviço. E tinha dinheiro para estudar.

Caso houvesse uma brecha, era possível trocar-se um benefício por outro mais rendoso. Foi o que João fez com a idade de dezoito anos. Estava estudando em Paris na época, quando trocou de capelania, passando a primeira a Antoine, seu irmão mais moço. Novamente, dali a dois anos, João faria nova troca, tornando-se capelão da vizinha cidade de Pont l’Evêque onde seu avô Calvin morava.

Os rapazes da família de Hangest, sobrinhos do bispo, eram bons amigos de João. Gostavam do filho do advogado da igreja embora ele não pertencesse à classe aristocrática deles. João brincava na mansão deles, e aprendeu a andar a cavalo. Estudou com eles sob a direção de um tutor particular. Mais tarde acompanhou-os ao Collège des Capettes, um educandário para meninos, em Noyon, assim chamado por causa dos capuzes usados pelos alunos.

Quando a escola dos capuzes nada mais tinha a oferecer, os rapazes de Hangest se prepararam para continuar os estudos em Paris. A peste voltara para aterrorizar o povo de Noyon, o que era outro motivo para sair da cidade. Perguntaram a João se gostaria de acompanhá-los, o que o entusiasmou sobremaneira. Seu pai aproveitou a ocasião com vivacidade. Os cônegos da catedral se reuniram e decidiram, com certa relutância, que o salário da capelania de João não lhe seria cortado ao deixar Noyon.

No verão de 1523, os rapazes de Hangest e o filho do advogado da igreja saíam a cavalo da cidade que os vira nascer, agora infestada pela peste. Com grande expectativa, galopavam em direção à grande cidade de Paris, noventa quilômetros a sudoeste de Noyon. João Calvino, com quatorze anos de idade, entrava num mundo novo de pessoas, lugares e ideias. Ele não voltaria mais a

Noyon para residir.

III. Roma, Wittemberg, Paris

O mundo fora de Noyon não estava parado. Várias coisas de grande alcance estavam acontecendo.

Leão X estava sentado no trono Papal em Roma, vestindo a tríplice coroa do seu elevado ofício. Leão X era da família dos Medicis, o mais grandioso dos Papas, o homem a quem se atribui a frase: “Que bom negócio tem sido para nós essa fábula de Cristo”. Tenha assim falado ou não, a verdade é que sua posição rendeu-lhe imensa fortuna. Suas riquezas eram incalculáveis, e fabulosos os seus tesouros artísticos.

Leão X estava também atarefado na construção da basílica de São Pedro em Roma. Mas o dinheiro não estava entrando como convinha, razão pela qual o Papa inventou um novo método de aumentar a renda da igreja. Quem pagasse alguma coisa para a construção da basílica de São Pedro receberia uma indulgência, um certificado de papel que declarava o perdão dos pecados do contribuinte. Tal declaração era assinada pelo magnificente Leão X. Essas indulgências seriam eficazes, também, para os pecados de finados parentes que esperavam no purgatório. Em 1513, quando João Calvino tinha completado quatro anos de idade, o monge Tetzel começara suas viagens pelos estados germânicos com a finalidade de vender indulgências.

Fora a vinda deste monge Tetzel que agitara a vida de outro monge, um doutor em teologia que ensinava na Universidade de Wittenberg. Martinho Lutero começara a ensinar ali um ano antes do nascimento de João Calvino. Em 1517, quando o menino de Noyon tinha oito anos de idade, o professor de Wittenberg pregava as suas noventa e cinco teses na porta da Igreja do Castelo. Lutero proclamava que o perdão de pecados não podia ser comprado com o dinheiro das indulgências. O perdão é gratuito. É um presente de Deus, não do Papa ou da igreja. O som do martelo monástico em Wittenberg foi o sinal para o início de uma reforma para a qual muitos já estavam prontos e aguardando.

Nas montanhas da Suíça, Ulrico Zuínglio estava pronto. O monge Sansão de Milão começara a vender indulgências ao povo suíço. Mas de tal força foi a pregação de Zuínglio que Sansão não conseguiu licença para entrar na cidade de Zurique. A cidade agradecida convidou Zuínglio para ser o pároco da igreja Grossmünster, onde iniciou seu novo trabalho com uma série de sermões sobre a palavra de Deus. Zuínglio pregava as Escrituras que os homens não ouviam há séculos.

E os homens não tinham visto as Escrituras tampouco. Por isso foi um acontecimento notável o aparecimento em Basileia, em 1516, de uma nova

tradução grega do Novo Testamento pelo extraordinário sábio holandês, Erasmo. Era, sem dúvida, o redescobrimento de um livro perdido.

Na França, com seus quinze milhões de habitantes e sua extensa faixa litorânea, propícia para o comércio, as coisas estavam também acontecendo. A Reforma aqui começou com um magnífico professor da melhor universidade da Europa. O velho Jacques Lefèvre ensinava na Sorbonne, na cidade de Paris. Jacques Lefèvre era erudito, natural da província de Picardy, viajado pela África e Ásia. Tinha voltado para lecionar e escrever em Paris onde, com a idade de setenta anos, redescobriu as verdades da Bíblia.

No ano de 1512, quando Lutero, ainda desconhecido, buscava paz para a sua alma, quando João Calvino, com três anos de idade, acompanhava sua mãe nas suas rondas piedosas, Lefèvre publicou sua tradução latina das epístolas do apóstolo Paulo, juntamente com um comentário. "É Deus quem salva pela graça somente", disse o velho mestre.

Entre os alunos de Lefèvre havia um moço troncudo, com barba ruiva. Vindo de uma vila nas montanhas, o aluno era ativo, destemido, vivo e, no seu modo de falar, vigoroso. Estava à procura também. "Meu filho", disse-lhe o velho professor um dia, "é pela graça, somente pela graça". Quase que instantaneamente, Guilherme Farel viu com os olhos da fé o que o erudito professor estava lhe dizendo. Daquele dia em diante uma ânsia audaz levava Farel por todos os cantos para proclamar as verdades da Palavra de Deus. "Deus renovará o mundo", dizia-lhe o velho Lefèvre, "e você viverá para presenciar tal fato".

Outros seguiram o velho professor no afã de reaver a Bíblia. Na cidade de Meaux, perto de Paris, um bispo chamado Briçonnet abriu o Livro e ali encontrou novas respostas. Começou, então, a reformar as congregações sob sua responsabilidade. Os seus sermões eram bíblicos, coisa rara nas igrejas da época. Briçonnet era um homem de influência, sempre bem-vindo nos círculos palacianos, onde falava também. Margarida, a irmã do rei converteu-se, e Briçonnet colocou uma Bíblia em suas mãos.

A animação era grande. Lefèvre estava traduzindo o Novo Testamento para o francês para que pudesse ser lido pelo próprio povo. Trabalhava em Meaux, animado por Briçonnet. Farel veio a Meaux também e começou a trabalhar no meio do povo. Os cardadores de lã e os tecelãos de Meaux, os camponeses e os vitivinicultores da região —todos liam e conversavam sobre a Bíblia. Suas igrejas se transformaram. Suas vidas também. Quando alguém se convertia naqueles dias à fé das Escrituras, dizia-se que "tinha bebido no poço de Meaux".

À medida que a nova fé se espalhava pela França, apareciam inimigos para abafá-la. Entre estes se destacavam dois homens de altas posições: o sagaz Noël

Beda, reitor da Universidade da Sorbonne, e o ambicioso Antoine du Prat, chanceler da França. De início, estes homens e seus auxiliares usaram ameaças e argumentos. Quando tais métodos falharam, começaram a usar fogo e o laço do enforcador.

No meio da refrega estava Francisco I, o volúvel rei francês. Havia ocasiões em que ele ouvia sua irmã Margarida, a qual havia abraçado a nova fé com grande dedicação e estava sempre intercedendo pelos novos adeptos. Com maior frequência, porém, o rei era pressionado pelo grupo Bedadu Prat, os quais o acusavam de traição à santa igreja por permitir o aparecimento de graves heresias dentro do reino. Francisco I tinha mais poder do que a maioria dos reis da sua época, os quais se curvavam diante da vontade do Papa. Mas a França não se curvava. Os seus reis frequentemente regateavam com o Papa e, às vezes, impunham-lhe condições.

Mas o combate estava travado. Lefèvre foi expulso da Sorbonne. Em 1525 os seus escritos foram condenados, e o seu Novo Testamento queimado publicamente. Mesmo assim ele continuava a trabalhar em Meaux. Publicações da autoria de Lutero começaram a aparecer na França, trazidas às escondidas e traduzidas para o povo. Estavam na lista negra da Sorbonne como leitura proibida, juntamente com um livrinho da autoria de Margarida, irmã do rei. Muitas outras publicações também constavam na referida lista, todas consideradas heréticas pela Universidade. Teriam que pagar caro os que fossem descobertos com tais publicações em seu poder. Mesmo assim o povo lia. Os tipógrafos imprimiam secretamente. A capital francesa fervia com o conflito.

Assim era o ambiente em Paris quando João Calvino e seus companheiros de Noyon lá chegaram em meados de 1523. Pelas ruas estreitas e tortuosas da capital, João dirigiu-se à casa de seu tio Richard Calvin, ferreiro por profissão.

Era agosto, no mês em que a fumaça de um sacrifício humano subia aos céus na Place de Greve. Um monge Agostiniano convertido foi amarrado ao pelourinho e queimado por causa de suas "heresias luteranas". Foi o primeiro a morrer dessa maneira em Paris. O primeiro de muitos.

IV. Vida Estudantil

No Collège de la Marche, em Paris, havia um famoso professor que preferia ensinar principiantes ao invés de alunos mais adiantados. "Prefiro dar aos novos rapazes um bom fundamento de latim e francês", dizia Mathurin Cordier, um ex-padre, conhecido em toda a França como exímio mestre.

João Calvino foi um dos afortunados diante do qual Cordier desvendou o mundo da boa gramática. Cordier ensinava latim aos seus alunos, não permitindo que se tornasse uma língua morta. Ensinava-lhes o bom francês, libertando a

língua materna das limitações que o homem da rua lhe impunha. João Calvino ficaria endividado a Cordier pelo bom fundamento que lhe permitia escrever fluentemente em latim e vividamente em francês.

Vinte e sete anos mais tarde João Calvino mostrou a sua gratidão ao bom mestre dedicando-lhe o comentário à Primeira Carta aos Tessalonicenses. "É apropriado que você esteja participando nos meus labores", escreve João Calvino na dedicatória. "Quando meu pai me enviou a Paris, ainda menino... a Providência ordenou que por algum tempo eu tivesse o privilégio de tê-lo como meu professor, para que eu aprendesse o verdadeiro método de instrução".

O rapaz de quatorze anos também impressionara o seu mestre de quarenta e seis. Tanto assim que, muitos anos depois, quando já velhinho, Cordier veio a Genebra para ensinar na academia fundada por João Calvino.

Na margem esquerda do Rio Sena, entre os colégios de Paris, havia um que era conhecido como o mais antigo, o mais sombrio, e o mais sujo. Era o Collège de Montaigu, um educandário para o estudo de teologia. João Calvino transferiu-se para lá após três anos agradáveis no Collège de la Marche estudando as artes e as letras.

O Collège de Montaigu era famoso, mas não por bons motivos. Era famoso pelas pulgas, piolhos e comida ruim, e pelas vergastadas inclementes dos açoites que puniam os alunos preguiçosos e lerdos. Não se permitia a ninguém balbuciar qualquer palavra francesa. Somente o latim era ouvido nos corredores úmidos e escuros. João Calvino residia na casa amiga do seu tio Richard, mas os pobres internos tinham que acordar às quatro para estudar. João, também, tinha que acordar de madrugada para dirigir-se a cavalo àquele sombrio lugar.

"Oh! Quantos ovos podres eu lá comi!". Exclamou o sábio Erasmo sobre o ano que ele passara no Collège de Montaigu. O grande escritor francês Rabelais tinha uma frase interessante para descrever os piolhos que habitavam nas paredes, nas camas, e nos rapazes de vestes pretas. Chamava-os: "Os falcões depenados de Montaigu".

O diretor desse educandário chamava-se Tempete. Os estudantes deram-lhe o apelido latino de "terrível tempestade". Antes dele o diretor tinha sido o empedernido Noël Beda, caçador-de-heresias e, agora, reitor na Sorbonne. Beda ainda voltava a Montaigu para ensinar a arte de debater em latim. Como é que se leva um porco à feira, pela corda amarrada ao pescoço ou pelo camponês que puxa a corda? Os rapazes aprendiam a discutir horas a fio sobre tais tópicos ou outros mais sérios.

João Calvino dedicou-se ao domínio de todas as suas matérias: os clássicos latinos, a lógica, e os escritos dos teólogos da igreja como Agostinho e Tomás de Aquino. Tinha dezoito anos de idade quando concluiu o curso e recebeu o grau

de mestre. Seu estômago o incomodava com frequência. Sua cabeça, às vezes, doía-lhe miseravelmente. Mas a sua jovem mente triunfou sobre tudo isso; estava afiada, disciplinada e pronta para ser usada.

Felizmente, durante aqueles anos difíceis, João Calvino teve amizades. De vez em quando se encontrava com os amigos de casa, os irmãos de Hangest, sobrinhos do bispo. O seu primo Robert estava em Paris também. Robert tinha deixado Noyon, converteu-se à nova fé, e mais tarde ficou conhecido pelo mundo como Olivétan, tradutor da Bíblia para o francês e missionário Protestante às vilas localizadas nos Alpes franceses. Ninguém sabe com que frequência os primos se encontravam para conversar sobre a Igreja de Roma e sobre as verdades bíblicas que estavam sendo comentadas por Lefèvre e Lutero.

João Calvino consolidou novas amizades também. Era de se admirar como um adolescente, sozinho numa grande cidade, podia ser tão querido por gente de importância. O rei tinha um médico suíço chamado Cop, homem de muitas letras. João era amigo íntimo dos seus quatro filhos, especialmente Nicolas. Visitava a residência Cop muitas vezes, ouvindo conversas fascinantes sobre novas ideias. Visitava, também, o lar de Guilherme Budé, o mais brilhante pensador da França. O filho de Budé era amigo de João Calvino. Havia outros amigos, pessoas incomuns também. Os seus amigos, outrossim, pareciam considerar fora do comum o jovem de Noyon.

V. Mudanças Políticas

Vários acontecimentos extraordinários ocorreram em Paris durante os cinco anos que João Calvino lá estudou. Em 1525, o volúvel Francisco I perdeu uma grande batalha contra o imperador Carlos V, do Santo Império Romano, e foi encarcerado em Madri. Enraivecido e humilhado, ele teve que permanecer em Madri por um ano até que se arranjasse que seus dois filhos menores ficassem prisioneiros em seu lugar. Foi uma derrota surpreendente para a França. Louise de Savoy, a mãe do rei, governou na sua ausência. Ela não tinha paciência com heresias. A Universidade da Sorbonne podia contar com ela.

Lefèvre, o velho mestre, fugiu para a cidade germânica de Estrasburgo, na margem ocidental do Reno. Farel, que estava ocupado em Paris, fugiu para Basileia. Mas Briçonnet, o bispo de Meaux, vacilava. Ele tinha levado o seu povo à verdade, mas faltava-lhe a coragem para acompanhar aquela verdade à prisão, ao exílio, ou ao fogo. Ao invés disso, curvou-se a Beda e a Sorbonne, reconheceu seu “erro”, e ordenou aos pregadores Protestantes no seu bispado que ficassem calados. Conservou, assim, a mitra episcopal, linda peça que era um sinal da sua posição entre os oitenta e três bispos da França.

Mas o povo humilde de Meaux deu melhor exemplo do que o bispo. Não

tinha medo do fogo. Um homem chamado Denis repreendeu o bispo antes de ser levado às chamas. O jovem Pavane falou com tanta emoção ao povo que estava ao pé da pira que um doutor da Sorbonne exclamou: “Quisera que Pavane não tivesse falado, mesmo que isso tivesse custado à igreja um milhão em ouro”. Havia, também, o eremita de Livry, para cujo sacrifício os sinos da catedral de Notre Dame convocaram o povo. E o cardador de lã, Leclerc, o qual, no seu entusiasmo mal-orientado, tinha estraçalhado uma estátua de Maria. Por essa ofensa, os membros de Leclerc foram rasgados um por um, puxados com tenazes esquentadas nas brasas, até que, finalmente, as chamas o mataram. Não teria o estudante João Calvino assistido a essas execuções durante os seus anos em Paris?

Entrementes, em Roma, o próprio Papa estava em apuros. Clemente VII, sucessor do magnificente Leão X, foi trancafiado numa torre durante sete meses, na sua própria cidade santa com as suas sete colinas. Ele tinha, também, perdido uma batalha contra o imperador Carlos V. Em 1527 as tropas do imperador escalaram os muros de Roma e tomaram a cidade. Depois saquearam-na. Os soldados faziam esporte de andar a cavalo pelas ruas vestindo as vestes e os chapéus vermelhos dos cardeais. Documentos eclesiásticos eram rasgados para dar de comer aos cavalos. Tesouros artísticos foram estragados. Alguns menos escrupulosos invadiram o túmulo do Papa guerreiro, Julius II, tirando o anel do seu dedo ósseo.

Enquanto Clemente VII continuava preso na sua torre, impotente até que chegasse a um acordo com o imperador, uma delegação de homens da Inglaterra chegou à cidade saqueada para consultar o Papa. O seu rei, Henrique VIII, rei com muitas esposas, estava agora pronto a livrar-se da primeira. Será que o Papa lhe daria o divórcio da rainha Catarina? Clemente VII já tinha problemas demais. E não queria de maneira alguma agravar as suas relações com o imperador Carlos V concedendo divórcio ao rei da Inglaterra, razão por que não o concedeu. Mas Henrique VIII encontrou outra solução: criou um novo arcebispo de Canterbury, o qual invalidou o casamento. No ano seguinte, Henrique VIII declarou-se chefe da igreja na Inglaterra. Não queria mais conversa com o Papa. A Inglaterra, assim, pela estranha instrumentalidade de uma mulher e um divórcio, tornava-se um país Protestante.

Não somente reis e Papas estavam em apuros. Em Noyon, Gerard Calvin tinha os seus problemas também. Por algum motivo recusara apresentar determinados registros contábeis. Os homens da igreja estavam irritados com o seu advogado. É possível que Gerard Calvin estivesse da mesma forma, irritado com eles, repugnado pela cobiça e presunção. Com tais pensamentos, Gerard Calvin passou a dar mais atenção à carreira do seu filho João. Tomou nova

decisão, desejando que seu filho se tornasse advogado.

"Quando eu era ainda menino", escreveu João Calvino anos após, "meu pai destinou-me ao estudo de teologia. Mas depois, quando ele considerou que a advocacia geralmente trazia riqueza aos seus praticantes, tal possibilidade repentinamente induziu-o a mudar de propósito. Foi então que fui retirado do estudo da filosofia para me dedicar ao estudo das leis".

Martinho Lutero, quando pressionado pelo seu pai para estudar direito, abandonou-o para ingressar num mosteiro. João Calvino, ao contrário, jamais se opôs a esse desejo paterno. Por isso, obedientemente, encaminhou-se à cidade de Orléans, cuja universidade era famosa pela sua faculdade de direito.

Em 1528, na mesma época em que João Calvino deixava Paris, um espanhol mal trajado entrava pelas suas portas. Inácio de Loyola, com trinta e sete anos de idade, tinha vindo a Paris para estudar. Trouxe consigo um jumento carregado de livros, uma bolsa contendo algumas moedas de ouro, e uma proposta de regimento para a Companhia de Jesus. A própria virgem Maria, dizia Loyola, ditou-lhe essas regras numa caverna perto de Barcelona. O espanhol que entrou em Paris seria um dia honrado pela Igreja de Roma como o fundador da sua estreita e poderosa Ordem dos Jesuítas que começou como a Companhia de Jesus.

O jovem francês que deixava Paris, sua obra-prima ainda por escrever, seria ainda mais bem conhecido como extraordinário campeão nas hostes Protestantes, um defensor da verdade redescoberta na Palavra de Deus.

VI. Estudante de Direito

Orléans era um lugar maravilhoso, a noventa quilômetros ao sul de Paris, à margem do Rio Loire. Os estudantes da sua velha universidade eram folgados e alegres. Competiam no jogo de "raquetes" nas quarenta quadras de tênis. Navegavam no rio em pequenos barcos a vela. Tinham banquetes e festas incontáveis. A fama do professor de direito l'Étoile e de seus colegas tinha atraído alunos de vários países.

Mas o estudante de Noyon não participava das festas e folias. Mais do que em Paris, ele se entregava aos estudos. Comia quase nada no jantar, para que sua mente estivesse clareada à noite. Dava-se a poucas horas de sono e, ao acordar, ficava deitado por uma hora recapitulando tudo quanto havia estudado na noite anterior, desenvolvendo a sua memória, enchendo-a de conhecimentos. Dentro de um ano João Calvino era mais conhecido como professor de direito do que como estudante. Lecionava, às vezes, como substituto de professores ausentes.

João Calvino estudava mais do que as matérias do curso. Havia em Orléans um homem chamado Wolmar, de origem germânica e com inclinações luteranas,

excelente professor de grego. João Calvino solicitou-lhe aulas na matéria. Aprendendo a língua do Novo Testamento, agora ele podia ler os seus livros na língua original. Lia com a mesma avidez outros escritos gregos. Wolmar possivelmente apontava-lhe o significado de certas passagens no Novo Testamento que eram preciosas a Lutero e aos reformadores.

João Calvino mais tarde dedicou ao seu professor de grego o comentário à Segunda Carta aos Coríntios. “Sob sua orientação”, escreveu o autor na dedicatória, “acrescentei ao estudo de direito a literatura grega, da qual você era renomado mestre”.

Após um ano em Orléans, João Calvino foi a Bourges, cidade destruída por César, reconstruída por Carlos Magno, e agora fazendo parte da província que era governada pela irmã do rei, Margarida de Navarro. Ela tinha convidado o famoso professor de direito, Alciati, para vir da Itália lecionar na sua universidade. Wolmar, o professor de grego, foi também convidado. Certamente sentia-se mais animado a ser um luterano sob a proteção de Margarida. Muitos estudantes queriam ouvir Alciati. João Calvino agregou-se ao grupo que veio a Bourges. Na casa de Wolmar encontrou-se com um jovem tutelado daquele mestre. João Calvino tinha então uns vinte anos de idade. Não imaginava que aquele menino de doze anos, Teodoro Beza, algum dia se postaria ao seu lado e seria o seu sucessor numa cidade desconhecida de ambos.

Em 1531 João Calvino voltou a Paris por um curto período, onde recebeu notícias de que seu pai estava gravemente enfermo em Noyon.

E foi assim que o filho do advogado da igreja voltou à casa na praça do mercado. A residência estava deveras silenciosa por detrás das janelas de vidros esverdeados. Os homens da igreja não paravam para indagar sobre a saúde do seu advogado. Estavam ainda de mal com ele. Além disso, o seu irmão Carlos, que havia se tornado um padre na região, tinha também contas a acertar com o clero. Com essas penumbras a cercá-lo, Gerard Calvin faleceu em maio de 1531. Seus filhos, conforme alguns, tiveram que apelar aos cônegos da catedral para que se permitisse o enterro do pai em campo santo em vez de cova desmarcada em campo aberto.

João Calvino, com vinte e dois anos de idade, permaneceu um mês em Noyon após a morte de seu pai. Ele e Carlos entregaram ao clero as contas que seu pai lhes havia negado. João dirigiu um ofício religioso na pequena capela de Pont l’Evêque, da qual continuava a ser capelão assalariado. Durante os dias em casa ouvia as queixas amargas de seu irmão contra a igreja e o clero. Havia, até, motivo de riso na barba do bispo de Noyon. O bispo recusava-se a usar uma barba curta, contrariando assim uma regra a respeito existente em algum cânon eclesiástico. Chegou à catedral certo domingo, com suas vestes esplendorosas,

vestindo a mitra e carregando a cruz dourada. Os cônegos, porém, fecharam-lhe na cara as enormes portas e disseram-lhe que tomasse a sua barbicha comprida e voltasse para casa. Dito e feito.

Os irmãos tiveram oportunidade de conversar sobre outros assuntos naqueles dias — as ideias do velho professor Lefèvre e os panfletos de Lutero, o empedernido Beda e seus companheiros na Sorbonne, o volúvel Francisco I e sua piedosa irmã, e a fumaça dos sacrifícios humanos em Paris e em Meaux.

João aproveitou o mês em casa para pensar também. O advogado da igreja de Noyon estava morto. Seu segundo filho, que sempre tinha acatado sem reservas a vontade paterna, estava agora livre para decidir as coisas por conta própria. Mas a decisão de João Calvino não o levou à igreja, com sua cobiça e pensamento estereotipado, e nem à advocacia, com suas ânsias de fortuna. A vida escolástica e acadêmica o encantava. Queria aprender mais grego e latim, usar estas línguas para ler no original as suas literaturas, pesquisar os velhos manuscritos e comentá-los, buscar o retiro de uma sala cheia de livros. O que haveria de melhor, senão um pouco de dinheiro para alugar um quarto solitário, para comprar algumas parcas refeições e vinho, e estocar papel e tinta suficientes para escrever as suas ideias?

E onde, senão em Paris, poder-se-ia viver uma vida assim? O rei Francisco I tinha acabado de tornar Paris mais atraente ao pesquisador. Pela insistência de Budé, o rei tinha fundado um novo Colégio de Conferencistas Reais, o que não deixou de irritar a comunidade universitária da Sorbonne. Francisco I demonstrava assim o seu interesse no novo pensamento, chamado humanismo, que estava se espalhando pela Europa.

Em todos os cantos o povo começava a pensar por conta própria, ao invés de deixar que a igreja pensasse por ele. Os que podiam, liam em latim e grego a sabedoria de séculos anteriores, usando tais conhecimentos como fundamentação para o seu próprio pensamento. Este novo humanismo não era cristão. Tinha, porém, um grande valor positivo: animava o povo a pensar por si mesmo sem aceitar cegamente o que a igreja lhe dizia. Quem começava agora a estudar as Escrituras por si mesmo logo descobria o quanto à igreja daquela época tinha escondido ou ignorado. Na vida de muitos, Deus estava usando o humanismo para levá-los de volta à verdade.

Resolvido a tornar-se pesquisador nas letras, João Calvino deixou Noyon, caminhando os noventa quilômetros que o levariam de volta a Paris. Na sua chegada, um amigo ofereceu-lhe hospedagem, mas preferiu alugar um quarto estreito no dormitório do Collège Fortet. Estava mais perto das Faculdades onde assistiria conferências. Uma escada caracolada dava para o seu aposento numa sequência enfileirada de quartos à semelhança de celas, onde tanto alunos quanto

professores viviam e estudavam.

João Calvino, com grande avidez reiniciava seus estudos de grego e latim. Estudava hebraico também. Durante o dia assistia a várias conferências e aulas. À noite, uma vela queimava até altas horas na sua cela de estudos. Ele estava aprendendo, estudando, escrevendo. Calvino se ambientava novamente ao círculo incomum de amigos, todos eruditos como ele. Estava de volta à casa de Cop, o médico do rei. Compartilhava da conversa erudita na residência de Budé. E não era essa a vida que ele queria?

Enquanto João Calvino dobrava-se sobre seus livros em Paris, Ulrico Zuínglio, o reformador de Zurique, morria no campo de batalha. Tinha acompanhado, como capelão, as tropas Protestantes da sua cidade para repelir um ataque de outras tropas suíças que estavam lutando pela Igreja de Roma. Ao ajoelhar-se ao lado de um homem ferido para confortá-lo, Zuínglio ficara ferido também e, mais tarde, morrera ao ser traspassado por uma lança. Vingativamente, o inimigo esquartejou e queimou o seu corpo. Era 11 de outubro de 1531.

Mas o estudante em Paris, caso tenha ouvido notícia da batalha de Kappel, não lhe dera maior atenção. Estava compenetrado nos seus estudos, e escrevia um livro. Não poderia saber que um dia adotaria a terra natal de Zuínglio e tornar-se-ia conhecido como um reformador ainda maior do que aquele que havia sido morto aos quarenta e oito anos de idade, aos pés de uma pereira, numa colina, junto à estrada.

VII. Escritor Arruinado

O livro estava escrito. Levou sete ou oito meses de intenso labor, além das muitas horas em conferências e estudos. Com o orgulho próprio a um jovem estudioso, João Calvino levou seu manuscrito ao tipógrafo cuja oficina se encontrava sob a tabuleta dos Dois Galos. Tinha vendido alguns dos seus pertences para custear parte do custo de impressão. O resto do dinheiro lhe havia sido emprestado.

O livro foi dedicado ao seu amigo de infância, Claude de Hangest, sobrinho do bispo de Noyon. Claude era agora o abade do mosteiro de Saint Eloi, em Noyon. “Aceite este, o primeiro dos meus frutos”, escreveu João Calvino, “pois pertence-lhe por direito, porquanto devo-lhe o que sou e o que tenho, e, especialmente, porque fui criado quando menino em sua casa”.

Em abril de 1532, o livro saiu da tipografia. Era um ensaio sobre Sêneca, o filósofo romano que foi contemporâneo do apóstolo Paulo. Os eruditos da época gostavam de assim fazer —ler famosos e antigos manuscritos e então escrever sobre eles. Como o primeiro livro de um autor com somente vinte e dois anos de

idade, o Comentário de João Calvino sobre Sêneca era, de fato, uma obra admirável. Foi escrito em excelente latim. Havia citações de cinquenta e seis escritores latinos, de vinte e dois autores gregos, sete santos padres da igreja, além de autores contemporâneos. Havia somente três pequenas referências bíblicas.

Mas o livro não vendia. Quase ninguém tomou conhecimento da sua publicação. João Calvino implorava aos seus amigos para que comprassem o livro, que o recomendassem a outros, que pedissem aos seus professores que o usassem. Enviou um exemplar ao sábio Erasmo em Basileia. Mesmo assim o livro não era vendido. Já era ruim um jovem autor ser ignorado; pior era ficar endividado pela publicação do livro.

Mesmo assim, não era essa a vida que ele queria? Uma vida desembaraçada para estudar e escrever. Sim, era esse o seu desejo. Mas, pensava consigo mesmo, quem sabe a hora fosse propícia para concluir o curso de direito que havia sido interrompido pela morte de seu pai. As pequenas malas de livros e outros pertences foram remetidos para Orléans. Seguiu-os o seu dono, a pé.

A fama do magro e brilhante aluno que jamais ia às festas ainda perdurava em Orléans desde o ano em que João Calvino lá estudara. Com evidente respeito, os alunos que vieram da província de Picardy elegeram-no como procurador para cuidar dos seus assuntos. Resmungaram, porém, quando ele deixou de promover uma festa para celebrar sua eleição, dando o dinheiro que seria usado na festa para a compra de novos livros para a biblioteca da universidade. Mas respeitavam-no sempre.

Novamente, João Calvino permaneceu um ano em Orléans. Saiu repentinamente, chamado a Noyon pelo seu irmão Carlos, cujos problemas com a igreja aumentavam. O curso de direito estava quase concluído, mas João, aparentemente, não esperou pelo grau de doutor. De volta à casa na praça do mercado, observava as demonstrações contra os hereges conhecidos como luteranos. Compareceu a uma reunião do clero, do qual ainda era membro oficial. Não se conhecem as suas atividades a favor do seu irmão Carlos nessa ocasião.

Era setembro de 1533 quando João Calvino voltou a Paris, hospedando-se na Casa do Pelicano com Etienne de La Forge, um mercador de tecidos.

Dali a três meses João Calvino estaria fugindo para salvar sua vida.

VIII. A Fuga

Havia novidade em Paris.

Nicolas Cop, o jovem reitor da Universidade de Paris, havia feito a sua palestra anual à comunidade universitária no Dia de Todos os Santos. Em vez de

falar sobre os santos e a santa igreja, Cop usou o texto: “Bem-aventurados os humildes de espírito”, dissertando sobre os evangelhos e a graça gratuita de Deus. Falou contra a perseguição àqueles que retornavam à Bíblia. Citou Erasmo, cujas obras foram banidas pela Universidade da Sorbonne. Embora não declarasse a origem de outras citações, eram palavras semelhantes às de Lutero.

Os professores da Sorbonne ficaram furiosos. Dois monges correram ao parlamento e exigiram que o reitor fosse julgado. Não podiam recorrer ao rei porque Francisco I estava em Marseilles, arranjando o casamento do seu segundo filho com a sobrinha do Papa que havia chegado de navio para encontrar-se com o rei.

Havia mais uma coisa estranha sobre a palestra do reitor. Diziam à boca pequena que Cop tinha sido aconselhado por um jovem estudioso chamado João Calvino. Nicolas Cop e João Calvino eram amigos por dez anos ou mais, e eram vistos juntos com certa frequência. O que aconteceria agora com ambos, com o poder da Sorbonne a atacá-los?

Em fins de novembro, 1533, quase um mês após sua oração, Nicolas Cop dirigia-se ao palácio num cortejo acadêmico. Com sua toga de reitor, e os bedéis à sua frente levando os báculos dourados do seu ofício, ia atender a uma convocação do parlamento. De repente, um mensageiro entregou-lhe uma advertência enviada por um amigo parlamentar. Fuja logo para salvar sua vida, disse-lhe o mensageiro, pois a Universidade da Sorbonne acaba de persuadir o parlamento a não libertá-lo; o rei está ausente e não pode salvá-lo.

Nicolas Cop entrou imediatamente num beco, tirou o gorro e a toga, e desapareceu no meio de um grupo de alunos prestativos. Dentro de uma hora tinha saído disfarçado pela Porta Saint Martin. Fugiu tão depressa que levou consigo a chancela da universidade.

Essa fuga foi demais para o chefe de polícia, o qual logo mandou seus beleguins prenderem João Calvino a qualquer custo. Mas os estudantes novamente derrotaram as manobras das autoridades. Enquanto alguns conversavam com os beleguins ao pé da escada, outros ajudavam João Calvino escapar por uma janela de trás, numa corda feita às pressas com roupa de cama. Na casa de um amigo vitivinicultor, João vestiu roupas de camponês. Saiu da cidade com uma enxada nos ombros, caminhando em direção a Noyon. Os beleguins tomaram os livros e papéis, mas não o dono.

Como foi que João Calvino se tornou um homem caçado? Até então era conhecido como brilhante aluno, jovem autor, um erudito que prometia para o futuro, e um homem ainda com compromissos para o sacerdócio. Quando foi que essas ideias compartilhadas com Nicolas Cop e condenadas pela Sorbonne dominaram o seu coração?

João Calvino tinha ouvido essas ideias há muitos anos —de Lefèvre, Lutero, Zuínglio, cujos escritos tinha lido. Seu primo Olivétan tinha discutido tais assuntos com ele quando eram colegas de estudo. Ouviu-os da mesma forma do seu professor de grego Wolmar, a quem muito admirava. Tinha-os ouvido também, com amargura, do seu irmão Carlos, agora excomungado da igreja pelas suas heresias. O próprio João Calvino havia encontrado essas ideias ao ler a Bíblia nos originais, grego e hebraico. Mais recentemente havia visto essas ideias em prática na vida de mártires queimados e na residência do piedoso de La Forge, cujo lar era um lugar secreto para o encontro de crentes vindos de toda a parte.

Por muito tempo o coração de João Calvino não estava pronto para receber essa verdade. "O pináculo da minha vontade", declarou, "era desfrutar o lazer literário, com uma vida razoavelmente honrada e desimpedida".

"Mas... embora tivesse períodos de tranquilidade, eu ainda estava longe da verdadeira paz de consciência. (...) E quanto mais eu me examinava a mim mesmo, mais agudas se tornavam as picadas de consciência, até que o único consolo que me sobrava era o de tentar tudo esquecer. (...) Eu estava seguindo o caminho que havia iniciado, quando apareceu uma forma de doutrina muito diferente. Não era doutrina para afastar-nos da confissão cristã, mas uma que nos traria de volta ao manancial, tirando, por assim dizer, os detritos e restaurando-a à sua pureza original. Ofendido pela novidade, dei-lhe ouvidos relutantes e, confesso, a resisti ardorosa e apaixonadamente... Com enorme dificuldade fui induzido a reconhecer que, durante toda a minha vida, laborava em ignorância e erro... Minha mente estava agora preparada para atenção mais séria. Não tardou que eu percebesse, como se uma luz houvesse raiado sobre mim, o monturo de erros em que eu havia me emaranhado. Com grande temor e medo da miséria em que eu havia caído, e ainda mais receoso do que me ameaçava, a possibilidade de morte eterna, não podia fazer outra coisa senão seguir o Teu caminho, condenando o meu passado com não poucas agonias e lágrimas".

Foi assim que João Calvino escreveu a um cardeal, seis anos após a palestra de Nicolas Cop no Dia de Todos os Santos. João Calvino colocara essas palavras na boca de um convertido imaginário à fé Protestante. Mas eram palavras de sua própria experiência também. Era um homem criado na igreja, trabalhando febrilmente para encontrar a paz por outros meios —dominando os estudos, escrevendo um livro, tornando-se pesquisador humanista. Finalmente, constrangido e teimoso, ele dá meia-volta na estrada da vida, obedecendo à ordem de Deus mesmo. Converte-se. Assim como o apóstolo Paulo, João Calvino caminhara pela sua estrada de Damasco.

"Deus, por uma repentina conversão, subjugou... meu coração", revela

Calvino no prefácio do seu comentário aos Salmos. “Fiquei imediatamente inflamado com um desejo tão intenso de progredir na nova fé que, embora não abandonasse completamente os outros estudos, eu os buscava com menos ardor”. Donde se conclui que a sua mudança repentina deve ter ocorrido após o difícil trabalho no comentário de Sêneca onde mal havia mencionado a Bíblia. Podia ter ocorrido nos meses finais de estudo em Orléans. Talvez a luz tivesse raiado sobre ele enquanto residia com seu piedoso hospedeiro de La Forge na Casa do Pelicano.

Onde quer que tenha acontecido, o fato era que João Calvino, o candidato ao sacerdócio, o advogado, o pesquisador secular, não mais existia. Em seu lugar estava agora João Calvino, servo de Jesus Cristo.

IX. Entre Nobres e Eruditos

Desde o dia de novembro quando deixara Paris com seu disfarce de vitivinicultor, Calvino perambulava. Primeiramente, foi até Noyon, onde permaneceu alguns dias. Mas Margarida, irmã do rei, soube da sua quase captura. Persuadiu ao rei, o qual já estava de volta em Paris, a mostrar misericórdia a Calvino. O homem caçado voltou a Paris e foi recebido gentilmente em audiência por Margarida. Teria visitado de La Forge antes de sair da cidade novamente.

Foi agora a Angoulême, à casa de um amigo e colega de classe, Louis du Tillet. Du Tillet era um cônego na catedral daquela cidade, mas era simpático às ideias de Lefèvre. Morava numa enorme casa e tinha herdado de seu pai uma biblioteca de três a quatro mil volumes, o que era ótima biblioteca naqueles dias.

Calvino era bem-vindo ali, e ali permaneceu por alguns meses com um nome fictício. Tinha pelo menos nove nomes fictícios que usava em ocasiões e lugares diferentes. Na casa de du Tillet Calvino era conhecido como Charles d’Espeville.

A biblioteca de du Tillet era um retiro ideal para estudar. Calvino passou a dar tempo integral ao estudo da fé cuja luz tinha brilhado repentinamente sobre ele. Com satisfação ali se ocultou, escrevendo ao seu amigo François Daniel em Orléans: “A experiência me ensinou que não podemos ver muito além de nós. Quando eu me entregava a uma vida tranquila e fácil, era então que aparecia o que eu menos esperava; e, ao contrário, quando a minha situação parecia desagradável, um plácido ninho era feito para mim, muito além da minha expectativa. Era o Senhor que assim fazia. Quando nos entregamos a Ele, Ele mesmo cuida de nós”.

Mas o homem de nome fictício não ficaria a sós no seu sereno ninho. Homens eruditos, hospedados na casa de du Tillet, o procurariam para conversar

com ele. Mas Deus o impeliu dos seus estudos para andar pelas cercanias, visitando os lares e vilas dos camponeses. Magro, vestido de preto, estava em todos os cantos. Dirigia reuniões secretas nos lares. Reunia seus entusiasmados ouvintes numa gruta perto do rio. O povo o procurava, despreocupado com a sua própria segurança, para ouvir esse homem caçado.

Em abril de 1534, Calvino visitou o velho professor Lefèvre, a quem ainda não conhecia. Lefèvre estava de volta à sua terra natal, residindo em Nérac, uma cidade sob a proteção de Margarida, rainha de Navarro. Lefèvre tinha quase cem anos de idade. A última edição da sua Bíblia em francês tinha sido publicada recentemente.

E agora, ali estava diante dele esse jovem, com vinte e cinco anos incompletos, já conhecido como um líder daqueles que voltavam às Escrituras. Tanto o velho quanto o jovem amavam a França. Ambos nasceram na província de Picardy, conhecida pelo seu corajoso povo. O velho tinha sido o primeiro líder da Reforma Francesa. Tinha escolhido dirigi-la por caminhos pacíficos, permanecendo dentro da Igreja de Roma, esperando reformá-la de dentro. Alguns acham que o velho professor se arrependeu disso nos seus últimos anos. Dizem que ele falou ao jovem e impetuoso líder da impossibilidade de enfrentar Sorbonne, a igreja e o palácio, e quão fútil era a tentativa de levantar a Igreja de Roma da decomposição e da superstição em que se encontrava atolada. Teria dito a Calvino: “você será um instrumento para o estabelecimento do Reino de Deus na França!”. Teria sentido que o seu manto de liderança cairia sobre os ombros do jovem que o estava visitando?

Ninguém sabe o que conversaram, o velho líder às portas da morte e o novo intensamente devotado à nova fé que tinha descoberto há pouco. Após a entrevista, Calvino foi a Noyon. Tinha tomado uma resolução. Não era para ele o caminho do velho mestre que futilmente esperava mudar a igreja de dentro. Para uma nova fé precisava haver uma nova igreja — mas nem a fé e nem a igreja eram novas. A fé era antiga, mais velha do que a cruz do Senhor. Mas estava perdida e agora tinha sido reencontrada na Palavra de Deus. E a igreja a renascer precisaria ser como a igreja primitiva, como a igreja após Pentecostes, uma igreja de Cristo, pautada pela Palavra.

Dois meses antes do seu vigésimo quinto aniversário, João Calvino se apresentou perante o clero de Noyon, na catedral sob cujas sombras ele havia crescido. Afirmou perante esses clérigos espantados, muitos dos quais o conheciam desde a infância, que não estava mais disposto a ser padre. E que estava também decidido a abrir mão do seu benefício com salário pago em milho e trigo.

Era 21 de maio de 1534. O mais famoso filho de Noyon saiu das suas portas

pela última vez, seguindo pela mesma estrada que o havia levado a Paris quando menino. Não mais caminharia por aquela estrada ou entraria nesta casa situada na praça do mercado.

Seguiu o seu caminho, sem lar e sem igreja.

X. Errante e Perseguido

Foi um ano de perambulações, um ano sendo caçado.

Calvino era caçado como herege apto para o fogo. De formas diferentes, era também caçado por pessoas sedentas da verdade que ele ensinava e pregava. Recordando esses meses, Calvino escreveu: “Deus me dirigiu por tantas voltas e mudanças, que Ele nunca permitiu que eu descansasse em qualquer lugar”.

Voltou a Paris, após ter saído de Noyon pela última vez. Não podia permanecer ausente dos crentes da capital. Conhecia suas senhas e seus pontos secretos de reunião. Estava de volta à casa de De La Forge, o qual temia pela segurança de Calvino. Cautelosamente entrava e saía das casas dos fiéis, ensinando-os, encorajando-os, fortalecendo-os.

Calvino falava em muitas reuniões secretas, reuniões algumas vezes desbaratadas pela polícia. Ele também sabia escapulir pelas saídas de fundo, saltar por uma janela, sumir-se na escuridão, livrar-se do tiro de um trabuco. Naqueles dias, Calvino, levantando suas mãos aos céus, dizia no fim das suas mensagens: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Os que não escapavam da polícia, cujos lugares nas reuniões secretas estavam vazios por estarem aguardando na prisão a sua vez na pira de fogo —estes davam testemunho corajoso da verdade dessas palavras.

De La Forge novamente insistia com Calvino para que saísse de Paris. Dizia-lhe que não estava seguro ali. Que toda a França precisava dele. Que os Protestantes não tinham líder e que, por conseguinte, precisavam dele. Que viajasse antes que fosse tarde demais.

Mas Calvino esperava. O povo de Paris precisava dele também. Havia, outrossim, um encontro que tinha agendado com um jovem espanhol chamado Serveto. Este Serveto, dois anos mais novo que Calvino, negava a Trindade de Deus e ousadamente afirmava ser o possuidor exclusivo da verdade. Tinha vindo a Paris porque não encontrava convertidos às suas ideias nos estados germânicos. Esperava agora convencer o francês com quem se avistaria.

Calvino foi ao lugar combinado para o encontro. Esperou impacientemente pelo espanhol. Mas Serveto não apareceu. Apareceria perante Calvino dezenove anos mais tarde, numa cidade suíça.

De Paris, Calvino seguiu para outras cidades. Foi, primeiramente, à região dos urzais que cercavam Poitiers. Ali palestrava e ensinava num bosque e, mais

tarde, numa caverna iluminada pela luz de archotes. Dizem que foi nesta caverna que Calvino celebrou a Ceia do Senhor pela primeira vez, usando uma pedra chata como mesa. Fê-lo com simplicidade, citando as palavras de Cristo, sem a pompa da missa Católico-Romana. Foi de Poitiers que Calvino enviou os primeiros missionários, três homens que deveriam pregar e ensinar onde houvesse gente para escutar.

Mas a polícia fechava o cerco novamente, quando informada sobre o homem vestido de preto que estava hospedado na cidade. Calvino escapou para Angoulême, à casa do seu colega du Tillet. Muitos o encontraram novamente e pediram que lhes ensinasse. “Todos os meus retiros eram escolas públicas”, disse o homem que se considerava acanhado e tímido.

Seguiu depois para Orléans, onde havia estudado direito. Ali concluiu seu primeiro volume publicado após sua conversão. Era um pequeno livro em latim com o imponente título, Psychopannychia. Nesta obra Calvino escreveu contra aqueles que acreditavam que a alma dorme depois da morte até o último juízo. A alma está viva e acordada, asseverava Calvino, embora tenha deixado o corpo. Em Orléans, Calvino também escreveu dois prefácios à tradução francesa da Bíblia feita por seu primo Olivétan. Estas composições cristãs representavam o novo Calvino, pois eram singularmente diferentes das suas palavras eruditas sobre Sêneca.

Foi mais ou menos nessa época que grandes pacotes de cartazes chegaram secretamente a Paris e a outras cidades francesas. Os cartazes, escritos em francês, protestavam contra a missa Católico-Romana. Na manhã de 18 de outubro de 1534, os cartazes misteriosamente apareceram em muitos lugares públicos. Apareceram até no quarto real, no lugar reservado para os lenços de sua majestade. Corriam boatos que o autor tinha sido Farel, o reformador de barba ruiva, que os teria escrito na Suíça onde estava agora trabalhando. A linguagem era dura e provocadora.

O rei Francisco I, cujo nome tinha sido mencionado nos cartazes, resolveu vingar-se. A Igreja de Roma também não conseguia conter a sua raiva. O Caso dos Cartazes, como ficou conhecido, encheu as prisões. A fumaça de corpos queimados subia continuamente. Uma nova tortura era usada: um pelourinho de flagelação ajustado para levantar a vítima do fogo e devolvê-la às chamas, assando-a paulatinamente ao invés de queimá-la de uma vez. Em nenhum canto da França havia segurança para um Protestante.

João Calvino, ainda buscando sossego para poder estudar e escrever, viajava em direção à fronteira germânica e Rio Reno. Louis du Tillet o acompanhava a cavalo, levando consigo dois empregados, tendo deixado o seu trabalho e os seus livros encadernados de couro para estar com seu amigo.

Os amigos cavalgavam para o nascente, direção a Metz, a trezentos e vinte quilômetros de Paris. O inverno frio os castigava com picante vento. Em cada pensão onde paravam, os viajantes imaginavam a possibilidade de serem descobertos e entregues como hereges. Calvino viajava com mais dois companheiros e constantes dor de cabeça e desarranjo estomacal. E como se isso tudo não bastasse, os amigos acordaram certa manhã para descobrir que um dos empregados havia furtado a bolsa de dinheiro. O ladrão tinha fugido a cavalo, deixando-os sem vintém. Não podiam pedir dinheiro sem revelar as suas identidades. O outro empregado, pessoa de melhor estirpe, emprestou-lhes o suficiente para que atravessassem a fronteira e chegassem a Estrasburgo, onde Calvino tinha amigos entre os ministros Protestantes. O pastor Martin Bucer lá estava ajudando os refugiados franceses que fugiam da perseguição. Calvino tinha-lhe escrito a favor de um desses refugiados.

Talvez não houvesse paz suficiente em Estrasburgo, pois Calvino e du Tillet seguiram para o sul. Há uma história que conta que Calvino parou nesta viagem para visitar o sábio holandês Erasmo. Erasmo recuperou para o mundo o Novo Testamento ao traduzi-lo novamente do grego. Mas este grande homem, que havia aberto o caminho para a Reforma, descobrira que “do ovo que botou, um pássaro completamente diferente havia sido chocado por Lutero e Zuínglio”. Erasmo recuara então da sua nova fé e fizera as pazes com o Papa, o qual lhe oferecera um chapéu cardinalício pela sua mudança de coração. Seria lembrado na história como um erudito humanista, outrora vinculado à Igreja de Roma. Quando Calvino o visitou, Erasmo estava velho, quarenta anos mais do que Calvino, e a poucos anos da morte. Teria recebido com indiferença o jovem líder francês que parara para visitá-lo?

Em princípios de 1535, os amigos chegaram a Basileia a cavalo, o centro suíço de estudos e de publicações. Ali por mais de um ano, terminaram as suas perambulações. Calvino havia encontrado, finalmente, o seu retiro. Alugou um quarto numa casa suburbana pertencente à Sra. Catherine Klein, fechou a porta e pôs mãos à obra.

Assumiu o nome de Martinius Lucanius, estranhamente parecido com o de Lutero.

Somente um punhado de pessoas conhecia a verdadeira identidade de Lucanius. Uma delas era Nicolas Cop, o ex-reitor, agora residente em Basileia. Não havia visto Calvino desde o dia em que Cop havia sido avisado a caminho do palácio de que o procuravam para prendê-lo e Calvino tinha escorregado por uma corda de roupas de cama para esquivar-se dos beleguins à sua porta. Longe de Paris, aguardavam ambos com ansiedade as notícias das terríveis perseguições que ocorriam no seu torrão natal.

As notícias não eram nada boas. Algum prisioneiro intimidado, para poupar a sua vida, tinha indicado as casas daqueles que participavam das reuniões secretas. O ódio tinha caído sobre eles embora não tivessem afixado os audaciosos cartazes. De La Forge, aquele homem piedoso e generoso e cuja casa era um refúgio para os crentes, tinha morrido na fogueira. Sua esposa estava na prisão. Calvino não podia imaginar a Casa do Pelicano sem esses queridos amigos. O sapateiro paralítico Milon tinha sido jogado na carroça que o levou à morte por lenta torrefação. Calvino o conhecia bem — o homem que não podia caminhar, mas cujo meio de vida era fazer sapatos para quem podia. Du Bourg, um rico negociante que havia estado nas reuniões secretas, estava morto também. E Poille da mesma forma, cuja língua tinha sido grampeada à sua bochecha porquanto, ao ser levado ao pelourinho, não cessava de falar sobre o seu Salvador. Haveria muitos lugares vazios nas reuniões secretas em Paris.

O rei Francisco I não mais agia com volubilidade para com os Protestantes. Os apelos de sua irmã Margarida não mais o comoviam. Mas teve ainda a bondade de soltar três ministros da prisão e mandá-los a um mosteiro. Dois deles ali se arrependeram de suas convicções Protestantes e voltaram à Igreja de Roma. O terceiro, Corault, quase cego, conseguiu escapar, tendo chegado até Basileia. Ali encontrou-se com Calvino, a quem relatou o que estava acontecendo em Paris.

Era evidente que Francisco I achara conveniente inventar uma grande mentira sobre as suas perseguições. Era suficientemente sagaz para perceber que outros países, especialmente os estados Protestantes da Alemanha, o odiariam por suas crueldades. Precisaria destes países como aliados seus contra o imperador Carlos V que o havia derrotado em Pavia. Francisco I escreveu, pois, aos príncipes germânicos, explicando que os homens que havia lançado nas prisões e nas fogueiras eram da pior espécie: rebeldes, agitadores, um amontoado de anabatistas que desejavam separar a igreja do estado.

Teriam sido rebeldes e agitadores o generoso de La Forge, o paralítico Milon, os outros cujas faces Calvino conhecia, e todos os demais que ele lembrava como irmãos no Senhor? Não havia na França quem poderia falar por aqueles que morreram na fogueira. Não havia quem falasse a verdade sobre a fé dos mártires. Mas um francês no exílio podia falar.

O francês que estava hospedado com a Sra. Klein em Basileia sentou-se à sua escrivaninha e mergulhou sua pena no tinteiro. Trabalhou febrilmente para concluir o que estava escrevendo. Era o fim do verão quando escreveu a carta dedicatória. Acrescentando a carta aos seis capítulos já concluídos, Calvino foi à casa de Thomas Platter, o tipógrafo cuja oficina se encontrava na tabuleta do Urso Preto.

XI. Um Livro a Um Rei

O homem a quem o livro de Calvino foi dedicado jamais chegara a ler a carta de vinte e uma páginas que lhe fora endereçada. “À sua Majestade Cristã, Francisco, Rei dos Franceses e seu Soberano, João Calvino almeja paz e salvação em Cristo”. Assim começava a carta, em latim. Mas a “sua Majestade Cristã, Francisco”, estava ocupado com suas amantes e seus bailes, com seus esquemas para fazer alianças contra seus inimigos. Talvez tivesse lido a carta e os capítulos que a seguiam se alguém o tivesse convencido que o tal livro, após quatro séculos, ainda seria incluído entre o punhado de obras que moldariam o pensamento do mundo. O rei Francisco não podia adivinhar que a carta que lhe fora endereçada seria considerada uma obra-prima de eloquência candente, e que seria lida por milhões em muitas línguas.

As **Institutas da Religião Cristã**, por João Calvino de Noyon, não haviam começado como um apelo ao rei da França. Tinham a intenção de ajudar os novos Protestantes que precisavam conhecer as verdades da Bíblia. Ninguém da Reforma tinha escrito estas verdades numa forma ordenada. A grande contribuição de Lutero tinha sido a tradução da Bíblia para o alemão, e havia também escrito outras coisas sobre vários assuntos. A Igreja de Roma tinha um grande sistema daquilo que considerava ser a verdade. O povo da Reforma tinha a Palavra de Deus, mas quem os conduziria a compreendê-la no todo?

Quem lhes mostraria o que ela dizia sobre Deus e Jesus Cristo e o Espírito Santo, sobre os sacramentos e a igreja, sobre fé e oração, sobre a lei e liberdade na vida cristã?

Tal manual, um pequeno livro, estava sendo preparado pelo asilado francês em Basileia quando chegou-lhe a notícia das mortes ardentes dos seus amigos. Veio-lhe, depois, notícia sobre as mentiras de Francisco I. Com um repentino lampejo de propósito, Calvino percebeu como poderia defender perante o mundo a verdadeira fé daqueles que estavam sendo tão falsamente acusados. Ele viu, também, como poderia até comover o coração do próprio rei. O livro tornou-se mais do que um manual de estudo. Transformou-se numa magistral **Confissão de Fé** — a fé que estava sendo selada com a carne carbonizada dos mártires da França.

“Quando iniciei este trabalho, Excelência”, diz Calvino ao seu rei, “nada mais longe dos meus pensamentos do que a ideia de escrever um livro que seria mais tarde presenteado à vossa Majestade. Era intenção minha somente formular alguns princípios elementares pelos quais os interessados... pudessem ser instruídos sobre a natureza da verdadeira piedade. Empreendi tal labor em prol, principalmente, dos meus patrícios franceses, multidões dos quais vi estarem

sedentos de Cristo, mas pouquíssimos possuindo qualquer conhecimento real a respeito... Mas quando vi que a fúria de determinados homens perversos no vosso reino tinha crescido a tal ponto de não deixar lugar no país para a sã doutrina, considerei que eu seria melhor usado se no mesmo trabalho eu lhes entregasse minhas instruções, como também vos exibisse minha confissão, para que soubésseis a natureza daquela doutrina que é o objeto de tanta cólera incontida por parte daqueles loucos que ainda agora estão convulsionando o país com fogo e espada...”.

“Eu vos rogo, por conseguinte, Excelência — e certamente não é um pedido exorbitante — tomar para vós a compreensão cabal desta causa que até aqui tem sido agitada, confusa e descuida, sem qualquer ordem legal, e com afrontosa paixão em vez de seriedade judicial. Não penseis que esteja eu agora delineando minha própria defesa individual a fim de operar um retorno seguro para meu país natal; porquanto, embora eu sinta por ela a afeição que todo o homem deva sentir, mesmo assim, nas atuais circunstâncias, não lamento que eu esteja dela removido. Pleiteio, porém, a causa dos piedosos, e, consequentemente, do próprio Cristo... Certamente, Excelência, vós não desviareis os vossos ouvidos e pensamentos de tão justa defesa. (...) Esta é uma causa que é digna da vossa atenção,... digna do vosso trono...”.

“Que mais direi? Deveis rever, Excelência, todas as partes da nossa causa e considerar-nos pior do que a mais abandonada parcela da humanidade caso não descobrirdes claramente que ‘labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo’, porque cremos que ‘a vida eterna é conhecer o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou’. Por causa desta esperança estamos alguns acorrentados, outros flagelados com açoites, outros carregados daqui para ali como palhaços, outros torturados cruelmente, outros que escapam pela fuga...”.

Com a mente aguda de exímio advogado, Calvino argui cada acusação levantada contra os Protestantes. Cita as Escrituras abundantemente. Cita os santos padres da igreja. Sua linguagem é, às vezes, incisiva e forte. Ele está pleiteando com o rei, mas pleiteia a verdade e não tem receio de usar linguagem candente.

“Somos pacíficos e honestos”, é a maneira de descrever a si mesmo e àqueles na França que são acusados como agitadores. “Mesmo agora no exílio, não deixamos de orar para que toda a prosperidade vos acompanhe e ao vosso reino”. Aprendemos, “pela graça divina”, a sermos mais pacientes, humildes, modestos. Se alguns usarem o Evangelho como um “pretexto para tumultos”, tendes as leis para puni-los. Mas não culpeis, então, o Evangelho de Deus.

“Excelência,... não perdemos a esperança de recuperar o vosso favor se

lerdes com calma uma única vez... esta nossa confissão, que pretende ser nossa defesa perante vossa Majestade. Se ao contrário, porém, os vossos ouvidos estiverem tão preocupados com os cochichos dos mal-intencionados a ponto de não permitir aos acusados a oportunidade de falarem por si mesmos, e se aquelas fúrias afrontosas, com a vossa conivência, continuarem a perseguir com aprisionamentos, açoites, torturas, confiscações, e chamas, seremos, indubitavelmente, como ovelhas destinadas ao matadouro, reduzidos às maiores agruras. Mesmo assim, com paciência, possuiremos nossas almas e aguardaremos a poderosa mão do Senhor, a qual incontestavelmente se manifestará a bom tempo, mostrando-se armada para resgatar os pobres das suas aflições e para punir os seus desprezadores, os quais agora exultam amparados por perfeita segurança. Queira o Senhor, o Rei dos reis, estabelecer o vosso trono com retidão, e o vosso reino com equidade”.

Estas foram algumas das sentenças eloquentes que Francisco, rei da França, jamais leu.

O livro cresceu nos anos seguintes. Geralmente chamado de **As Institutas**, cresceu como uma planta cresce da semente. Em quatro edições, Calvino aumentou-o de seis para oitenta capítulos, constituindo quatro volumes grandes. Nada havia nos oitenta capítulos que já não estivesse na semente dos seis capítulos. O homem doente de cinquenta anos que mais tarde labutaria para concluir a edição final não interpretava a Palavra de Deus de modo diferente daquele moço de vinte e cinco anos escondido em Basileia.

Na sua última edição de 1559, as **Institutas** seguiram a ordem do Credo dos Apóstolos na discussão das “verdades da religião cristã”. Três das quatro edições foram publicadas em latim escorreito. A outra, num francês vívido e magnífico. Nos dias de hoje as **Institutas** podem ser lidas em, pelo menos, dez línguas[1].

Foi assim que apareceu a poderosa obra que recolheu da Palavra de Deus um completo sistema doutrinário. As Institutas começaram com Deus, concluíram com Deus e encontraram todas as coisas em Deus, o Deus triúno. Calvino escreveu com clareza, com uma lógica de advogado. Escreveu eloquentemente, como um autor que maneja com perícia as suas palavras. Escreveu brilhantemente, com uma mente que aprende a inteireza da verdade de Deus como é possível ao homem conhecê-la. Escreveu apaixonadamente, com um coração devotado inteiramente ao seu Senhor. E escreveu humildemente, porquanto sua vida tinha sido resgatada do lodaçal do pecado unicamente pela graça de Deus.

Ninguém havia escrito assim anteriormente. E, posteriormente, ninguém conseguiu escrever de maneira a aproximar a magnificência com que Calvino expôs as “verdades da religião cristã”.

Mas João Calvino de Noyon não tomou conhecimento deste sucesso. Preferiu, mesmo nos dias da primeira edição, ficar às escondidas, por detrás de porta fechada, usando nome fictício. “Que o meu objetivo não era a aquisição de fama, transpareceu no seguinte: logo após a publicação saí de Basileia, e ainda do fato que ninguém lá sabia que eu era o autor”.

O pensionista da Sra. Klein, Martinius Lucanius, tinha gasto muito do seu tempo na oficina marcada pelo Urso Preto. Estava lendo as provas do livro cuja página inicial dizia em latim: “João Calvino de Noyon”. Era fevereiro de 1536. Quando concluiu a revisão, antes do livro aparecer à venda em março, Lucanius e seu companheiro du Tillet haviam saído da cidade. Na estrada ao sul de Basileia, Lucanius tornou-se Charles d’Espeville, um nome que significa Cidade de Esperança. Du Tillet tornou-se Louis de Hautmont, que significa Montanha Alta.

Os senhores Cidade de Esperança e Montanha Alta estavam a caminho da Itália, a terra do Papa, sede da Igreja de Roma.

XII. Viajando Pela Itália e França

Num castelo no norte da Itália vivia uma mulher francesa que teria sido rainha da França não fosse a lei que determinava que o trono era tão-somente para homens. Filha do rei Luís XII[2], a princesa Renée tinha contratado casamento com o imperador Carlos V[3] e, depois, com Henrique VIII da Inglaterra, ambas as vezes por razões políticas. Pelo mesmo motivo casou-se mais tarde com um italiano, o duque Hércules de Ferrara. Hércules mantinha estreita relações com a Igreja de Roma. Bem estreitas, pois era neto do Papa.

O duque trouxe a sua duquesa para morar na Itália, num grande acompanhamento de clarins dourados e pajens de escarlate. Embora seu enorme castelo em Ferrara mostrasse sinais de desmoronamento e mofo, a vida da corte era ali divertida e extravagante, uma sucessão interminável de bailes, banquetes, e comédias. Anões, macacos, e Papagaios aumentavam o colorido variegado.

A duquesa Renée levara consigo da França uma fé que não agradava ao duque. Ela a aprendera do velho professor Lefèvre, da sua prima Margarida, e de outros. De início, o duque a tolerou, não se opondo à presença de franceses na sua corte. Mas a Igreja de Roma não tardou a apontar-lhe seu dever. Esses franceses eram inimigos do Papa, pois seguiam as heresias Protestantes; não podiam de maneira alguma ficar no castelo de Hércules, neto do Papa.

O duque Hércules já estava começando a restringir os amigos de sua esposa quando os viajantes de Basileia chegaram aos muros de Ferrara. Teriam chegado disfarçados de monges. A duquesa Renée os recebeu com entusiasmo. O seu secretário, um poeta chamado Clement Marot, ter-lhe-ia informado sobre o

jovem líder dos Protestantes franceses. Marot tinha sido o suspeito número sete no Caso dos Cartazes em Paris, refugiando-se em Ferrara.

Com a vinda de Calvino, a duquesa precisaria protegê-lo contra a Inquisição que já começava a levantar suspeitas sobre alguns dos seus hóspedes. Tinha ela, na ocasião, somente vinte e quatro anos de idade. Anos penosos estariam à sua frente. Seria pressionada a voltar à Igreja de Roma. Ao recusar, seria aprisionada. Seus filhos ser-lhe-iam tirados para que fossem criados na fé romana. Assumiria aparência de obediência a Roma com o fim de retornar à sua família. Após a morte do duque Hércules, ela voltaria ao seu castelo na França para transformá-lo num hospital e num refúgio para os Protestantes perseguidos. Nas guerras religiosas francesas que ainda aconteceriam, seu próprio genro conduziria as tropas contra os Protestantes. Mas Renée permaneceria firme na sua fé.

Nessas dificuldades todas à sua frente, o seu conselheiro fiel seria o jovem vestido de preto que estava agora animando-a na corte de Ferrara. Não tornaria jamais a ver João Calvino, mas o seu conforto e estímulo ajudá-la-iam a ser leal à fé. Por intermédio de cartas, frequentemente introduzidas no palácio ou na prisão às escondidas, a duquesa era encorajada por seu conselheiro espiritual.

Vinte e oito anos mais tarde, no seu leito de morte, Calvino ditaria sua última carta à duquesa, que então morava no castelo Montargi, na França. Ela estava preocupada pelo fato de ser sogra daquele que lutava tão ferozmente contra os Protestantes. Mas Calvino ditou-lhe, com voz que mal podia ser ouvida, uma carta tranquilizadora. “Ao contrário”, dizia, “a Sra. é mais querida e respeitada do que antes, pois aquela conexão não a impediu de fazer uma íntegra e pura confissão do Cristianismo, não somente por palavras como também por feitos tão extraordinários... Quanto a mim... tenho em maior admiração ainda as suas virtudes”.

Mas tudo isso estava ainda escondido no futuro. Agora, em 1536, Calvino estava conversando com a própria duquesa. Ele tinha esperança de poder falar com outras pessoas de posição elevada na Itália. Mas era suficientemente prudente para se aperceber de que sacerdotes e cardeais ameaçadores o cercavam. Não adentrou-se, por conseguinte, na Itália. Seu plano tinha sido o de vir a Ferrara para animar a duquesa, que era francesa e Protestante. Esperava que Renée pudesse exercer influência ao seu redor. Tinha até esperança que surgiria oportunidade para falar e pregar. Mas nada disso aconteceu. O laço da oposição estava apertando também no castelo do duque Hércules.

Durante as sete semanas que permaneceu em Ferrara, Calvino escreveu algumas cartas. Uma foi enviada a Gerard Roussel, um ex-pregador de Margarida que Calvino conhecia e respeitava. O Rei Francisco I o salvara da

prisão e o colocara num mosteiro juntamente com os outros dois pregadores de Margarida. Corault, quase cego, havia escapado para Basileia, mas Roussel confessara sua "heresia" e voltara à Igreja de Roma. Por isso, o Papa oferecera-lhe a mitra de bispo, sendo por Roussel aceita. Calvino não podia resistir à vontade de escrever-lhe.

"João Calvino a um antigo amigo, agora um Prelado", dirigiu-se ao novo bispo. "Que acontece a alguém que, assim como você, abandona seu capitão, foge para o inimigo e destrói o princípio por cuja defesa jurou dar a sua vida?... É difícil e bem o sei deixar o lar da gente para tornar-se um peregrino. Mesmo assim, este destino que aos homens parece tão severo é transformado pelo Senhor em puro gozo...".

Os peregrinos que estavam em Ferrara saíram repentinamente. O duque Hércules estava extirpando os hereges da sua corte, e a suspeita tinha agora recaído sobre Charles d'Espeville e Louis de Hautmont. Ambos escaparam para fora dos portões da cidade. Alguns supõem que o homem magro, vestido de preto, pregou ao norte na sua viagem em direção aos Alpes, e que era bem-vindo em algumas vilas e enxotado de outras. Ninguém sabe ao certo o que ocorreu nesta viagem. Seguiram caminho, provavelmente, pelo desfiladeiro Saint Bernard. Os córregos montanheses, inchados pelas neves derretidas, saltavam e estrondavam nos seus leitos pedregosos.

E para onde iria, agora?

Sabia-se que Francisco I, com esperança de converter alguns hereges Protestantes, tinha oferecido seis meses de isenção de perseguição para que os Protestantes no exílio pudessem voltar aos seus lares e à Igreja de Roma. Calvino aproveitou a oportunidade. Atravessou a França e entrou em Paris. Deve ter entrado com grande tristeza, recordando aqueles que ali não mais estavam para recepcioná-lo. Hospedou-se num hotel. A Casa do Pelicano pertencia a outrem.

Está registrado que, em Paris, no dia 2 de junho de 1536, compareceu perante dois tabeliães: "... Jehan Cauvin, Licenciado em Direito, em pessoa, e constituiu seu irmão Antoine, escriturário, residente em Paris, seu advogado geral e especial". João Calvino, possuidor de um grau em direito —de que outra maneira poderia descrever-se aos tabeliães? Um perambulador, um pregador herege, um escritor Protestante? João Calvino, "Licenciado em Direito", estava constituindo seu irmão Antoine como seu advogado para representá-lo na liquidação da propriedade da família em Noyon.

Calvino também discutiu o assunto com Marie, sua irmã favorita. Sua outra irmã, fiel à Igreja de Roma, tinha casado e residia em Noyon. Carlos tinha falecido, excomungado da igreja, tendo sido enterrado à noite, numa cova

desmarcada, fora da cidade.

O povo de Noyon asseverava que a família de Gerard Calvin tinha dado em nada. Tinha sido uma família tão respeitada, tão fiel à igreja mãe. A filha do hoteleiro morrera cedo demais para conservar seus filhos no caminho da igreja. O advogado do clero tinha se tornado embirrante nos seus negócios com os homens da igreja. Tinha morrido assim, sem fazer as pazes com a igreja. Seu filho Carlos, o sacerdote, tinha sido um tipo desenfreado. Esbofeteara, certa vez, um portador-de-maça num argumento sobre o seu pai. Porém pior do que isso, Carlos tinha se afastado do sacerdócio com amargura e abraçado a "heresia luterana". No seu leito de morte, relativamente jovem, recusara receber o sacramento. Foi, portanto, enterrado em campo profano, sem que sua alma tivesse sido abençoada pela igreja. E o outro filho, bom nos estudos, aquele que, a princípio, ia ser padre —este João acabou sendo o pior de todos. Ele sabia escrever e falar, cativando a atenção do povo. Ensinava heresias. Queria começar outra igreja, contra a sagrada igreja do Papa. Queimaria um dia pelas suas maldades — ou na França ou nas fogueiras do próprio inferno. Que coisa horrível ele estava tentando fazer! E João estava virando as mentes do irmão caçula Antoine, o escriturário que trabalhava em Paris, e da sua irmã Marie. Iam acompanhá-lo onde quer que ele fosse. Assim dizia a outra irmã, a fiel, a única da família que não desencaminhara. As piedosas mulheres de Noyon se arrepiavam ao passar pela residência dos Calvino na praça do mercado. A que fim tinha chegado aquela família!

João, "o pior deles", atravessava a França novamente. Terminariam logo os seis meses de misericórdia concedidos pelo rei. Não havia em sua pátria nenhum canto sossegado onde pudesse esconder-se detrás de uma porta ou de um nome falso, como tinha feito em Basileia. Precisava de um lugar assim outra vez, para estudar e escrever. Seria esta a sua contribuição à nova fé Protestante — escritos e livros dos quais os homens pudessem aprender e criar ânimo. Quem sabe Estrasburgo seria um bom retiro desta vez. Ou Basileia novamente.

Estrasburgo estava para o nascente. Ir naquela direção, porém, seria atravessar o caminho de uma guerra. O rei Francisco I estava envolvido na sua terceira guerra contra o imperador Carlos V. Canhões, carroças e outros equipamentos militares entupiam as estradas. Calvino, por conseguinte, deu uma volta enorme, passando por Lyon, conhecida por seus cem tipógrafos, e chegou a Estrasburgo pelo sul. Tinha esperança de chegar algum dia em Lausanne. Quando tal não foi possível, resolveu passar a noite em Genebra, no lado ocidental do Lago Léman.

Cansado e sujo, aproximou-se do antigo portão Cornavin, guardado por uma sentinela armada. Calvino deu-lhe o seu nome, recebeu um papel

recomendando-o aos proprietários das hospedarias de Genebra, atravessou a ponte levadiça e entrou na cidade. Estava fatigado e dolorido. Mas, após um pouco de comida e um longo sono, continuaria sua viagem para o norte ao alvorecer do dia. Encontrou uma hospedaria e pediu pousada.

---

(1) Edição de 1959
(2) Rei da França (1498-1515)
(3) Monarca da família dos Habsburgos e imperador do Sacro Império Romano-Germânico (como Carlos V) e rei de Espanha (como Carlos I) — 1500-1558)

Homem de Duas Cidades

I. Um Missionário Valente e Ousado

O povo mais corajoso de toda a Europa morava nas montanhas e nos vales da Suíça. Não era chamada Suíça na época da Reforma. Era, no entanto, um grupo de treze estados, chamados cantões, que haviam conseguido libertar-se dos duques, reis e imperadores que governavam os outros povos da Europa. Cada cantão era governado por um grupo de cidadãos. Não havia outro lugar na Europa onde o povo governasse à semelhança dessa gente iletrada, porém indomável, que não seria serva de nenhum senhor.

Logo após o ano 1500, os cantões suíços se defrontavam com uma grande questão: o que fariam da Reforma? Este movimento estava se espalhando pelos estados germânicos e havia começado paralelamente nos cantões. Ao norte, Uirich Zuínglio pregava com grande poder na igreja Grossmünster de Zurique. Seu primeiro sermão fora ali pregado em 1519, no Ano Novo, quatorze meses após Lutero ter pregado as suas noventa e cinco teses. Deste pequeno princípio, a Reforma suíça alastrou-se pelos outros cantões. Ao norte e ao leste, os cantões de língua germânica estavam debatendo se ficariam com Roma ou se passariam ao Protestantismo. Alguns se declararam fiéis à Roma. Outros preferiram a fé pregada por Zuínglio e Lutero. Sendo que naqueles dias a igreja e o estado ainda estavam unidos, era necessário a um determinado cantão tornar-se oficialmente Protestante ou permanecer oficialmente Católico-Romano.

O cantão Protestante mais poderoso do norte era o de Berna. Havia um urso na sua chancela oficial. Todos os cantões reconheciam a conveniência de se precaverem quando o urso de Berna urrasse.

Berna encetou alguma obra missionária nas terras e cidades sob seu controle. Tal atividade não era fácil, porquanto a Igreja de Roma estava disposta a lutar até a morte pelas áreas ainda em seu poder. O povo de Berna falava alemão. Precisava de alguém que pudesse enviar como missionário aos territórios do sudoeste onde se falava francês. Enviaram, pois, um francês de barba ruiva, o fogoso Guilherme Farel. Farel tinha sido convertido por intermédio do velho professor Lefèvre, e tinha escapado da França após árduo trabalho em Meaux e Paris.

Guilherme Farel levava adiante a sua tarefa missionária com audácia incomum. Nada receava. “Nunca em minha vida conheci um homem tão destemido”, disse Erasmo a seu respeito, o qual, por sua vez, tinha sido taxado de adivinhador por Farel. Certa vez, quando passava uma procissão religiosa, Farel arrancou algumas relíquias das mãos de um padre e as jogou no rio. Noutras ocasiões entrava numa igreja de Roma, subia ao púlpito, e clamava mais alto do que o padre que estava entoando a missa. Onde quer que fosse, provocava uma tempestade. De cidade em cidade, nas praças, nos lares, nos salões, trovejava a sua mensagem. Tinha a capacidade de conduzir o seu auditório a um alto ponto de animação. Com brados e censuras e murmúrios e gemidos, e com linguagem singela e mordaz, arremessava suas setas aos corações da gente pacata e iletrada que afluía para ouvi-lo. Era tão tosco quanto eles, razão por que podiam compreender o seu jeito de falar. Esbravejava contra Roma. Proclamava as verdades bíblicas com sinceridade tão eloquente que o povo era induzido ou a acreditá-lo imediatamente ou a atacá-lo com fúria pertinaz.

Em algumas cidades Farel era espancado e espezinhado, em outras, ameaçado com trabucos e espadas. Foi esfolado tão severamente numa ocasião que alguém de Berna relatou que a sua face parecia ter sido rasgada pelas unhas de gatos enfurecidos. Mas Farel não parava. Nem tinha o cuidado de permanecer dentro do território de Berna. Caso um campo estivesse sem a semeadura do Evangelho, lá chegava Farel, quer Berna pudesse protegê-lo ou não.

Farel treinou um punhado de homens intrépidos para ajudá-lo. Não tinham medo da fome, do frio, da morte, ou de pessoa qualquer. Não sendo enxotados, permaneciam na cidade com tempo suficiente para a conversão de algumas pessoas para a Reforma. Enviavam, então, um aviso a Berna, cujo conselho de representantes, a seguir, escrevia àquela cidade solicitando um debate público entre Protestantes e a Igreja de Roma. Berna enviaria, então, algumas autoridades para tomar conta do debate, no final do qual o povo votaria, optando pela Reforma ou por Roma. Muitas cidades e vilas declaravam-se a favor da Reforma. Para tais lugares Berna enviava regras sobre os sacramentos e a liturgia. A missa era abolida. Estátuas e altares eram retirados das igrejas caso ainda não tivessem sido derrubados pelo excessivo entusiasmo dos novos Protestantes.

Era outubro de 1532, exatamente um ano após a morte de Zuínglio, quando Farel e um companheiro missionário atravessaram a ponte elevadiça, entrando em Genebra pela primeira vez. João Calvino estava em Orléans, na França. Concluía seu curso de direito, após a pouca vendagem do seu livro sobre Sêneca.

II. A Cidade do Lago

Poucas cidades tinham uma localização tão bela como Genebra. Construída sobre a rocha circundando um lago azul, crescera dentro de um círculo de montanhas, algumas verdes, outras coroadas de neve e envoltas por nuvens. O lago azul ajuntava as águas que rolavam das montanhas e as remetia adiante num poderoso rio, o Ródano, que seguia pressuroso para a França e até o Mediterrâneo. Genebra situava-se numa das encruzilhadas da Europa. Importantes rotas de comércio passavam por seus portões. A cidade estava na extremidade dos cantões suíços, bem no sudoeste, como que olhando os países ao seu redor.

Júlio César, numa de suas famosas marchas pela Europa, tinha descoberto Genebra cinquenta anos antes de Cristo. Tinha ali construído alguns muros de defesa. Quatrocentos anos mais tarde Genebra tornara-se cidade.

O Cristianismo já houvera transformado a comunidade pagã. Igrejas haviam sido construídas no lugar de templos pagãos. No início do século dez, a impressionante catedral de Saint Pierre fora erguida no ponto mais alto da cidade. Tinha a forma de cruz, e suas torres quadradas, parecendo fortalezas, se destacavam contra a magnífica paisagem montanhosa.

Genebra estava ainda lutando pela sua liberdade quando Farel a visitou pela primeira vez. A cidade não pertencia a nenhum cantão e lutava desesperadamente para tornar-se independente. Durante cento e cinquenta anos Genebra tinha conseguido cada vez mais poder para os seus habitantes, desafiando a garra do bispo e do duque que queriam controlar a cidade. Mas a luta fora sangrenta.

O duque Carlos III de Savoy governava as terras circunvizinhas. Os castelos da região eram as suas cidadelas. Tinha até capturado o castelo localizado na ilha no meio do rio entre as duas partes da cidade. O bispo governava os habitantes como chefe da igreja à qual todos pertenciam. Era o inimigo dentro da cidade até a sua mudança para um palácio mais confortável na encosta de uma montanha. O duque era o inimigo externo.

Os patriotas de Genebra lutavam amargamente contra o duque. Finalmente, em 1525, o duque Carlos III sitiou a cidade com um grande exército. Os patriotas fugiram durante a sua entrada triunfal. Os que permaneceram juraram fidelidade ao duque; que mais poderiam fazer diante das machadas de cabo longo que os soldados do duque levantavam sobre suas cabeças? Os patriotas, porém, voltaram. Reuniram-se em conselho e repudiaram o voto ao duque. Atordoado pela oposição repentina, o duque fugiu inesperadamente de Genebra sem oferecer batalha. Jamais conseguiu voltar.

Genebra voltava-se agora aos fortes cantões de Berna e Friburgo, fazendo com eles aliança. Esta aliança de 1526 contribuiu para que Genebra se livrasse do duque para sempre. Mas Berna era Protestante enquanto que Friburgo favorecia Roma. No futuro, ao se transformar a batalha em Genebra em luta religiosa, a cidade no lago ficaria novamente a sós.

Farel entrou em Genebra em 1532. Tomou um quarto na pensão Tour Perce e logo saiu para avisar que tinha chegado. No dia seguinte, falou a um grupo que se reuniu na pensão para ouvi-lo. No segundo dia, falou a uma multidão. Os novecentos padres de Genebra começaram logo uma contra-ofensiva. Conheciam bem o dano que o ousado missionário tinha causado à Igreja de Roma em outros lugares.

O conselho de representantes da cidade não podia botar Farel para fora da cidade porquanto o missionário trazia salvo-conduto de Berna, aliado de Genebra. Os padres não desistiram: ajuntaram uma turba e cercaram Farel e seu companheiro numa das ruas. Com apupos e gritos, empunhando paus e lanças, os atacantes teriam matado os missionários não tivesse uma tropa de soldados chegado em tempo para dispersar o tumulto e escoltá-los para a sua pensão. Um guarda permaneceu a noite inteira junto à porta do seu quarto. Cedo de manhã, amigos de Farel levaram-nos num barco para o outro lado do lago, deixando-os em lugar seguro.

Guilherme Farel estava acostumado com tais recepções. Fez um novo plano para Genebra. Dentro de algumas semanas apareceram avisos em vários pontos da cidade. O povo lia com interesse: “Um jovem recém-chegado nesta cidade dará instrução na leitura e na maneira de escrever a língua francesa, a todos que quiserem, grandes e pequenos, homens e mulheres, mesmo àqueles que nunca foram à escola. Caso não aprenderem a ler e a escrever dentro de um mês, ele não receberá nenhuma recompensa por seu trabalho. Encontrá-lo-eis no Boytel-Hall, perto da Praça Molard, onde se vê a Cruz Dourada. Cura também muitas doenças de graça”.

Não tardou que a sala alugada na tabuleta da Cruz Dourada ficasse repleta de alunos. O professor, um jovem de vinte e um anos, chamava-se Antoine Froment. Era um dos auxiliares de Farel, trabalhando secretamente. Ensinava francês como havia prometido, mas o misturava generosamente em pequenos sermões e comentários sobre a Bíblia.

A sala transbordava. O povo afluía para ouvir o jovem mestre. No dia de Ano Novo, 1533, o grupo era tão grande que Froment foi conduzido à Praça Molard, lugar frequentemente usado para reuniões. Subiu numa banca de peixe, ao ar livre do inverno frio e pregou ao povo sobre o texto: “Acautelai-vos dos falsos profetas”.

Estava ainda pregando quando um magote enraivecido, liderado por padres armados, invadiu a Praça Molard. Froment refugiou-se na casa de um boticário, cujas janelas foram logo estraçalhadas. Assim como Farel, Froment teve que sair de Genebra às pressas, escondido pela escuridão da noite. Mas a semente plantada pelos dois franceses germinou e cresceu.

A luta por causa da religião começava agora de verdade. Berna, o cantão Protestante, entrou na refrega com uma carta aos conselhos de Genebra: “Excelências, deixai a verdade tomar livre curso”. Dentro da cidade, o povo estava dividido.

À luz de archotes, setecentos padres, cônegos, e outros seguidores de Roma se reuniram e fizeram juramento para matar todos os Protestantes de Genebra. No dia seguinte, ajuntaram-se em frente ao altar-mor de Saint Pierre, liderados pelo cônego Wernli, o qual trajava uma couraça. Ao repique do grande sino Clemence, o exército de setecentos homens marchou para fora da catedral empunhando estandartes, cruzes, machadas, lanças, e bordões. Desceu pelas ruas até a Praça Molard, recebendo, a caminho, adesões de reforços. Mulheres surgiram com seus aventais carregados de pedras. Adolescentes engrossaram as fileiras. Todos se alinhavam ataviados para a batalha, aguardando o início da contenda.

Os Protestantes, também, reuniram suas forças numa grande casa pertencente a um dos seus adeptos. Saíram ao encontro dos seus concidadãos alinhados em cinco fileiras. Armas em riste, ambos os lados se encontravam em lados opostos da praça. E foi neste ponto que, espantosamente, sete negociantes de Fribourg puseram fim à luta antes que esta começasse. Postaram-se entre os dois lados, implorando-os a fazerem as pazes em vez de brigarem, vizinho contra vizinho. Os padres foram os últimos a se convencerem. Mas, finalmente, toda a gente armada voltou para casa. Essa paz inquieta durou cinco semanas.

Mais uma vez, à tardinha de um dia de maio, 1533, o Cônego Wernli tirou suas vestes litúrgicas e afivelou sua couraça e espada. Seguido por alguns padres armados, chegou à Praça Molard ao crepúsculo. A notícia alastrou-se pelas ruas estreitas. O sino de alarme repicou, assustando a todo mundo. Protestantes e seguidores de Roma correram para participar na luta. Na escuridão, o cônego Wernli terçava com a espada para a esquerda e para a direita dentro da multidão. A briga durou pouco. Alguns foram feridos, e logo todos retrocederam para os seus lares. Todos, menos o cônego Wernli, cujo corpo foi descoberto na manhã seguinte. Jazia morto na soleira de uma porta, uma lança delgada fincada entre as juntas da sua couraça.

Isso significava mais barulho. O cônego Wernli era de nobre família, do cantão Católico-Romano de Fribourg. O conselho de Fribourg exigiu o castigo

de todos quantos tinham lutado contra o cônego. Matai-os, disse Fribourg, ou quebraremos nossa aliança com a vossa cidade. E foi aí que entrou o urso de Berna, que participava também da aliança tripartidária.

Estamos estranhando o vosso tratamento para com os Protestantes da vossa cidade, disse Berna para a sua minúscula aliada, Genebra. Jogastes "nosso servo, Senhor Guilherme Farel" para fora da vossa cidade. Causastes aborrecimentos ao nosso servo Froment. Convidastes à vossa catedral um professor da Sorbonne em Paris que "pregou somente mentiras, erros, e blasfêmias contra Deus, a fé, e contra nós, ferindo a nossa honra, chamando-nos de judeus, turcos, e cachorros". Não estamos dispostos a aguentar tudo isso. Estamos enviando uma delegação à Genebra para encontrar-se com os vossos conselhos e para arranjar um debate público para que todo o povo possa ouvir.

O conselho de Berna enviou em seguida o seu missionário solteiro de barba ruiva para pregar e participar no debate público que havia sido solicitado. Farel reapareceu em Genebra em dezembro de 1533, carregando seu púlpito portátil que era montado onde quer que desejasse pregar. Froment, o professor, também estava de volta. E um terceiro pregador, natural da Suíça, chegou à cidade. Este, Pedro Viret, era um homem erudito e amável, respeitado por onde andava. Nas suas costas levava a cicatriz de uma lesão infligida por uma lança nas mãos de um padre.

Os conselhos de Genebra estavam passando por apertos. Tinham que tomar uma decisão. Caso recusassem um debate público, a delegação de Berna rasgaria o selo da sua aliança com a cidade. Caso concordassem com o debate, estariam contribuindo para o estabelecimento da Reforma em Genebra.

Entrementes, o número de Protestantes estava aumentando. Por algum tempo Farel tinha pregado numa grande casa que podia receber quatrocentas pessoas. Os Protestantes tinham então marchado numa multidão para tomar conta do Convento de Eive, o qual podia receber quinhentos ouvintes. Viret batizava os convertidos e falava contra a ordem dos padres de que todas as cópias da Bíblia fossem queimadas.

Os Conselhos, finalmente, concordaram com a disputa pública em Saint Pierre. Durou uma semana e constituiu-se numa vitória para os Protestantes. Mas antes que a causa Protestante pudesse ser levada ao voto da cidadania, o duque de Savoy reapareceu nas cercanias da cidade. Tinha feito um acordo com o bispo impopular. Fribourg tinha rasgado o selo da sua aliança com Genebra. Berna estava de fora, relutante a deixar-se envolver contra o duque, porquanto Carlos III ostentava o apoio do imperador Carlos V e do Papa. Genebra estava agora sob gravíssima ameaça.

Os castelos do duque ao redor de Genebra estavam apinhados de homens

armados. O duque enviou um ultimato ao Conselho da cidade. Livrem-se dos três pregadores, ordenou o duque. Recebam o bispo de volta. Tornem a obedecer a igreja mãe, e não enviarei meus exércitos para os destruir.

Berna enviou o seu parecer à pequena cidade. Seria mais prudente, aconselhou, submeter-se ao duque do que ser esmagada. Os cantões suíços se reuniram e enviaram orientação aos conselhos de Genebra. Deveis vos submeter, diziam os cantões, pois não podeis enfrentar o duque, o bispo, o Papa, e o imperador.

O povo de Genebra percebeu claramente o significado do ultimato do duque. Não era tanto uma questão de religião. Era a escolha entre a liberdade e o cativeiro. Viver sob a tirania do duque, que tinha se aliado com o bispo e com Roma — poderia Genebra submeter-se a tanto depois de ter lutado como lutou e com tanto ardor pela sua liberdade?

O Conselho tomou uma decisão, representando a vontade do povo. **Não nos submeteremos**, falou Genebra ao duque e aos seus aliados. Preferimos ser enterrados sob os escombros da nossa cidade do que perder nossa liberdade.

III. Luta Pela Liberdade

Era agosto de 1534 quando os cidadãos de Genebra resolveram derrubar os quatro subúrbios que ficavam do lado de fora do muro. Queriam que o exército do duque não tivesse onde se abrigar ao aproximar-se da cidade. Isso importava em sacrificar metade da cidade para salvar a outra metade, já que seis mil pessoas residiam nos subúrbios sombreados. Dia após dia os habitantes arrasavam as casas e mansões, as igrejas e mosteiros. Usavam as pedras para consertar o muro da cidade. Os sinos das igrejas foram derretidos e transformados em balas de canhão. Deixando uma larga área arrasada ao seu redor, os habitantes de Genebra se amontoaram dentro do muro da meia-cidade que restava. Atravessaram o inverno aprimorando as suas defesas. Os homens construíam com a terra e pedras que lhes eram levadas pelas mulheres. Farel e Viret estavam nos baluartes com o povo, animando-os, ocupando suas posições nas vigílias noturnas, e participando nos trabalhos.

Em abril de 1535, alguém tentou envenenar os pregadores. Viret ficou gravemente enfermo. A empregada da casa onde os pregadores estavam hospedados confessou ter colocado veneno na sopa de espinafre. Farel havia sido chamado antes de comer a sopa. A empregada foi julgada e condenada à morte pelo Conselho. Os padres foram acusados de a haverem subornado. Na cidade tensa e apinhada, tal fato produziu reação forte a favor dos pregadores.

Entrementes, o duque fazia o possível para atemorizar Genebra. Interrompia o suprimento de mercadorias para a cidade. Capturava as pessoas

que se aventuravam a sair para fora do muro, levando-as para serem torturadas ou para morrer nas masmorras dos seus castelos. Mas demorava em enviar seu exército.

Um segundo debate público começou em Saint Pierre no mês de junho. Durou quatro semanas. O povo acorria para ouvir os pregadores defenderem a fé Protestante contra dois monges que chegaram atrasados para defender a Igreja de Roma. Os monges não tinham capacidade para concorrer com os pregadores. O povo aplaudia a causa Protestante. No domingo, dia 8 de agosto de 1535, numa grande manifestação, Farel foi carregado pela rua que levava a Saint Pierre. O povo se aglomerava nas portas e transbordava na praça enquanto Farel pregava o primeiro sermão Protestante no púlpito da catedral.

No dia seguinte, Farel foi convocado para comparecer perante os conselhos. Pleiteou o reconhecimento oficial da fé Protestante. Nos submeteremos alegremente à morte em vossas mãos, disse Farel, se for provado que pregamos qualquer coisa contrária às Sagradas Escrituras. Ajoelhou-se, então, e orou com os conselhos. A sala estava bem quieta ao levantar-se.

Os conselhos também convidaram representantes do clero Católico-Romano para falar a favor da sua fé. Mas esses homens custaram a aparecer. E quando apareceram deram a impressão de desleixo e indiferença. Um deles disse francamente que se consideravam homens sem preparo, ensinando unicamente aquilo que seus pais lhes haviam contado.

Com tais provas, o Conselho de Genebra tomou outra decisão momentosa.

Por um edital de 27 de agosto de 1535, a religião de Roma deixou de ser a religião de Genebra. A missa não era mais celebrada. As estátuas e altares porventura ainda existentes foram retirados das igrejas. Um dos mosteiros foi transformado numa escola primária, com matrícula obrigatória para as crianças. Foi a primeira escola deste tipo em toda a Europa. Outro mosteiro foi transformado num hospital.

Padres, monges, e freiras tiveram a oportunidade de escolher entre ficar ou sair da cidade. Muitos preferiram ir embora. As freiras do convento de Saint Claire pareciam temer que seriam forçadas a casar caso ficassem na Genebra Protestante. Por isso saíram também. Mas algumas não viam o exterior do convento há uns trinta anos. Por isso fizeram uma viagem tenebrosa pelas montanhas, imaginando que cada ovelha ou boi fosse um animal feroz.

A Reforma chegou a Genebra, portanto, de mãos dadas com a liberdade, a liberdade da qual nenhum habitante da pequena cidade estava disposto a abrir mão.

O duque tinha apressado a decisão. Estando o duque ao lado do bispo e do Papa, os que prezavam a liberdade inclinavam-se pelos três pregadores e à fé

Protestante. O duque estabelecia agora um bloqueio completo, com seus navios no lago e seu exército cercando a cidade. Dentro do muro de Genebra, o povo aglomerado sentia aproximar-se a fome. Um mensageiro conseguiu furar o bloqueio do duque e levar um apelo a Berna. Enquanto o Conselho de Berna discutia o assunto, chegou notícia de que os soldados do duque tinham saqueado alguns distritos de Berna nas proximidades de Genebra.

Para proteger seus próprios direitos, Berna não vacilou mais: declarou guerra ao duque e marchou para Genebra com seis mil homens armados. Até o rei Francisco I entrou na refrega, levando a França a declarar-se em guerra contra o duque. Francisco I conquistou a capital do duque e duas de suas províncias mais ricas durante a sua ausência quando em Genebra.

Era fevereiro de 1536 quando as tropas de Berna chegaram aos portões de Genebra. A cidade do lago estava salva!

Farel começara a introduzir nova liturgia, nova pregação, e novos regulamentos na nova cidade Protestante. O Conselho convocou o povo à catedral de Saint Pierre. Todos ficaram de pé, e juraram, com as mãos levantadas aos céus, que viveriam de acordo com as leis do Evangelho, abandonando os caminhos de Roma. Era domingo, dia 21 de maio, no ano de 1536.

O ano 1536... Em Basileia faleceu Erasmo, o sábio holandês, que tinha apontado o caminho para as Escrituras e que depois tinha se desviado daquele caminho. No mesmo ano, na cidade francesa de Nérac, faleceu Lefèvre, o velho mestre, a “estrela-d’alva” da Reforma, que tinha vivido mais de um século num mundo atribulado. Foi o ano em que, na Inglaterra, Ana Bolena, a segunda rainha de Henrique VIII, teve a cabeça decepada na Torre de Londres. Foi também o ano em que um jovem viajor teve que dar uma grande volta entre Paris e Estrasburgo. Numa noite de agosto, parou para dormir em Genebra, a qual estava ainda se recuperando da luta contra o duque.

O viajor chegou para uma noite de sono. Pretendia continuar a viagem, sem ser reconhecido. Mas Deus tinha outros planos.

IV. O Certo

Dois homens argumentavam. O mais velho, troncudo e mais baixo, era quem mais falava. Ficava de pé, sentava, caminhava de um lado para outro. Gesticulava com os braços e batia na mesa com o punho. Suas palavras lhe jorravam da boca como torrente incontrolável. Falava como trovoada. Sussurrava roucamente.

O outro homem, mais moço, estava sentado numa cadeira. Pálido e magro, seus olhos penetrantes brilhavam na sua face barbada. Sacudia a cabeça. Levantava a mão para interromper. Protestava, quando encontrava uma brecha.

Não posso fazê-lo, dizia. Não é para mim.

Sou acanhado e tímido. Fico com medo diante das dificuldades. Além disso, estou frequentemente doente. Uma sala de estudos é o lugar para mim. Sou um homem de letras. Como poderia fazer compromisso com uma igreja se eu me sinto chamado a servir todas? Não pode exigir isso de mim. “Em nome do Senhor”, tenha piedade de mim e permita-me “servir a Deus de outra maneira”.

A vela na mesa continuava a queimar-se. E o argumento prosseguia. Finalmente, o mais velho, apontando aos céus, vociferou: “Digo-te, em nome de Deus todo-poderoso, que estás apresentando os teus estudos como pretexto. Deus te amaldiçoará se não nos ajudares a levar adiante o Seu trabalho, pois doutra forma estarias buscando a tua própria honra em vez da de Cristo!”.

O homem dos olhos penetrantes abaixou a cabeça. O silêncio dominava o quarto. Cessara a discussão. “Senti... como se Deus tivesse estendido a Sua mão do céu em minha direção para me prender... Fiquei tão aterrorizado que interrompi a viagem que havia encetado... Guilherme Farel me reteve em Genebra”. O viajor, João Calvino, concordou em ficar.

Que desejava o ousado e fogoso Farel de um homem adoentado com somente vinte e sete anos de idade? Farel, que estava acostumado a conquistar homens e cidades — que necessidade tinha deste homem acanhado que lhe era vinte anos mais jovem?

Ninguém podia conquistar uma cidade para o Evangelho como Guilherme Farel. Tendo-a conquistado, agora então o trabalho começava de verdade. Vinha depois o planejamento cuidadoso, a firme liderança, a edificação. Farel não era o homem para essa atividade; ninguém sabia isso melhor do que ele mesmo. Era magnífico numa batalha. Mas se perdia completamente na rotina diária de planejamento e consolidação. Não podia dar a liderança firme e constante que uma cidade explosiva como Genebra precisava.

A Reforma em Genebra já começara a ter seus problemas. O povo, que tinha sacrificado tudo para não se submeter ao duque, estava agora voltando à vivência normal de cada dia. Muitos voltaram à vida desenfreada que antes dava fama à cidade. Estavam dispostos a esquecer a fé Protestante, que tinha chegado à cidade juntamente com a luta pela liberdade.

Enquanto o duque estivera às portas da cidade, todos tinham se unido numa causa comum. Os diferentes grupos estavam agora vindo à tona outra vez, odiando-se mutuamente, tramando para assumir o controle do Conselho de Representantes. Havia os novos Protestantes. E havia os que se chamavam de patriotas verdadeiros. Os patriotas não se conformavam com a importação de pregadores franceses para dirigir a nova igreja Protestante.

No meio de todo esse sentimento, Farel e seus auxiliares estavam perdendo

a sua influência. O povo não gostava de leis que os obrigasse a uma determinada forma de comportamento. Eram todos, oficialmente, membros da igreja Protestante. Mas quantos havia cujos corações empedernidos continuavam no mesmo! E que aconteceria a esta nova cidade Protestante se alguém não arquitetasse os planos para transformar a cidade rebelde numa cidade de Deus?

Foi du Tillet, o amigo de Calvino, que tinha contado a Farel que Calvino estava passando a noite em Genebra. De repente, Farel viu a solução para os seus problemas. Aqui estava um líder da Reforma, um homem na flor da idade, brilhante, cujo preparo em direito o capacitava para tratar com os conselhos bem como com as facções da cidade. Sobretudo, aqui estava um homem que compreendia os ensinamentos bíblicos melhor do que qualquer outro homem da época. Este homem poderia ensinar a Palavra de Deus a outros. Auxiliado pelo Espírito Santo, poderia transformar as vidas dos habitantes de Genebra. Calvino era a resposta de Deus para o problema de Genebra. Farel não tinha dúvidas sobre isso. Correu depressa pelas ruas estreitas à pensão onde Calvino se hospedara.

E agora Calvino tinha concordado em ficar. Disse aos seus irmãos em Genebra que precisava ir primeiramente a Basileia para trazer um parente e alguns dos seus pertences. Visitaria algumas igrejas a caminho. Dentro de poucas semanas estaria de volta a Genebra para fixar residência.

Calvino cumpriu sua promessa. Mas, “logo que voltei a Genebra”, escreveu a um amigo na França, “um resfriado violento me atacou, afetando as gengivas superiores. Mesmo depois de nove dias não me senti melhor, embora tenha sido sangrado duas vezes, tomado uma dose dupla de pílulas e recebido a aplicação de vários cataplasmas”.

Tal introdução a Genebra não foi muito auspiciosa. Levantou-se da cama para começar seu trabalho de aulas diárias em Saint Pierre. O seu título era suficientemente pomposo: Professor de Sagradas Letras. Mas era um professor sem salário. Em setembro de 1536, Farel requereu ao Conselho da cidade que empregasse Calvino como professor das Escrituras e que o pagasse por seu trabalho. O Conselho atendeu ao pedido, mas somente em fevereiro do ano seguinte é que lhe deram o primeiro pagamento. Entrementes, nas atas do Conselho, a referência a Calvino se restringia a “aquele francês”. Ou era bem desconhecido ou o secretário do Conselho não sabia o seu nome.

Todas as tardes Calvino subia pela pequena rua íngreme que levava à catedral. Ali dava palestras no imenso auditório, que estava agora despido das suas imagens e altares. Um pequeno grupo ia ouvir as suas conferências sobre as epístolas de Paulo. Além dos seus estudos e correspondência, Calvino trabalhava numa versão francesa das **Institutas**.

Calvino estava meditando também sobre o que ocorria ao seu redor. Com uma tristeza mesclada com raiva, Calvino via o povo de Genebra voltando à vida que tinha abandonado durante a luta contra o duque. As tavernas estavam sempre repletas. Bêbados cambaleavam pelas ruas. Dados chocalhavam alegremente nas rodas de jogo. Os homens não guardavam segredo quanto às suas amantes e o uso que faziam das prostitutas. Plataformas eram montadas nas praças para um grande período de danças. Calvino achava que o povo se vestia espalhafatosa e imodestamente. Os homens trajavam culatras talhadas ao invés de túnicas modestas. As mulheres exibiam suas sedas e jóias com estilos insinuantes.

Tudo isso numa cidade que tinha sido oficialmente declarada Protestante! Muitas dessas pessoas tinham solenemente levantado suas mãos em Saint Pierre, jurando viver pela Palavra de Deus. Pertenciam todos à Igreja de Genebra. Como poderia um asilado francês, mal conhecido entre eles, começar a ensinar-lhes a fé que não conheciam? Como poderia conduzi-los a uma vida de consagração tão diferente da imoralidade diária que praticavam?

Talvez o texto dos dias de perseguição na França tivesse servido de consolo a Calvino nesses dias: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Quem, deveras!

V. Vitória em Lausanne

Em fins de setembro de 1536, Calvino e Farel viajaram para o leste, contornando o lago, até Lausanne. Encontraram-se ali com Viret, que era agora pastor naquela cidade. Berna estava patrocinando um grande debate em Lausanne. O debate tinha o propósito de resolver a questão religiosa nos territórios circunvizinhos que Berna tinha conquistado ao duque. Mais de trezentos padres destes territórios haviam sido convidados. Dos cento e setenta e quatro que vieram, somente quatro padres se ergueram para participar no debate. Farel e Viret seriam os porta-vozes da fé Protestante. Calvino os acompanhou embora não esperasse participar.

O povo dos territórios recém-conquistados deixou suas roças e vilas. Encheram as hospedarias de Lausanne. Deles dependeria o voto sobre a sua religião. Não queriam, pois, perder esta oportunidade de ouvir os argumentos de ambos os lados.

O rufar de tambores anunciou o início do debate no dia 1º de outubro. Farel o abriu com um sermão dominical. O debate prosseguiu na segunda-feira, às sete da manhã. O povo se espremia dentro da Catedral para ver e ouvir. Os participantes sentaram no centro da Igreja. Para tornar o debate oficial, estavam ali sentados, também, cinco delegados de Berna, trajando gibões pretos, meias

vermelhas, e chapéus de aba larga ataviados com penachos. Os secretários estavam com suas penas prontas para registrar o debate.

Farel apresentou dez teses para debate. Os argumentos continuaram por uma semana. Num dos dias, um defensor de Roma falava da presença real de Cristo na Santa Ceia. Acusou os Protestantes de ignorarem o que os santos padres da Igreja escreveram sobre este assunto. “Caso soubésseis a opinião deles”, dizia o defensor de Roma, “veríeis condenado o vosso ponto de vista”.

Isso era demais para Calvino. Todas as horas em Paris em que estudara os santos padres vieram agora socorrê-lo. Levantou-se e começou a refutar o defensor de Roma. Citou, com memória magnífica, Cipriano, Tertuliano, Crisóstomo, Agostinho, e muitos outros. Não citava unicamente por autor. Calvino identificava, outrossim, o livro ou o escrito em que tais citações seriam encontradas. Apresentou tudo com argumentação perfeita. Quando terminou, houve um reboliço entre a assistência. Alguns empurravam para conseguir melhor visão do homem pálido e magro que lhes era desconhecido.

Um monge Franciscano bradou que essa era a verdadeira doutrina. Clamou a Deus para perdoá-lo, pois tinha seguido os ensinamentos falsos de Roma por tanto tempo. Muitos outros concordaram com ele, embora não tivessem bradado. Nos meses seguintes, cento e vinte padres e oitenta monges da região ao redor de Lausanne aceitaram a fé Protestante, que se tinha tornado a religião oficial.

Calvino viajou a cavalo, logo depois, até Berna. Ainda tratava do seu resfriado, que não melhorava nos ventos picantes de outubro. Em Berna discutiu-se o problema da unificação de todas as pequenas paróquias suíças, para que cada qual não vagasse em interpretações próprias da fé Reformada. Calvino estava se tornando conhecido. Era tido como um líder. Mesmo o povo de Genebra afluiu em grande número para ouvi-lo após sua volta.

Tinha chegado a hora para a edificação da Igreja de Genebra. Calvino, sentado à sua mesa na casa escura e pequena nos arredores de Saint Pierre, introduziu sua pena no tinteiro e começou a escrever.

O primeiro resultado foi uma Confissão de Fé com vinte e um artigos. Por intermédio dela Calvino esperava tornar claro ao povo de Genebra o que tinham prometido sustentar quando juraram fidelidade ao Evangelho. A Confissão foi levada ao Conselho em novembro de 1536, que a receberam para estudo. Os pregadores requereram que o povo jurasse viver de acordo com a Confissão. Alguns conselheiros reclamaram que o povo não devia ser forçado a jurar alguma coisa que não acreditasse. Mas, por fim, o assunto foi aprovado.

Em cada distrito da cidade, rua por rua, casa por casa, os capitães distritais ajuntavam os seus habitantes e os conduziam a Saint Pierre. Vinham dez de cada vez e se postavam diante do secretário do Conselho, o qual estava no púlpito

registrando os nomes dos que faziam o juramento. O povo vinha dia após dia e jurava fidelidade às verdades da **Confissão de Fé**.

Mas nem todos viriam. As murmurações tornavam-se mais altas. Porventura lutamos contra o duque e o bispo somente para nos tornarmos escravos dos pregadores que estão dentro dos nossos muros? Perguntavam os descontentes. Quem deu a esses franceses poder sobre nós? Os seguidores remanescentes de Roma agitavam o povo. Os amantes da vida fácil, conhecidos como Libertinos, queixavam-se porque percebiam que os pregadores estavam dispostos a fazerem-nos viver pela Confissão. Os nacionalistas se enfureciam diante do que os estrangeiros estavam fazendo para controlar a cidade.

Entrementes, outro cuidadoso documento saiu da pena de Calvino. Foi trazido à sala do Conselho por Calvino e Farel, ambos trajados com suas túnicas pretas. Um arauto guardava a porta do Conselho, sentado sobre um leão de madeira e segurando um cajado prateado como sinal de autoridade. Ele permitiria que os pregadores entrassem para a sala do Pequeno Conselho, o primeiro dos conselhos que governavam Genebra. Os quatro síndicos, os mais importantes oficiais da cidade, porquanto eleitos pelo povo, eram membros do Pequeno Conselho, o qual era composto de vinte e cinco homens. O segundo conselho era o Conselho de Duzentos, cujos membros eram eleitos pelo Pequeno Conselho, e que por sua vez, elegia os membros do Pequeno Conselho, com exceção dos quatro síndicos e do tesoureiro da cidade. O terceiro era o Conselho Geral, ao qual pertenciam todos os homens de Genebra. Este era convocado somente para assuntos de suma importância.

Os pregadores entregaram, assim, ao Pequeno Conselho, o manuscrito de Calvino, no qual solicitavam que quatro reformas fossem realizadas na Igreja de Genebra. “Não é possível reduzir tudo à boa ordem num momento”, dizia o documento, “porquanto a ignorância do povo não o permitiria... Mas agora que agradou ao Senhor consolidar um pouco mais o Seu reinado aqui, pareceu-nos de bom alvitre... estudar convosco sobre tais assuntos... rogando-vos em nome de Deus que... se... concluirdes que a nossa proposta vem da santa Palavra do Evangelho, cuideis para que estas observações sejam recebidas e obedecidas na vossa cidade...”.

Estudá-lo-emos, disse o Pequeno Conselho. Era meados de janeiro de 1537. O povo estava ainda sendo ajuntado de dez em dez em Saint Pierre para jurar fidelidade à Confissão. E o magro estrangeiro francês que tinha sido por Farel comandado a permanecer em Genebra ainda não tinha recebido vintém por seus serviços.

VI. Reforma a todo custo

Muito bem, o que desejavam os pregadores agora? Esta foi a pergunta do Pequeno Conselho ao tomar de sobre a mesa o documento endereçado aos “Cavalheiros Retamente Honrados”.

Os cavalheiros retamente honrados não precisaram ler muito para descobrir a dinamite contida no documento. “Não há dúvida que uma Igreja não poderá ser... bem ordenada... se não houver nela a celebração contínua da Ceia do Senhor... e esta celebração sob tão boa supervisão que ninguém ousará apresentar-se senão com devoção, e com genuína reverência. Por esta razão, para que se mantenha a Igreja na sua integridade, é necessária a disciplina da excomunhão”.

Excomunhão. Então a ideia era esta — dar à Igreja a poderosa arma da excomunhão por tanto tempo brandida pelo Papa de maneira tão inclemente. Por intermédio de homens fiéis atentos em todos os quadrantes da cidade, os pregadores propunham receber informações sobre os que não viviam a vida de Cristo. Competiria à Igreja, então, tomar as providências estabelecidas por Cristo em Mateus 18. Estas terminariam em excomunhão, uma decisão da Igreja que seria executada pelos conselhos, porquanto a Igreja e o estado estavam entrelaçados naqueles dias. Esta “disciplina de excomunhão é necessária”, disseram os pregadores, para que mãos iníquas não cheguem à santa mesa do Senhor. Mas era esta a dinamite — permitir à Igreja esse poder de excomunhão, tanto para os de vida torta quanto para os que afirmassem doutrinas falsas.

Teremos um novo Papa dentro dos nossos muros? Nós somos os responsáveis pela disciplina em Genebra, bradavam muitos membros do conselho. Este poder nos pertence. Temos livros cheios de leis que podem ser usados para punir os perversos. Que os pregadores preguem e ensinem. Que deixem a vida do povo nas mãos dos conselhos que foram formados para governar a cidade.

Calvino não somente solicitou que a Igreja tivesse permissão para decidir quem poderia participar na Comunhão. Achava, também, que a Ceia do Senhor deveria ser celebrada com mais frequência. “Seria bom determinar que a Comunhão da Santa Ceia de Jesus Cristo fosse celebrada, como regra, todos os domingos... Não foi instituída por Jesus para... duas ou três vezes por ano, mas sim para exercício frequente da nossa fé... Assim foi sempre o costume da Igreja primitiva...”, aduziu. “Mas, porquanto a fragilidade do povo é ainda de grande monta, há perigo de que este sagrado... mistério não seja entendido caso seja celebrado tantas vezes. Que seja celebrado, por conseguinte, “uma vez por mês”.

As outras três propostas não provocaram tanto tumulto nos conselhos. Calvino solicitou que as leis matrimoniais fossem estudadas e atualizadas de acordo com a Palavra de Deus, porquanto “o Papa tem causado confusão” nessas

leis, “fazendo decretos à sua vontade”. Nesta sentença do documento havia um espaço em branco no lugar do nome do Papa. Calvino não estava disposto a honrar o Papa, nem ao menos escrevendo o nome dele.

“O terceiro artigo se refere à instrução de crianças, as quais deverão, sem dúvida, fazer à Igreja uma confissão de sua fé”. Elas deverão ser instruídas por um catecismo. E isto “é agora mais necessário do que nunca, devido ao desuso da Palavra de Deus que percebemos na maioria do povo, e ao menosprezo dos pais em ensinar-lhes o caminho de Deus”. Para tal fim haverá necessidade de escrever um catecismo. Os pais terão que ensiná-lo às crianças. E, “durante determinados períodos do ano”, as crianças deverão comparecer perante os ministros para serem interrogadas e para receberem maiores explicações sobre as perguntas catequéticas. “Deveis ordenar aos pais a usarem esforço e perseverança para que seus filhos aprendam este resumo”, apelou Calvino.

Mais uma coisa nova. “Desejamos que os Salmos sejam cantados na Igreja”. O povo cantará na Igreja, caso esta reforma seja adotada. Há séculos que o povo não canta ali. Nem tem compreendido as palavras latinas cantadas pelos padres. Agora, em vez de espectadores mudos, terão uma participação. Pelo cântico, “pode-se orar a Deus, ou... cantar-lhe louvores... e render graças a Deus de comum acordo”. Como é que o povo aprenderá os Salmos? “As crianças, anteriormente ensaiadas... cantarão numa voz alta e clara, sendo ouvidas pelo povo com toda a atenção... até que todos estejam acostumados a cantarem juntos”. O coro de crianças seria o instrumento para ensinar novas melodias. Não haveria órgão, nem harmonia. Somente cantochão vigoroso, em uníssono.

Era este o plano de João Calvino para começar a edificação da Igreja em Genebra. Quatro pontos, um plano que acreditava vir da Palavra de Deus. Era um plano modelado sobre a Igreja primitiva. Seria aprovado pelos conselhos?

Os conselhos não estavam com pressa. Não decidiram contra o cântico de Salmos, nem contra a instrução de crianças, ou contra a atualização das leis matrimoniais de acordo com as Escrituras. Poderiam lançar tais reformas nos livros legais da cidade juntamente com uma centena de outras leis que não estavam sendo cumpridas. Isso satisfaria um pouco aos pregadores persistentes.

Mas quanto a esse negócio de excomunhão e a Ceia do Senhor houve muitos argumentos furiosos sobre o assunto. A opinião da maioria nos conselhos estava contra qualquer mudança. Que a celebração dos sacramentos continuasse como dantes, quatro vezes ao ano, em vez de mensal ou semanalmente. E que o assunto de excomunhão ficasse para depois. Afinal de contas, nenhuma outra Igreja Reformada na Suíça tinha tanto poder em suas mãos. E Genebra, amante da liberdade, não cederia nesta questão — especialmente para não satisfazer a um estrangeiro!

Os pregadores, diante dessa reação tépida, fizeram o possível. Calvino escreveu um catecismo para crianças, para ajudar os pais a ensinar-lhes as verdades da Palavra de Deus. Estava pregando agora. Sua voz clara e metálica penetrava a todos os cantos das igrejas de cujos púlpitos pregava.

Calvino estava se tornando conhecido, também, nas ruas da cidade. Visitava os lares, juntamente com Farel. De vez em quando o pregador cego, Corault, os acompanhava, caminhando com mais vagar, batendo de leve com a sua bengala nas pedras do calçamento.

Onde quer que andassem, os pecados da população os atormentavam. Mas essa gente, cada uma delas, pertencia à Igreja de Genebra. Pertencia a ela porque sua cidade tinha se declarado Protestante. Que poderia um pregador fazer com uma congregação assim de doze mil pessoas?

Como poderia Calvino incutir nessa gente rebelde a fé e a vida sobre as quais tinha escrito tão brilhantemente nas suas Institutas?

Bem, ele podia pregar a Palavra de Deus, não é mesmo? E foi isso que fez. Do seu alto púlpito em Saint Pierre, olhava aquele mar de rostos, apontava-lhes seu longo dedo, fazendo-os sentir a culpa dos seus pecados. Nem Farel media palavras ao trovejar para as pessoas que se reuniam na Igreja de Saint Gervais, localizada no outro lado de Saint Pierre, do lado oposto do rio. Corault estava no púlpito de outra Igreja, pregando com fogo àqueles que não podia ver.

Mas os ministros podiam insistir com os conselhos para que as leis da cidade fossem cumpridas. Visitavam a sala do Conselho frequentemente, exigindo a aplicação de leis que há anos jaziam indolentes nos arquivos. Havia centenas de leis assim. Naqueles dias, cada cidade tinha leis detalhadas sobre a vida particular dos seus cidadãos.

Havia leis sobre todas as coisas, até sobre a hora de se dormir, o tipo de vestido que uma noiva poderia usar, quantos músicos poderiam ser contratados para uma festa, ou quantos números musicais poderiam ser tocados. Algumas das punições eram severas — prisão, deportação, e morte até.

É interessante observar que um bom número destas leis foram aprovadas antes que a Reforma viesse a Genebra. Farel tinha persuadido os conselhos a acrescentarem outras no início de 1536, naquele entusiasmo inicial com o Protestantismo.

Mas as leis eram inócuas, porquanto não aplicadas. Assim como as leis de muitas outras cidades, estas permaneciam empoeiradas, até que os pregadores começaram a bater na porta do conselho e exigir ação. Exigiam ação contra qualquer transgressor, fosse rico ou pobre.

VII Mais Dificuldades

Entrementes, dois holandeses chegaram a Genebra, acrescentando problemas aos seus pastores. Eram Anabatistas, e solicitaram um debate com os pregadores. Entre outras coisas, os Anabatistas achavam que todos os Cristãos vindos de Roma para a fé Protestante precisavam ser batizados outra vez. Na época da Reforma, eram conhecidos como os radicais entre os novos Protestantes. Lutero se opusera a eles vigorosamente. Frequentemente pregavam revolução e violência. Tais tópicos eram explosivos em Genebra. Durante os dois dias de debate perante o Conselho de Duzentos, os pregadores refutaram os Anabatistas energicamente, os quais, por fim, foram expulsos da cidade. Mas ficaram com tempo suficiente para acrescentar lenha ao fogo do descontentamento que se alastrava em Genebra.

A seguir, chegou o brilhante Caroli com a extravagante acusação de que Calvino não cria completamente que Jesus era Deus. Caroli era pastor em Lausanne, cidade no lago ao nascente de Genebra. Tinha vindo da Igreja de Roma para o Protestantismo. Já estava inclinando-se de volta a Roma, orando pelos mortos e pregando outras doutrinas como essas. Tinha também uma história de vida livre que havia sido denunciada por Farel e Viret quando da visita de Caroli a Genebra no ano de 1534. Com sua ousada maneira de falar, tinha, em Lausanne, convencido o Conselho de representantes a nomeá-lo pastor principal porquanto ostentava um grau de doutor. Assim sendo, tomou o lugar do veterano reformador Viret, que tinha chegado a Lausanne antes de Caroli. E agora Caroli fazia o seu ataque contra a doutrina dos pregadores de Genebra.

Calvino ficou furioso ao ser acusado de não acreditar na Trindade. Era uma acusação absurda que poderia ser repudiada por qualquer pessoa que tivesse lido suas **Institutas** e sua **Confissão de Fé**. "Nunca ouvi coisa tão afrontosa", escreveu Calvino ao seu amigo Megander. Enfurecido, foi a Lausanne defender-se e a seus colegas numa reunião do sínodo naquela cidade. Os ministros de Genebra responderam a Caroli com linguagem forte. Calvino falou com grande furor. Ao concluir, estava exausto, tossindo e com falta de ar.

O sínodo decidiu a favor dos pastores de Genebra. Mais tarde, com o sínodo reunido em Berna, Caroli foi excluído do ministério Protestante por causa de sua imoralidade. Retornou à França e à Igreja de Roma. Mas as suas palavras irresponsáveis perduravam como rumores maldosos entre as igrejas da Suíça. O povo humilde ouvia tudo isso e imaginava o que estaria ocorrendo com os ministros da nova Igreja Protestante. Profundamente preocupado com isso, Calvino insistia na realização de outro sínodo em Berna, para que se chegasse a uma declaração comum de doutrina. "Os camponeses acham", escreveu Calvino, "que deveríamos estar de pleno acordo entre nós mesmos antes de tentar convencer outros a aceitar nosso ponto de vista... Não podemos protelar" a

instalação de um sínodo “onde todas as controvérsias dessa espécie seriam resolvidas”.

Caroli tinha produzido o seu estrago. Farel estava por demais preocupado, embora costumeiramente ficasse firme no meio de tempestade. Calvino escreveu a Viret, em Lausanne, implorando-lhe que voltasse a Genebra para ajudá-lo. “Considero indispensável o seu retorno ao nosso meio”, escreveu, “a menos que estejamos prontos a perder Farel, pois está esgotado pela preocupação que o acomete. Jamais imaginei que alguém da constituição de ferro como Farel chegasse a esse ponto”.

Na mesma carta latina a Viret, Calvino escreveu: “O Sr. de Hautmont pretende voltar à França... Peço devolver a capa e os livros que forem dele”.

Estas palavras significavam que, no meio de todos os seus problemas, Calvino estava perdendo um amigo. O Sr. de Hautmont era Louis du Tillet, o fiel companheiro de viagem que tinha deixado a sua grande biblioteca e seu trabalho em Angoulême para sair da França e viajar com Calvino a Basileia e à Itália. Foi du Tillet quem tinha dado a Farel a informação sobre a presença de Calvino em Genebra. Du Tillet tinha permanecido com Calvino em Genebra. Tinha visto as borrascas se ajuntarem ao redor do seu amigo. Tinha visto Calvino doente e com raiva, preocupado e melancólico. Os problemas de Genebra não iam ao encontro da índole branda de du Tillet. Começou a perguntar a si mesmo: seria esta a igreja verdadeira de Cristo que o seu amigo estava tentando estabelecer no meio de toda a rebelião e na vida desenfreada de Genebra? Ou seria a Igreja Mãe de Roma a Igreja verdadeira? Perplexo, du Tillet se preparava para retornar à França.

Mas quando resolveu sair, du Tillet saiu secretamente, viajando para o norte até chegar ao Rio Reno. Em Estrasburgo refugiou-se novamente na Igreja de Roma. Antes de atravessar a fronteira da França, escreveu algumas cartas e as enviou por portador a Genebra, contando a Calvino o que havia feito. “Você está convencido em seu coração”, escreveu du Tillet a Calvino, “de que você foi de fato chamado por Deus para ser ministro nas igrejas Protestantes? Seria essa Igreja a verdadeira Igreja de Cristo?”.

Antes que o portador chegasse, Calvino já tinha ouvido boato sobre o que seu amigo tinha feito. Tendo lido as cartas, Calvino tomou sua pena para responder. Escreveu com respeito, amor, e tristeza, e sem rancor. Mas escreveu, também, com firmeza.

“Sinto a sua falta”, redigiu. E “o que mais me preocupou e me atormentou foi o receio” de que “a rudeza e incivilidade com que o tratei” às vezes, tenham-no ofendido e o conduzido à sua decisão. Mesmo assim, tenho a certeza que não foi esta a causa da mudança do seu coração, pelo que tenho que lhe agradecer.

Mas “fiquei surpreendido ao tomar conhecimento da sua intenção”, continuou Calvino. “Esta mudança repentina parece-me bastante estranha, dado a constância e firmeza que você demonstrava”. Não posso aceitar os argumentos que você apresenta. No entanto, “não entrarei em longa discussão”. Quero agradecer-lhe pela maneira graciosa com que você sempre compartilhou comigo tudo que era seu. “Quisera que Deus me ajudasse a mostrar-lhe convenientemente o meu agradecimento... Lembre-se de nós em suas orações... pois que as dificuldades que nos assomam agora são maiores do que nunca... Rogo ao Senhor que o guarde sob Sua santa proteção, para que você não perca o rumo no caminho escorregadio em que está agora andando... Seu mui humilde servo e irmão, Charles d’Espeville”. Assim escreveu o homem honesto de Genebra; confessava os seus próprios erros ao tempo em que se agarrava com convicção às suas crenças. E não deixava de agarrar-se ao seu amigo também.

Du Tillet estava longe, não somente pelos quilômetros, mas, parecia também, longe da fé. Farel ainda estava nervoso. O povo de Genebra, nas suas eleições de fevereiro de 1538, elegera três síndicos que eram inimigos de Calvino e de suas reformas. O Conselho de Duzentos ordenara aos pregadores que não excluíssem a ninguém da Ceia do Senhor. O Pequeno Conselho, usando tênue pretexto, excluíra alguns dos seus membros que eram simpatizantes de Calvino. Quando os pregadores chegaram à sala do Conselho para protestar tal ocorrência, disseram-lhes que fossem para casa. Atenham-se à pregação, dissera o Conselho, e não mais se intrometam na política da cidade. Não os admitiremos aqui outra vez.

E chegou agora um pedido do cantão de Berna, cuja influência Protestante e política pesava em todos os distritos ao redor de Genebra. Berna solicitou que os Conselhos de Genebra adotassem alguns ritos para as igrejas da sua cidade (FareL tinha acabado com tais práticas ao chegar em Genebra, porquanto desejava eliminar tudo que parecesse com a Igreja de Roma). Pedimos que voltem a usar pias batismais nas suas igrejas, disse Berna, e que também usem pão ázimo, semelhante à hóstia, na Ceia do Senhor. Além disso, devemos todos comemorar o Natal e Páscoa e Ascensão e Pentecostes como dias santos. É bom que todas as igrejas estejam conformes nestas coisas. O que Berna não dizia era o motivo por que estava pedindo estas coisas: desejava colocar Genebra sob a sua influência política, também.

De acordo, disse o Conselho de Duzentos aos pedidos de Berna. Os ritos de Berna foram aprovados pelo Conselho sem que os pregadores fossem consultados.

Numa manhã de sábado, o cego Corault subiu ao púlpito para o culto das seis horas. Na semana anterior tinha sido proibido de pregar por que tinha falado

com candência contra as decisões do Conselho sobre assuntos da Igreja. Mas eis que Corault falava novamente, ainda denunciando o Conselho pelas decisões que, julgava, não lhe competia tomar. “Meus senhores, os governantes, são como a imagem de Daniel: têm pés de barro” bradou. “São como ratos no meio da palha”. Antes que pudesse concluir, os soldados do Conselho o pegaram e o levaram para a prisão. Era o dia anterior à Páscoa.

Calvino e Farel abriam alas entre a multidão que começava a aglomerar-se. Entre vaias e cusparadas, subiram os degraus que os levariam à sala do Conselho. Disseram ao Conselho: Agistes com perversidade ao aprisionar um servo do Senhor. Ele falou a verdade quando pregou que não tínheis o direito de decidir sobre a liturgia da Igreja sem consultá-la de antemão.

O Conselho recebia incomodamente o rancor dos pregadores. Queriam fazer um trato com os pregadores: Demoraremos a colocar em vigor os ritos de Berna se concordarem em excluir Corault do ministério. Jamais concordaremos com tal proposta, replicaram-lhes os dois homens de togas pretas. E nem introduziremos as cerimônias de Berna, pois nenhum Conselho da cidade tem o direito de impô-las sobre a Igreja.

A turba os aguardava fora do prédio. “Ao Ródano, ao Ródano”, gritavam alguns que imaginavam os pregadores se afundando nas águas gélidas e rápidas do rio. Outros xingavam às costas de Calvino e Farel. Mais vaias, mais cusparadas, mais punhos e paus sacudidos a poucos centímetros das suas faces barbadas. E, ao cair da noite, mais botinadas na sua porta, mais tiros sob suas janelas, mais canções indecentes cantadas estrepitosamente. Houve alguém que até passeou pelas ruas, zombando a Ceia do Senhor com uma cantiga obscena, sendo animado pelas gargalhadas dos espectadores.

Tudo isso constituía um pesadelo ao francês tímido, com vinte e oito anos de idade, sentado à sua mesa com pena e vela adejante. Estremecia a cada tiro e a cada botinada na sua porta. O Senhor o tinha colocado como responsável da Igreja ao invés de pô-lo num retiro solitário para estudar. Mas que Igreja e que cidade! Por quanto tempo ainda precisaria enfrentar a tempestade?

Sábado à noite. O povo nas ruas abria alas para dar passagem ao arauto do Conselho com o seu bordão prateado. Carregando uma lanterna, veio à porta dos pregadores por ordem dos síndicos. Os pregadores concordariam em usar os ritos de Berna? Caso contrário, por ordem dos síndicos, os pastores Calvino e Farel não poderiam assomar aos púlpitos no dia seguinte. Outros pregadores seriam achados para pregar os sermões da Páscoa e para administrar a Ceia do Senhor às congregações.

Domingo de manhã. Manhã de domingo da Páscoa. As igrejas estavam repletas. Um grupo barulhento transbordava pela rua que subia a Saint Pierre.

Queria ver o que iria acontecer. No outro lado do rio, onde era de Farel a vez de pregar, a Igreja de Saint Gervais estava também apinhada de gente. Pregariam os pregadores? Sim, os pregadores resolveram pregar. Após uma noite sem sono, saíram a caminho das igrejas — Farel para o outro lado do rio, Calvino, numa breve caminhada, subindo a rua estreita que levava a Saint Pierre.

Aqui estava Calvino de pé, seus dedos ossudos segurando o gradil do púlpito, seus olhos penetrantes contemplando a congregação zangada e barulhenta de vários milhares de pessoas. Que sermão magnífico pregou naquela manhã de Páscoa! Falou ao povo clara, franca, e firmemente. Como poderiam estender as mãos para receber o pão e o vinho da Santa Comunhão quando tinham tão obstinadamente pecado contra o Cristo crucificado? Poderia a Santa Ceia ser celebrada no meio de brigas e tumultos? Deus não o permitiria!

Não houve celebração da Santa Comunhão em Saint Pierre naquela manhã de domingo da Páscoa. Nem em Saint Gervais, no outro lado do rio. Ilesos, os dois pastores voltaram para suas casas passando pelas turbas resmungantes.

Os pregadores pregaram novamente nos cultos vespertinos daquele domingo de Páscoa. Era a vez de Calvino ocupar o púlpito da Igreja de Rive, junto à praia do lago. A assistência esperava num silêncio agourento. Quando Calvino, na sua franqueza convincente, começou a falar sobre os problemas de Genebra, homens saltaram à frente com espadas lampejantes. Gritando e brigando, buscavam alcançar o púlpito. Amigos de Calvino acorreram ao seu redor, formando um escudo humano. “Por um milagre”, relatou uma testemunha, não houve derramamento de sangue. O escudo humano escoltou o pregador pelas ruas até à porta da sua casa.

Dentro de casa, Calvino e Farel aguardavam a próxima jogada dos Conselhos. Não tiveram que esperar muito. Às altas horas de domingo os síndicos se reuniram em sessão especial. O Conselho de Duzentos reuniu-se na segunda-feira para tornar uma resolução. “Damos aos pastores Calvino, Corault, e Farel o prazo de três dias para saírem da cidade”, disse o Conselho.

O arauto, com seu bordão prateado, veio anunciar a sentença. Ouvindo-a, Calvino replicou: “Muito bem. Tivéssemos servido a homens seríamos mal-recompensados, mas servimos a um bom Mestre que nos retribuirá”.

Três pastores franceses atravessaram a ponte elevadiça sobre o fosso, passando pela guarda armada e saindo pelo portão da cidade. Cavalgando animais alugados, deixavam Genebra — o homem cego e velho que tinha acabado de sair da prisão, o de barba ruiva que estava acostumado a ser expulso de cidades, e o mais moço e magro, com olhos penetrantes, que tinha permanecido vinte meses em vez de uma só noite como tivera planejado.

Era 25 de abril de 1538.

VIII. O Exílio

Não é brincadeira um pastor ser excluído da sua Igreja. Deixando Corault, fraco e cego, numa cidade onde tinha amigos, Farel e Calvino prosseguiram viagem. Queriam defender-se perante o Conselho da cidade de Berna e num sínodo de igrejas suíças em Zurique.

Enquanto viajavam no clima primaveril, Calvino e Farel tinham tempo para pensar. O barulho da turba já não existia. As coisas lhes pareciam um tanto diferentes agora. Teriam se zangado precipitadamente, e agido com excessiva severidade e teimosia em assuntos de somenos importância? Não tinham dúvidas sobre a fé que pregavam. Nem duvidavam da necessidade de ordem na Igreja e de disciplina nas vidas de seus membros. Mas teriam seguido o caminho mais sábio para estabelecer estas coisas?

Ao sínodo em Zurique, Calvino e Farel afirmaram que estavam dispostos a aceitar os ritos eclesiásticos propostos por Berna. Mas, disseram, continuamos a crer que um conselho de representantes não deve decidir tais coisas sobre a liturgia da Igreja. Explicaram, outrossim, suas convicções sobre a disciplina na Igreja.

As igrejas suíças desejavam paz nas suas paróquias. O sínodo esperava que os pastores despojados fossem restabelecidos. Solicitou-se que Berna enviasse delegação a Genebra para tratar disso. Mas os Conselhos de Genebra não mudaram de opinião. Enviaram um arauto para se encontrar com Calvino e Farel, os quais já haviam iniciado a viagem de volta a Genebra na esperança de que a delegação de Berna tivesse conseguido a paz. O arauto levava uma carta ordenando aos pregadores que não retornassem à cidade.

Mais uma vez Calvino e Farel voltaram os seus cavalos das torres de Saint Pierre. Que mais poderiam fazer? Viajaram, desta vez, para Basileia, a cidade que tinha servido de retiro sossegado enquanto escrevia a primeira edição das Instituías. Foi uma viagem de mais de duzentos quilômetros. Os pregadores chegaram à cidade no Rio Reno no fim de maio de 1538.

A viagem não foi fácil. Calvino escreveu ao seu amigo Viret em Lausanne: “Chegamos, finalmente, a Basileia, mas bem ensopados pela chuva e completamente fatigados e exaustos. E nem esteve a nossa viagem isenta de perigos, pois que na verdade um de nós foi quase levado pela correnteza de um rio. Temos, porém, experimentado tratamento mais ameno do rio impetuoso do que do nosso próximo...”.

Os dois pregadores solteiros tinham planos de ficarem juntos. Mas Farel foi logo convidado a ir a Neuchâtel, uma cidade para a qual tinha levado a Reforma. Calvino tinha cartas de Estrasburgo, convidando-o para ir para lá. Em julho fez

uma visita para entender-se com os pastores de Estrasburgo. Os pastores suplicaram que Calvino ficasse como pastor dos muitos refugiados franceses que fugiam da perseguição na França. Mas Calvino não estava pronto a assumir um novo pastorado. Escreveu de Estrasburgo a du Tillet, o amigo que o havia deixado: “Voltarei ao retiro de Basileia, esperando compreender o que o Senhor quer que eu faça”.

Mas agora Calvino esperava sozinho em Basileia. Farel, seu melhor amigo, tinha atendido aos apelos de Neuchâtel para ser pastor naquela cidade. Calvino logo lhe escreveu a primeira de muitas cartas. Contou a Farel os problemas que estavam surgindo em Genebra por causa da nomeação de novos pregadores. “Mas...”, escreveu, “humilhemo-nos... a menos que desejemos lutar contra Deus quando Ele procura nos tornar mais humildes. Entrementes, aguardemos a vontade de Deus”.

Duas semanas depois Calvino enviou outra carta a Farel. Calvino tinha arriscado a própria vida para ajudar ao agonizante sobrinho do seu amigo. “No domingo passado, o seu sobrinho foi acometido da peste”, escreveu Calvino a Farel. “O companheiro dele e o ourives que testemunhou o Evangelho em Lyons trouxeram-me a notícia imediatamente. Como eu tinha tomado alguns comprimidos para aliviar a dor na minha cabeça, não pude visitá-lo pessoalmente... Arranjaram uma mulher para cuidar dele... O genro dela também veio ajudar. Visitei-o tão logo minha saúde o permitiu. Quando apareceram os sinais de morte certa, esforcei-me em dar-lhe remédio para a alma ao invés de para o corpo. Não estava seguro da sua mente, mas estava tão ciente do seu estado que chamou-me de volta ao seu quarto... para orar por ele... Nesta manhã, às cinco horas aproximadamente, o Senhor o levou... Aquele excelente homem, o ourives, tinha sido despedido pelo seu senhor porque tinha tido contato com o doente infectado. Enviei-o, com minha recomendação, a Estrasburgo, para que lá conseguisse trabalho... Com referência às vestimentas e outros objetos do seu sobrinho, eis o que há a relatar:... Há uma espada e uma camisa com Wolf, o dono da hospedaria”.

“Sei com certeza que não tinha dinheiro quando foi acometido da doença”.

O próprio Calvino arranjou o dinheiro para o tratamento e para o enterro do sobrinho de Farel, embora estivesse vendendo parte da sua biblioteca para ter dinheiro com que viver. Ademais, não se abstivera de ficar perto do homem acometido da praga, embora o ourives tivesse perdido o emprego — por ser a epidemia tão mortífera e contagiosa. Mas para ajudar o sobrinho de um amigo, valia a pena sacrificar dinheiro e saúde.

Logo após, Calvino fixou residência em Estrasburgo. Tinha vindo de Basileia nos primeiros dias de setembro de 1538, menos de cinco meses depois

de ter saído de Genebra. Tinha anteriormente recusado ouvir os argumentos do Pastor Martin Bucer e de seus colegas. Mas Bucer sabia fazer o papel de um Farel. Quando falharam os apelos, passou a ameaçar. “Deus saberá como encontrar o servo rebelde, assim como achou Jonas,” admoestou Bucer. Não tardou que Calvino embarcasse num barco fluvial, viajando os cento e cinquenta quilômetros no Rio Reno até Estrasburgo. “Minha despedida de Basileia foi... apressada e desordeira”, escreveu a Farel. A mão de Deus, que havia descido sobre Calvino, novamente o dirigiu para longe de um retiro sossegado para estudos.

Os três anos em Estrasburgo foram, no entanto, um sonho agradável comparado com os horrores de Genebra. Estrasburgo, era uma cidade pacífica. O seu famoso prefeito, Jacob Sturm, estava a favor da Reforma e tinha fundado várias escolas primárias. As igrejas Protestantes viviam em paz. Davam aos seus membros um programa ordeiro de pregações e catecismo e sacramentos. Tinham, até, um sistema de visitação familiar e de disciplina. Mas os Conselhos da cidade conservavam em suas mãos o poder de excomunhão.

No dia 8 de setembro de 1538, alguns dias após sua chegada em Estrasburgo, Calvino novamente ocupava um púlpito para pregar. Não poderia ter sido maior o contraste deste culto com o seu último culto tumultuado em Genebra. Eis que estava agora na pequena Igreja de Saint Nicolas, junto ao muro sulino da cidade e perto das colinas verdejantes que cercavam a cidade. Diante dele se congregavam refugiados franceses que tinham encontrado abrigo em Estrasburgo. Sua fé era-lhes um tesouro. Ameaçados de morte na sua terra natal, tinham fugido da França para permanecerem fiéis à sua fé. Reverente e ansiosamente ouviram o pregador que lhes falava na sua própria língua. Um mês depois, Calvino escrevia a Farel: “Administramos, pela primeira vez, o sacramento da Ceia em nossa pequena Igreja, de acordo com o costume local. Esperamos repeti-lo mensalmente”.

Não mais turbas e brigas, não mais gritos e tiros sob sua janela, não mais gente rebelde aparecendo para participar do santo sacramento. Calvino caminhava nas ruas em paz. O Rio III fazia voltas ao atravessar a cidade. As suas águas plácidas refletiam as frondosas árvores nas suas margens. Num lado do rio, mais alta do que tudo, erguia-se a magnífica catedral Católico-Romana, uma obra-prima gótica de arenito vermelho, com uma torre rendada prolongando-se ao céu numa altura de cento e quarenta metros. O gigantesco relógio astronômico se localizava no transepto sul da catedral. Famoso pela Europa inteira, o relógio apontava a posição dos planetas bem como a hora do dia. Ao bater das horas, uma figura dourada, representando um dos doze apóstolos, vinha à frente para golpear um sino. E, para Pedro, havia um pequeno

galo dourado que cantava. O relógio ainda existe hoje.

Não muito distante da catedral ficava a Igreja menor de Saint Thomas. Dr. Martin Bucer era seu pastor. Sua Igreja era de pedra cinzenta, com uma torre quadrada e atarracada. O seu interior havia sido despido de imagens e altares para torná-lo ambiente de culto para os Protestantes.

Calvino morou por algum tempo na casa de Bucer, que era perto da Igreja. Não era a única pessoa que morava ali, pois a residência Bucer era conhecida como “a hospedaria da retidão”. Muitos refugiados e viajantes se aqueceram diante da sua lareira e comeram pão à sua mesa. Além dos hóspedes constantes, Bucer tinha uma família de seis filhos. Sua esposa, Elizabeth, era tão hospitaleira quanto ele.

Calvino era agora pastor na cidade livre germânica de Estrasburgo. A cidade era conhecida como a Antioquia da Reforma. O que teria sido Genebra então — uma Sodoma?

IX. Pastor em Estrasburgo

João Calvino, com a idade de vinte e nove anos, pastor da Igreja de refugiados franceses em Estrasburgo, não tinha somente trocado uma Sodoma por uma Antioquia. Ele mesmo parecia ter mudado. Estava menos pronto para brigar, mais disposto a ouvir e aprender. Sua estada em Genebra não havia contribuído, aparentemente, para o sucesso do Evangelho naquela cidade. “De bom grado, portanto, reconhecemos perante Deus... que a nossa inabilidade... merecia ser punida”, escreveu de Estrasburgo a Farel, ainda pensando no que tinha acontecido na cidade suíça junto ao lago.

Em Estrasburgo, Calvino estava disposto a celebrar a Ceia do Senhor “de acordo com o costume local”. Embora não permitisse que criancinhas fossem batizadas por parteiras, por ser tal prática contrária a Palavra de Deus, não ergueu sua voz contra coisas na Igreja que não eram fundamentais. “Quanto a cerimônias insignificantes”, recomendou a Farel, “procure introduzir os irmãos a não discutirem sobre o assunto...”.

Calvino não permitia que os seus alunos levassem espadas para dentro da sala. Mas não levantava a voz contra as roupas que considerava imodestas. E dizia com tolerância: “Nem deve... a disciplina ser tão severa a ponto de impedir brincadeiras ocasionais”.

Em vez de um Farel exacerbado, Calvino agora tinha Bucer como parceiro mais velho. Bucer era quase da mesma idade de Farel, mas era um paladino de paz e cooperação. Em Estrasburgo, Calvino não tinha necessidade de estar sempre batendo à porta da sala do Conselho de representantes. Tornou-se atarefado, por conseguinte, nas funções de pastor, professor, e escritor.

Calvino encontrou alegria na sua pequena congregação de refugiados franceses. Sua pregação atraía toda a gente da vizinhança que falava francês. Examinou cuidadosamente a ordem de culto usada por Bucer, a qual tinha origens luteranas. O que o agradou especialmente foi o fato de que os refugiados franceses já vinham cantando salmos em francês há mais de dez anos. Cantavam com entusiasmo. Dava gosto ouvi-los.

Em 1539, Calvino publicou um hinário com músicas para dezoito salmos e o Credo dos Apóstolos. Algumas letras foram escritas por Calvino. As outras eram da autoria de Clement Marot, o poeta que Calvino conhecera na corte de Ferrara, na Itália, no ano 1536.

Aos poucos, Calvino ia botando em prática as coisas que desejara fazer em Genebra. Em meados de 1539 a sua congregação francesa aprovou um sistema disciplinar semelhante à das demais igrejas de Estrasburgo. O povo estava satisfeito com seu pastor. Visitava os seus lares com fidelidade. Cuidava deles, ensinava-lhes, pregava-lhes, e ministrava-lhes os sacramentos.

Além disso, Calvino foi nomeado “preletor de Sagrada Escritura” no Ginásio de Estrasburgo, uma escola secundária que se transformaria numa das melhores de toda a Europa. Seu diretor era o erudito João Sturm, egresso de Paris, e amigo de Calvino. Calvino concordou, ademais, em dar preleções públicas sobre a Bíblia, como tinha feito em Genebra. “Ou leciono ou pregou diariamente,” escreveu a Farel.

Calvino escrevia também. Levou à tipografia, localizada num antigo convento de freiras, a segunda edição latina das Institutas, uma obra bem maior do que a primeira. Traduziu esta edição para o francês tão magnífico que Calvino ficou mais tarde conhecido como o pai do francês moderno, da mesma forma como Lutero, com sua tradução da Bíblia, é chamado o pai do alemão moderno.

As preleções públicas de Calvino sobre o Livro de Romanos foram publicadas em outubro de 1539. Foi o primeiro de seus muitos comentários, e um dos melhores. Calvino foi também o autor de um pequeno livro sobre o culto público, no qual explanou qual seria a melhor ordem de culto de acordo com a Igreja primitiva. Incluiu uma forma para a celebração da Ceia do Senhor, e outra para o casamento.

Publicou, a seguir, o **Pequeno Tratado Sobre a Santa Ceia do Nosso Senhor**, que não era, afinal de contas, muito pequeno. Tinha sessenta capítulos curtos e foi escrito em francês ao invés de no latim erudito. Calvino esperava que o povo em geral pudesse lê-lo, porquanto nenhuma doutrina era mais discutida naqueles dias do que a da Santa Ceia. Os seguidores de Lutero, Zuínglio, o Papa, e Calvino jamais puderam concordar entre si sobre esta doutrina.

O pastor dos refugiados franceses era agora, estranhamente, membro da associação dos alfaiates. Não se podia ser cidadão de Estrasburgo sem pertencer a uma associação profissional, quer de açougueiros, de sapateiros, de carpinteiros, de negociantes de tecidos, ou outro ramo de comércio. Desejando ser cidadão da cidade, conseguiu Calvino espremer vinte florins das suas parcas economias para pagar a taxa de inscrição. Requereu inscrição na associação dos alfaiates, localizada perto do salão onde dava suas preleções públicas. Quem poderá afirmar que Calvino tinha ou não queda para alfaiate, ou que teria escolhido aquela associação por causa da sua localização próxima ao salão de preleções? Qual tenha sido o motivo, João Calvino era agora cidadão de algures pela primeira vez desde a sua saída da França.

Mas o homem atarefado naquela cidade pacífica também tinha as suas dificuldades e tristezas. Era desesperadamente pobre. Como em Genebra, o Conselho de representantes de Estrasburgo concordara em pagar salário a Calvino, esquecendo-se, a seguir, de assim fazer. Quando, finalmente, seis meses após, o Conselho lembrou-se de fazê-lo, foi na base de um florim por semana, que não era o suficiente para se manter. Escreveu a Farel: "Fale com Balliot para remeter o dinheiro para o pagamento de Wendelin, o tipógrafo. Não estou podendo aguentar mais...". E ainda: "Pagarei o saldo devedor quando puder; pois a minha condição é tal que não posso considerar meu nenhum vintém."

Calvino e Farel ainda deviam ao hospedeiro com quem haviam ficado em Basileia. O homem enviou a conta, a qual incluía o preço de vinho. Mas havia dúvida na mente de Calvino sobre o vinho, pois tinha lembrança de haver recebido o vinho como presente de um amigo. O hospedeiro, no entanto, havia-lhe cobrado, e agora Calvino escrevia a Farel, calculando a sua parte da conta. "Não estou disposto a regatear a conta do vinho... você se hospedou sete semanas e dois dias com ele, e eu dois meses e doze dias... É assim que eu a divido: pago cinco coroas de ouro, você quatro... Ainda lhe devo uma coroa menos vinte xelins em dinheiro de Basileia". Cada moeda tinha o seu valor, e Calvino não tinha nenhuma sobrando!

Uma oferta de dinheiro veio ao pobre pregador. Du Tillet escreveu da França: "É possível que você esteja com pouco dinheiro, sem o que você não pode viver da maneira como lhe convém; mas não precisa preocupar-se com isso... caso desejar, Deus permitindo, suprirei o suficiente para cuidar da sua necessidade."

Na mesma carta, du Tillet sugeriu que Calvino voltasse à França, dando a entender que Calvino voltaria à Igreja de Roma. Mas Calvino respondeu que estava seguro de que o Senhor o tinha dirigido ao seu trabalho em Estrasburgo com as igrejas Protestantes. Não desejando ficar obrigado por qualquer forma ao

usar o dinheiro do seu amigo, Calvino disse-lhe, delicadamente: “você me fez uma proposta pela qual não posso agradecer-lhe suficientemente... Abster-me-ei, no entanto... de ser pesado a... quem já no passado esteve sujeito a tanta despesa por minha causa”.

Passado algum tempo, um vigarista de fala piedosa veio visitar Calvino. O homem fez uma representação cristã tão convincente que acabou persuadindo o pobre pastor a emprestar-lhe vinte batzens, ou dezoito francos de ouro, mais ou menos. Calvino teria tomado emprestado de amigos para poder atender ao pedido. O vigarista deixou em seu poder uma pequena cesta com os seus pertences, como prova de que voltaria logo para pagar a dívida. “Quando voltou alguns meses depois”, escreveu Calvino numa carta, “ele me perguntou sorridente, ou melhor, cinicamente, se eu não podia emprestar-lhe algumas coroas. Respondi que estava precisando da pequena quantia que ele já tinha tomado”.

O vigarista desapareceu sem pagar o empréstimo. Um ano e meio depois, Calvino resolveu abrir a cesta. Mandou chamar seu amigo Sturm, do Ginásio, e alguns outros. Juntos levantaram a tampa e examinaram o precioso conteúdo — algumas ameixas podres, algumas roupas esfarrapadas, alguns livros rasgados, e algumas cartas que o vigarista tinha roubado de outrem. “Não sem muitas gargalhadas” examinamos estas coisas, disse Calvino, que riu gostosamente apesar da peça que lhe fora pregada.

Depois de residir por algum tempo na casa de Bucer, Calvino alugou uma casa onde aceitava alunos como pensionistas. Nem sempre as coisas andavam em paz na casa alugada. De vez em quando os alunos esqueciam de fazer pagamento ao hospedeiro. Em outras ocasiões, a governanta causava confusão com a sua tagarelice. E algumas vezes, o próprio Calvino, atormentado por uma dor de cabeça ou um desarranjo no estômago, dava vazão ao temperamento que estava tentando controlar.

Certa vez Calvino relatou a Farel que tinha perdido completamente o controle do seu temperamento. Pois Caroli aparecera novamente, o ex-pregador de Lausanne, que tinha acusado os pregadores de Genebra de não crerem na Trindade. Caroli, pela segunda vez, declarava-se convertido de Roma ao protestantismo. Pela segunda vez, deixou a França e veio à Suíça e a Estrasburgo.

Calvino e Farel resolveram esquecer as dificuldades anteriores e receber Caroli com amor caso o seu retorno fosse sincero. Caroli, porém, estava bem disposto a provocar as divergências do passado. Tentou, em Estrasburgo, lançar suspeitas sobre Calvino em conversas com Bucer e os outros ministros. Os ministros, juntamente com Caroli, redigiram algumas declarações doutrinárias,

assinaram-nas, e as enviaram às altas horas da noite para que Calvino as assinasse também. Na ânsia de pacificar, os ministros tinham concordado com algumas ideias de Caroli, mas com as quais Calvino não podia concordar.

Caso assinasse as declarações, Calvino estaria sendo infiel às suas convicções. E se recusasse assinar, Caroli o acusaria de infidelidade aos seus amigos e de ser o único instigador de complicações. Aborrecido, Calvino pediu uma reunião dos ministros. Reuniram-se para o jantar na residência de um deles. E "ali pequei dolorosamente", escreveu Calvino a Farel, "pois não consegui me controlar; a bílis de tal forma tomou conta da minha mente, que extravasei azedume por todos os lados. Havia, certamente, alguma causa para indignação. Mas é pena que não tenha usado de moderação ao expressá-la... Afirmei minha resolução de que preferia morrer do que assinar tal documento... Por fim, saí da sala de jantar, seguido de Bucer, o qual, após acalmar-me com sua doce fala, levou-me de volta à companhia dos outros... Quando cheguei em casa, fui acometido de um acesso extraordinário. Não encontrei outro alívio senão em soluços e lágrimas". Eis o servo de Jesus Cristo, um servo humano, lutando contra esse pecado habitual, chorando amargamente por não conseguir controlá-lo.

Havia em Estrasburgo outros motivos de tristeza. Um mês após a chegada de Calvino, enquanto ainda estava na casa de Bucer, chegou a notícia da morte do seu colega cego, Corault. Havia um boato que Corault tinha sido envenenado na pequena cidade de Orbe, onde era pastor. "A morte de Corault me abateu de tal maneira que não sei colocar limites no meu pesar", escreveu Calvino a Farel. "Nenhuma das minhas ocupações diárias consegue... tomar conta da minha atenção... A tristeza e agonia durante o dia parecem servir somente para me preparar... para os pensamentos mais excruciantes durante a noite. Não é somente a falta de sono que me importuna, pois estou acostumado com isso. Mas estes pensamentos melancólicos durante a noite inteira me deixam completamente esgotado... Àquele gesto infame... exaspera-me a mente, se é que a suspeita é bem fundamentada... Nós, os sobreviventes que o Senhor permitiu viver por algum tempo, devemos perseverar no mesmo caminho trilhado pelo nosso irmão, até que tenhamos terminado nossa carreira...".

Não somente Corault tinha desaparecido. Na Itália, na corte da duquesa de Ferrara, Olivétan tinha falecido também. Tinha somente trinta e dois anos de idade. A suspeita de envenenamento pairava de igual forma sobre a sua morte. Primeiramente tinha morrido um colega do ministério. E depois um primo de quem havia ouvido em Paris as verdades da Reforma, a quem tinha escrito prefácios a um Novo Testamento em francês.

Calvino não estava só em Estrasburgo, felizmente. Tinha muitos amigos nas

igrejas e escolas. A sua irmã Marie estava com ele, bem como o seu irmão Antoine. Fazia alguns anos que estes dois tinham saído de Noyon, sua cidade natal, para residir com seu famoso irmão. Moraram por algum tempo em Basileia. É provável que tenham estado em Genebra durante aqueles vinte meses tempestuosos. Estavam agora em Estrasburgo. Calvino sentia-se feliz por isso.

Mesmo assim, palavras de Bucer volta e meia voltavam à sua mente. Você precisa de uma esposa, Calvino. Era assim que Bucer lhe falava.

X. Enlace difícil mas ideal

"Aguardamos a chegada da noiva para logo depois da Páscoa," escreveu Calvino a Farel em fevereiro de 1539. Mas se você me garantir a sua presença, poderemos protelar a cerimônia do casamento até a sua chegada... Peço-lhe... que me assegure que você virá... Prefiro você do que qualquer outra pessoa".

Seria de Farel o privilégio de "solenizar e pedir a bênção" sobre esse casamento. Mas tal casamento não ocorreu. Não há nenhuma menção do fato e nem da mulher que era aguardada depois da Páscoa. Animado pelos seus amigos de Estrasburgo, Calvino, em maio do mesmo ano, novamente cogitava de casamento e descrevia a Farel o tipo de mulher que estava procurando: "Mas não se esqueça do que espero encontrar nela. Pois não sou daqueles apaixonados que abraçam também os vícios daquelas com quem querem casar, quando caídos à primeira vista por um lindo corpo. Eis a única beleza que me atrai: que seja casta, que não seja muito exigente nem melindrosa, que saiba economizar, que seja paciente, e que esteja preocupada com meu estado de saúde".

Em fevereiro de 1540, o pregador continuava solteiro, mas esperançoso. "No meio de tais comoções", escreve a Farel, "me encontro tão à vontade que tenho a ousadia de pensar em casamento. Apresentaram-me uma donzela de nobre estirpe, com uma fortuna acima da minha condição. Duas considerações levaram-me a desistir de tal combinação — por não compreender nossa língua e por temer que ela ficaria muito consciente da sua família e educação. Foi o irmão dela, uma pessoa bastante devota, que insistiu nesta relação... Sua esposa também... Quando, por conseguinte, respondi que não poderia me comprometer sem que a donzela... aplicasse a sua mente no aprendizado da língua, ela então solicitou tempo para uma resposta".

A incerteza da donzela sobre a aprendizagem do francês aparentemente preveniu Calvino a não mais considerá-la. "Por causa disto", continuava, "... enviei meu irmão, com um homem respeitado, para acompanhar até aqui outra donzela, a qual, caso conferir com a sua reputação, trará um dote suficientemente grande, sem nenhum dinheiro. De fato ela é muito elogiada por aqueles que a conhecem."

A candidata tinha um dote de virtudes em vez de um valor monetário! “Caso acontecer, como certamente esperamos que aconteça, a cerimônia do casamento não demorará além do dia dez de março. Espero que você possa estar presente, para abençoar nosso matrimônio. Não posso insistir, porém, pelo fato de tê-lo importunado tanto durante o ano passado...Estaria fazendo um papel ridículo caso a minha esperança deixe de se concretizar novamente”.

A esperança outra vez deixou de se concretizar. Calvino não queria este casamento. No dia 29 de março escreveu a Farel: “Estamos ainda num estado de incerteza com relação ao casamento, e isso me irrita consideravelmente”. A dama insistia no casamento, mas Calvino tinha ouvido algumas coisas ao seu respeito. “A menos que o Senhor me enlouqueça completamente” não casarei com ela, diz ele agora. “Embora seja desagradável recusar, especialmente por causa das pessoas que me cercam de tanta bondade, desejo sinceramente me livrar desta dificuldade”.

Calvino estava em situação difícil. Como é que a gente se livra afavelmente de uma mulher com a qual não se quer se casar? O irmão Antoine, que tinha ajudado a arranjar este romance, recebeu a incumbência de terminá-lo. Consideravelmente envergonhado, Calvino resolveu pensar bem antes de cair novamente em tal dilema. Chegou o mês de junho, e Calvino dizia: “Ainda não encontrei uma esposa. Hesito frequentemente sobre se devo ou não procurar alguém”.

Chegou então o mês de agosto de 1540. Calvino casou. Farel veio de Neuchâtel para presidir a cerimônia. Calvino tinha encontrado uma esposa na sua própria congregação de refugiados. Uma vez encontrando-a, não tardou em casar-se. A esposa era viúva com dois filhos. Além de possuir todas as qualidades que Calvino tinha enumerado na sua carta a Farel, era bastante linda também.

Idelette de Bure veio da atual província holandesa de Gelderland. Seu primeiro marido, um negociante chamado João Stordeur, tinha abandonado as suas ideias Anabatistas pela pregação de Calvino na congregação de refugiados em Estrasburgo. Tinha falecido logo após, acometido pela peste.

Calvino não poderia ter encontrado melhor esposa do que a nova Madame Calvino. Mas desde o início do seu casamento com o pregador francês, jamais teve o seu marido inteiramente para si. Não foi fácil entrar no pensionato de alunos que Calvino mantinha e aturar a língua cortante da governanta. Mesmo assim, Idelette de Bure nunca se queixou. Era não somente paciente, ansiosa por servir o marido e feliz por compartilhar com ele qualquer trabalho do Senhor; ela mesma saía para visitar os doentes, confortar os tristes, e compartilhar com outros a sua fé.

Calvino, alentado pelo seu amor, nunca imaginou ser possível tal felicidade. Bucer estava certo quanto ao casamento — era bom ter uma esposa, uma boa esposa. Até Farel o tinha recomendado — e Farel, com mais de cinquenta anos, continuava solteiro!

Uma nuvem pairava sobre o casamento — doença e pouca saúde. “Como se tivesse sido ordenado... que o nosso matrimônio não deveria ser excessivamente feliz, o Senhor moderou a nossa felicidade,” escreveu Calvino a Farel. Menos de um mês após o casamento, o casal Calvino ficou doente. Seria a primeira de muitas doenças.

Ao mesmo tempo, houve uma desavença com a governanta. Numa segunda-feira, a governanta falou rudemente, “como é de seu feitio”, a Antoine, o qual “deixou a casa silenciosamente prometendo não voltar enquanto a governanta permanecesse comigo”. A governanta também foi embora “quando ela me viu tão triste pela saída do meu irmão.” Mas o filho dela continuou na casa. Calvino jantou demais naquela segunda-feira. “Quando agitado pela raiva ou movido por uma ansiedade fora do comum... tenho a inclinação de comer demais... o que aconteceu comigo então”. Na terça-feira ele se encontrava “atormentado pela manhã com severa indigestão.” Geralmente, em tais ocasiões, não comia nada. Mas desta vez sentiu que o filho da governanta “interpretaria esta abstinência como um meio indireto de me livrar dele”. Por isso, tomou a sua refeição à mesa como de costume para não desagradar ao rapaz, embora não se sentindo bem.

Pregou com dificuldade no culto vespertino de terça-feira. Desmaiou à noite. Vieram calafrios e febre, com ataques severos dia sim dia não, depois do que “mal podia levantar um dedo”. E, “enquanto ainda sofria da fraqueza... minha esposa apanhou uma febre de outro tipo. Ela tem estado esgotada nestes últimos oito dias... que sente dificuldade em sentar-se na cama”.

Duas pessoas doentes — durante nove anos de casamento carregaram o peso de doenças frequentes sem se queixar. Era felicidade suficiente o contentar-se, contentar-se um com outro, e contentar-se com tudo aquilo que proveria a Deus fazer em suas vidas.

XI. Nas dietas de Worms

O trabalho do Senhor não podia esperar por boa saúde. Mesmo durante a febre, Calvino estava “deliberando com Capito e Bucer, como se estivesse forte e bem.”

Havia movimentos de importância no horizonte. O imperador Carlos V, chefe do enorme Santo Império Romano, cogitava da união entre igrejas Protestantes e a Igreja de Roma. Precisava desta união por que os ferozes

exércitos dos turcos estavam ameaçando seu império pelo oriente. Com tal ameaça, o imperador estaria melhor fortalecido se conseguisse unificar religiosamente os estados germânicos Protestantes e Católico-Romanos, a fim de que lutassem lado a lado a favor do império.

O imperador Carlos V decidiu organizar algumas conferências. Foram chamadas dietas imperiais, e realizaram-se quatro nos anos de 1539 a 1541. Os estados germânicos e cidades livres enviaram delegados às dietas. O príncipe de cada estado lá estava por ser o chefe oficial da Igreja na sua região. Houve longos debates e negociações. Representantes do Papa e porta-vozes do Protestantismo se confrontavam dia após dia.

Calvino, cidadão de Estrasburgo, foi nomeado como um dos delegados desta cidade livre germânica. Não tomou parte destacada nas dietas. Era, afinal de contas, um francês entre alemães, e era uma honra ter sido enviado pela sua cidade germânica. No mais, alimentava poucas esperanças pelo sucesso das dietas. Como poderiam a Igreja de Roma e o Protestantismo andarem de mãos dadas? “De minha parte, pouco espero delas”, escreveu a um amigo.

Mas, com seus olhos de águia, Calvino observava tudo que ocorria. Analisou cuidadosamente cada participante principal, cada debate importante. Suas longas cartas a Farel estavam repletas de detalhes. Parecia um repórter relatando os acontecimentos mundiais da sua época. O mundo inteiro era discutido nos corredores e nos muitos bate-papos.

Calvino encontrou-se nas dietas com os príncipes e teólogos alemães. O principal destes era Philip Melanchton, a mão direita de Lutero, que Calvino veio a conhecer em Frankfurt em meados de 1539. Uma forte amizade se estabeleceu entre ambos, durando até a morte de Melanchton vinte e quatro anos depois. Melanchton doze anos mais velho que Calvino, era homem de grandes conhecimentos, esmerado em línguas e de amplos recursos de erudição. Aos vinte e um anos, tinha sido nomeado professor de grego na Universidade de Wittenberg. Melanchton era brando e amante da paz. Algumas vezes amava a paz demais, transigindo em assuntos sobre os quais deveria permanecer mais firme. Todo o seu caráter contrastava com o de seu mestre, Lutero.

Philip Melanchton deveria ter pensado consigo mesmo ao encontrar-se com Calvino: Então este é o homem que conhece a patrística melhor do que qualquer outro no mundo de hoje! Que mente extraordinária existe atrás daqueles olhos penetrantes! Melanchton deu ao seu novo amigo francês um apelido durante uma das dietas. Calvino tinha derrotado fragorosamente num debate um teólogo Católico-Romano. Dali por diante Malanchton passou a referir-se a ele como “O Teólogo”. Tal alcunha, vindo de Melanchton, era um elogio de fato.

Quanto a Calvino, descreveu Malanchton como um homem de

"incomparável sabedoria... piedade, e outras virtudes", um homem "que merece a admiração de todas as idades". Mais tarde escreveu: "Sei que estou muito abaixo da sua pessoa". Mesmo assim, Calvino chamava seu amigo pelo primeiro nome. Não hesitava em falar a Philip quando lhe parecia que o alemão transigia precipitadamente, sem disposição para tomar providências quanto às muitas cerimônias ou a disciplina solta que grassava nas igrejas germânicas. "Ultimamente tenho falado claramente a Philip...", escreveu a Farel.

De um lado, Calvino permanecia firme como a rocha naquilo que julgava ser ensinado pela Bíblia. Por outro lado, nunca cessou seus esforços de reunir as igrejas Protestantes. Estava disposto a tolerar as diferenças de origem humana dentro das igrejas, desde que estas diferenças não envolvessem doutrinas básicas. Comentando Bucer, escreveu a Farel: "Ele não se conforma que estejamos separados de Lutero por causa dessas observâncias inconsequentes. Nem eu, certamente, as considero como justos motivos de divergência."

Calvino não transigia em assuntos de doutrina conforme ensinadas na Palavra de Deus. Gastava bastante tempo, porém, tentando converter outros ao seu ponto de vista. "Tive muitas conversas com Philip sobre muitas coisas", comentou Calvino sobre os seus dias em Frankfurt, "tendo-lhe escrito de antemão nas questões em que estamos de acordo".

Um dos grandes assuntos discutidos pelo francês e pelo alemão era a Ceia do Senhor. Como é que o corpo de Cristo está presente na Ceia do Senhor? Calvino e Melanchton podiam facilmente concordar que, ao contrário do que Roma ensinava, o pão não se transforma no corpo. Mas estaria o corpo de Cristo com o pão, dentro-abaixo-e-sobre o pão, conforme insistia Lutero? Não, dizia Calvino, conforme a Escritura, o corpo e o sangue de Cristo não estão fisicamente com o pão e o vinho. O corpo e o sangue de Cristo estão espiritualmente presentes.

Depois das conversas em Frankfurt, Calvino escreveu com euforia a Farel acerca de Melanchton: "Quanto a ele, você não precisa ter dúvidas, pois pode considerá-lo como tendo a mesma opinião que a nossa". Seria este um pequeno princípio de concordância entre os Luteranos e Calvino? Tendo convencido ao brando Melanchton, seria possível convencer o mestre de Melanchton também e aos príncipes germânicos?

No outro lado do grupo Protestante estavam os seguidores de Zuínglio, o reformador suíço. Tinham, também, convicções próprias sobre o corpo do Senhor na Santa Ceia. Seguindo a opinião do seu líder morto, afirmavam que a Ceia era simplesmente uma espécie de memorial à morte de Cristo. Davam-lhe menos importância do que Calvino. Neste assunto, Calvino estava, por conseguinte, no centro, entre os seguidores de Lutero e os de Zuínglio. Por

quanto tempo animaria a esperança de que poderia estender as mãos para cada lado e unir os dois grupos?

Calvino estava pensando nessa esperança ao escrever o seu Pequeno Tratado Sobre a Santa Ceia do Nosso Senhor. Queria que fosse a base para edificante discussão entre os grupos Protestantes. Sua linguagem no livro era firme, mas cautelosa. Não usou as palavras contundentes que de vez em quando inseria nos seus manuscritos.

Uma cópia desse pequeno livro, traduzido do francês para o latim foi encontrada por Martinho Lutero em 1545 numa livraria na Alemanha. Depois de lê-lo, declarou: "Eu poderia ter confiado este assunto controvertido a ele (Calvino) desde o princípio. Se os meus adversários tivessem feito o mesmo, teríamos nos reconciliado sem muita demora".

Martinho Lutero jamais se encontrou com João Calvino. Mencionou-o a Bucer, que era amigo de Lutero. "Saudações reverentes a Sturm e Calvino, cujos livros tenho lido com especial satisfação", escreveu o grande reformador alemão. Lutero tinha dito mais acerca de Calvino. Melanchton o relatou a Calvino, e Calvino o escreveu a Farel: "Philip... escreveu assim, "Lutero e Pomeranus enviaram saudações a Calvino; Calvino é visto com simpatia por ambos!". Calvino relata ainda a Farel: "Philip me informou que algumas pessoas, com intuito de irritar Lutero, mostraram-lhe um trecho onde ele e seus amigos são criticados por mim; examinando então a passagem... concluiu, 'Espero que Calvino algum dia nos veja com melhor simpatia; mas, seja como for, é bom que ele tenha mesmo agora uma prova do nosso bom ânimo para com ele'". "Se não ficássemos sensibilizados por tal moderação", acrescenta Calvino, "seríamos de pedra. Quanto a mim, sinto-me profundamente sensibilizado".

Alguns anos mais tarde, quando Lutero começou "a trovejar veementemente sobre a Ceia do Senhor," Calvino o defendeu perante o líder dos seguidores de Zuínglio. "Lembrai-vos da grandeza de Lutero", escreveu, enumerando as suas realizações. "Mesmo que me chamasse de diabo," aduziu Calvino, "eu o honraria e o chamaria de ilustre servo de Deus".

Calvino escreveu uma carta a Lutero nos anos que antecederam a sua morte, época em que o alemão se irritava com maior facilidade. Calvino enviou a carta a Melanchton, o qual nunca a remeteu ao seu mestre. "Não mostrei sua carta ao Dr. Martinho", explicou Melanchton, a Calvino. "Ele desconfia de muita coisa, e não gosta que respostas a perguntas como as suas sejam levadas daqui para ali, de mão em mão". Na referida carta, Calvino tinha enviado alguns dos seus manuscritos, pedindo que fossem comentados por Lutero. E tinha concluído da seguinte maneira: "Pudera voar para junto de vós, para gozar, mesmo por poucas horas, a felicidade da vossa companhia... Mas já que isso não nos é

concedido na terra, espero que isto ocorra brevemente no reino de Deus. Adeus, mui renomado senhor, mui ilustre ministro de Cristo, e meu pai sempre-honrado".

Quem poderá dizer o que teria acontecido à Igreja Protestante se o Senhor tivesse conduzido os gigantes da Reforma a crerem as mesmas verdades básicas da Palavra? Esse dia nunca esteve tão próximo como na época em que Calvino, Lutero e Melanchton se conheceram pessoalmente ou por carta. Embora nunca tivessem alcançado o acordo e a unidade com que Calvino sonhava, falavam um do outro com palavras de amizade e estima. Apesar das suas diferenças, consideravam-se irmãos em Cristo.

É uma lição que hoje podemos aprender dos grandes reformadores

XII. Um chamamento do Alto

João Calvino estava chorando. Sufocava em sua garganta os soluços para abafar-lhe o barulho. Suas mãos cobriam-lhe a face.

Ao seu lado estava uma carta. Vários homens tinham viajado centenas de quilômetros a cavalo para a entregarem. Foram primeiramente a Estrasburgo, esperando encontrar ali o pregador francês. O Conselho de representantes de Estrasburgo os tinha informado que o Pastor Calvino estava em Worms representando a cidade na terceira dieta imperial ali reunida.

Os mensageiros tinham prosseguido viagem, entrando pelo portão da cidade de Worms. Conduzindo seus cavalos pelas ruas, encontraram, afinal, o destinatário da carta. Solenemente, foi-lhe entregue.

Ao Doutor Calvino, Ministro do Evangelho — eram estas as palavras formais no exterior da carta. Dentro, em tom mais cordial, continuava:

> **Monsieur**, nosso Bom irmão e Amigo Especial: Recomendamo-nos mui afetuosamente a vós, pois estamos inteiramente informados que não tendes outro desejo senão o crescimento e o progresso da glória e da honra de Deus, e da Sua sagrada Palavra. Em nome dos Conselhos Pequeno, Grande e Geral... rogamos ardentemente para vos transferirdes para nós, voltando para o vosso velho lugar e antigo ministério; e esperamos, com o auxílio de Deus, que isto seja um grande benefício, e frutífero para a multiplicação do santo Evangelho, pois nosso povo vos deseja de volta, e se conduzirá a vosso respeito de tal maneira, que tereis motivo para descansar sem preocupação.
>
> Vossos bons amigos,
> 22 de outubro de 1540
> Os Síndicos e Conselhos de Genebra

O selo oficial da cidade estava sobre cera na parte inferior. No selo o lema: Post Tenebras Spero Lucem — "Após a Escuridão Espero a Luz".

E agora o homem que estava sendo tão urgentemente convidado para voltar a Genebra estava sentado, chorando, a carta ao lado. Os mensageiros tinham voltado, após acrescentarem as suas próprias palavras de instância à mensagem da carta. Ao redor de Calvino estavam sentados os homens de Estrasburgo que o acompanhavam em Worms para a dieta imperial. Tinha-os chamado para pedir-lhes conselhos. Duas vezes, ao conversar com eles, Calvino deixou a sala para controlar as lágrimas que lhe interrompiam as palavras.

Ajudem-me, implorou Calvino aos seus companheiros. Digam-me o que devo fazer. Não me considerem e nem a meus sentimentos. Pensem somente no que é melhor para meu crescimento do Evangelho e para a glória de Deus. Estou em agonia diária. Tenho lutado com esta decisão e não sei como responder. Ajudem-me, meus fiéis amigos. Confio em sua opinião.

Os homens de Estrasburgo responderam sinceramente. Bom irmão, disseram, você sabe o quanto a nossa cidade o quer. Quando os mensageiros chegaram a Estrasburgo, o Conselho de Estrasburgo enviou um cavaleiro veloz até aqui em Worms para que o impedíssemos de prometer qualquer coisa a Genebra. Quando consideramos o que, para nós, seria melhor para a glória de Cristo, desejamos ardentemente conservá-lo em Estrasburgo. Mas, se a vontade de Deus é outra, como poderíamos nós impedi-lo? Espere, no entanto, até a conclusão da dieta, e considere então qual seria a vontade do Senhor.

Calvino esperou na mesma cidade onde quase vinte anos antes Martinho Lutero tinha tomado a corajosa atitude perante o imperador. "É esta a minha posição. Não posso agir de outra maneira. Assim me ajude Deus". Foram estas as palavras imortais de Lutero. E agora Calvino estava na mesma cidade amuralhada, longe de casa e de sua nova esposa, hospedado numa pensão e dormindo num quarto com numerosos delegados. Sentia-se fraco ainda como resultado da febre que o atacara em setembro. Durante a espera, conversava com Melanchton. Discutiam em particular sobre assuntos de fé. Foi aqui em Worms que mereceu de Melanchton o apelido de "O Teólogo".

As centenas de delegados ficavam cada dia mais inquietas. Não havia sinal que a dieta começaria. O duque de Granvelle, nomeado para dirigir a dieta, não tinha ainda chegado. Finalmente, com quase um mês de atraso, apareceu em Worms. Seguiram-se, então, semanas de discussão sobre a ordem e método do debate a ser travado. Finalmente, no dia 14 de janeiro de 1541, começou o debate propriamente dito. Calvino tinha estado em Worms desde 1º de novembro do ano anterior!

Naqueles dois meses e meio continuou a lutar com o problema de Genebra. Não era um problema novo. A carta entregue em Worms não constituiu surpresa. Era simplesmente um peso adicional à carga que já estava suportando. O fardo de Genebra, teria Calvino conseguido se livrar dele em qualquer momento, mesmo quando deixara aquela cidade rebelde ou mesmo ao tornar-se cidadão da pacífica Estrasburgo?

Cinco meses após sua saída de Genebra, Calvino tinha escrito uma carta à Igreja naquela cidade. Escreveu outra, nove meses mais tarde, aconselhando os membros a promoverem a paz e o amor fraternal. Em setembro de 1539, tinha gasto seis dias escrevendo quinze mil palavras de resposta ao cardeal que tentava

persuadir Genebra a voltar para a Igreja de Roma. Que resposta magnífica! O cardeal não mais tinha se aventurado a abrir a sua eloquente boca.

Esse cardeal ilustrado, Sadoleto, tinha escrito uma carta lisonjeira e persuasiva a Genebra, em abril de 1539. Nela, louvou a cidade e o povo em linguagem extravagante. "Que pena que os anarquistas Protestantes criaram tanta confusão na vossa fiel Igreja Católica-Romana", disse Sadoleto. "Agora que tendes triunfalmente expulsado os ministros agitadores da vossa cidade, desejamos carinhosamente convidar-vos a voltar aos braços da Igreja mãe, a eterna Igreja de Roma".

Ninguém em Genebra tinha conseguido responder a impressionante carta de Sadoleto. Amigos de Calvino enviaram-lhe uma cópia, sugerindo-lhe que respondesse. Como poderia recusar? Respondeu ao Cardeal, não somente para evitar a volta de Genebra a Roma, mas também porque ainda se considerava cidadão de Genebra. Escrevendo sobre a Igreja de Genebra, Calvino disse a Sodaleto: "Deus, ao confiá-la a mim, obrigou-me a ser-lhe fiel para sempre. Agora, pois, quando vejo as piores armadilhas preparadas para aquela igreja, cuja segurança foi-me legada pelo Senhor... quem me aconselhará a aguardar o resultado silenciosa e despreocupadamente?". Nesta convicção, Calvino escreveu as quinze mil palavras ao cardeal. Fez Sadoleto silenciar-se.

Em Estrasburgo, Calvino continuava a ter notícias das ocorrências em Genebra. Os quatro novos ministros da igreja em Genebra eram homens fracos, que se dispunham a ir na onda do povo. Dois deles eram bonecos de Berna. A vida livre da cidade continuava cada vez mais desenfreada. Havia até quem passeasse nu pelas ruas ao acompanhamento de pífaro e tambor.

A reação iniciou-se paulatinamente. Os Conselhos passaram leis mais severas, embora não as fizessem cumprir. Os quatro síndicos que se opuseram a Calvino já não tinham mais os seus mandatos. Um foi enforcado por traição à cidade. Era culpado de uma trama para entregar Genebra a Berna. Outro síndico, acusado do mesmo crime, pulou de uma casa localizada no muro da cidade, preferindo quebrar assim o pescoço, do que no laço da forca. Os outros dois síndicos fugiram apressadamente da cidade. Mais tarde, os dois ministros enviados por Berna foram embora também.

Em toda a confusão crescia o sentimento que Genebra não poderia sobreviver sem a mão firme de Calvino. Em março de 1540, menos de um ano após a expulsão de Calvino, amigos escreveram-lhe manifestando a esperança de que seria convidado a voltar. Estremecendo, Calvino escreveu a Farel: "Preferiria submeter-me à morte cem vezes do que àquela cruz, na qual a gente tinha de morrer mil vezes diariamente. Comunico-lhe... esta... informação, para que você possa usar todas as suas forças... para opor-se às medidas daqueles que

se esforçarão para atrair-me de volta para lá”.

O amável Pedro Viret, pastor em Lausanne, tinha ouvido o boato também. Tinha escrito a Calvino, animando-o a considerar Genebra, também pelo seu ar montanhês e clima excelente. Com um sorriso, Calvino respondeu em maio de 1540. “Li aquela passagem de sua carta, onde você mostra tanta preocupação pela minha saúde, e, por este motivo, recomenda Genebra... Muito mais preferível seria perecer de uma vez do que ser atormentado novamente naquele lugar de tortura. Portanto, meu caro Viret, se você me quer bem, não mencione tal proposta”.

Os Conselhos de Genebra se mexeram em setembro de 1540. No dia 21, o Pequeno Conselho pediu a um dos seus mais ilustres membros, Ami Perrin, “para encontrar meios, caso possível, para trazer de volta **Monsieur** Calvino como pregador”. A 13 de outubro, resolveu-se escrever uma carta “a **Monsieur** Calvino para que nos ajude”. A 19 de outubro, o Conselho de Duzentos resolveu chamar “**Monsieur** Calvino como pregador” para que “a honra e a glória de Deus possa ser promovida”. E, no dia 20 de outubro, o povo de Genebra reuniu-se no Conselho Geral. “Precisamos ter Calvino,” bradaram, e unânimes decidiram “mandar buscar **Monsieur** João Calvin em Estrasburgo, para ser ministro nesta cidade”.

Foi assim que Calvino começou a receber as cartas e os mensageiros especiais. Genebra também pediu aos cantões Protestantes de Berna e Zurique que persuadissem Estrasburgo a abrir mão do seu notável cidadão. Zurique estava disposta. Berna, porém, não manifestava nenhum entusiasmo sobre o assunto, pois não tinha conseguido impor sua autoridade sobre Genebra.

Muitas pessoas escreveram cartas particulares de encorajamento. “Triunfe, venha depressa irmão, venha, venha, para que possamos nos alegrar em Deus nosso Redentor”, escreveu alguém. Outra pessoa, um dos ministros que tinha deixado a cidade, escreveu: “Não diga ‘Não’. você estaria resistindo ao Espírito Santo, e não aos homens. Lembre os frutos que aguardam a colheita na França. A igreja em Genebra é importante... nenhum mortal é capaz de dirigi-la com tanto vigor, tanta sabedoria, e tanta capacidade quanto Você”. Um dos dois ministros, que tinha anteriormente falado contra Calvino, dizia agora: “Venha, honrado pai em Cristo, você nos pertence, pois o próprio Senhor no-lo deu. Todos têm saudades de você”.

Viret, que tinha concordado em ir a Genebra por seis meses como auxiliar temporário, escreveu ao seu amigo: “Não demore. Venha para edificar e alegrar a igreja que está em miséria, pesar, e tristeza”.

E Farel — tantas vezes que encontrava portador, tantas vezes enviava nova carta com efeito de bomba ao homem que outrora tinha feito permanecer em

Genebra. Calvino, lutando com a decisão que teria de tomar, respondeu a uma das cartas de Farel: “Os raios que você tão estranhamente lança sobre mim, por razões que desconheço, encheram-me do maior terror e consternação. você sabe que tenho receado esta convocação, mas que não tenho permanecido surdo diante dela. Por que, então, atacar-me com tanta violência a ponto de quase romper nossa amizade?”.

“**Aos Magníficos e Honrados Senhores Síndicos e Conselho de Genebra**”, Calvino tinha escrito de Estrasburgo no dia 23 de outubro de 1540, “... Posso testificar diante de Deus que tenho vossa igreja em tanta consideração que jamais deixaria de ajudá-la em tempos de necessidade... Por outro lado, não posso demitir-me do meu trabalho menosprezando a obrigação... para a qual o Senhor me chamou (em Estrasburgo), sem que primeiro eu seja dela exonerado por meios regulares e fiéis... Ademais, o Conselho de... Estrasburgo já tomou as providências... para que eu vá com alguns dos meus irmãos à Assembleia em Worms, não para servir uma igreja só, mas para o interesse comum, em cujo número a vossa está incluída... Prometo-vos que não vos negarei nada da minha parte naquilo que estiver ao meu alcance, fazendo o possível para vos servir na medida que Deus Permitir”.

Calvino escreveu novamente de Worms aos honrados senhores de Genebra após ter recebido a sua última delegação de mensageiros. Talvez se torne necessária minha participação noutra dieta imperial, explicou aos conselheiros, mas “no instante... em que for dispensado desta extraordinária responsabilidade” prometo-vos que farei o possível para ajudar-vos, caso a igreja e o conselho de Estrasburgo me dispensem.

Calvino escreveu a Farel em outubro de 1540: “Quando pondero que não sou meu, ofereço meu coração como um sacrifício ao Senhor... Entrego minha alma em obediência a Deus, acorrentada a presa”. Esta era a única maneira. Mesmo que o levasse de volta a Genebra, era a única maneira, apesar de Calvino ter descrito a cidade a Viret da seguinte maneira: “Não há lugar sob o céu do qual tenho maior receio”.

Mas o lado humano de Calvino batalhava contra sua volta à cidade no lago. Seria “morrer diariamente mil vezes”. Escreveu aos pastores de Zurique que tinham instado que voltasse a Genebra: “Se eu seguisse, por conseguinte, as minhas próprias inclinações, preferiria viajar além do mar do que para lá retornar”.

Com o passar dos meses, a decisão tornou-se mais clara. “Não posso explicá-lo, mas começo a sentir-me com tendência a tomar o leme na mão”, escreveu Calvino a Viret. A decisão não foi agradável. Mas estava clara. A igreja de Estrasburgo havia concordado em deixá-lo sair, embora Bucer insistisse que

seria por pouco tempo, até que as coisas se normalizassem em Genebra. Entrementes, o conservaremos sempre como cidadão e pagaremos o seu salário de professor, propôs o conselho de Estrasburgo. Calvino aceitou a cidadania como sinal da estima do Conselho. Mas recusou o salário.

A dieta em Worms havia fracassado. Após três dias de debates formais, o imperador enviara ordens para dissolvê-la. Esse processo era comum quando não se podia prever nenhum progresso. A quarta dieta estava marcada para março na cidade alemã de Ratisbon. Calvino e seus companheiros retornaram de Worms no dia 23 de janeiro de 1541. Tinham estado ausentes de Estrasburgo quase três meses. Após um mês em casa, estavam novamente na estrada, viajando aos solavancos numa carruagem, agasalhados por cobertores e peles para protegê-los do tempo glacial.

Foi longa a viagem a Ratisbon, cidade localizada no coração dos territórios Católico-Romanos. O gelo no Rio Danúbio derreteu o suficiente para permitir que os homens de Estrasburgo viajassem sete dias numa grande balsa. A sua carruagem e cavalos flutuavam com eles na balsa, juntamente com seus livros e papéis, material para refeições, cobertores, e roupas. “Estou sendo arrastado a Ratisbon contra a minha vontade”, escreveu Calvino a Farel. “Sinto que a viagem vai ser bastante aborrecida... Receio que haja uma demora prolongada, pois às vezes, eles estendem as dietas por dez meses... Mas seguirei por onde Deus guiar, pois Ele sabe melhor a razão da imposição desta necessidade sobre mim”.

Em Ratisbon, Calvino e seus companheiros receberam a cruel notícia que a peste estava grassando em Estrasburgo. Os que podiam estavam fugindo da cidade para salvar suas vidas. Idelette tinha ido à casa do irmão. Antoine e Marie tinham fugido para uma pequena cidade na região. Claude Ferey, refugiado francês e professor, e um dos mais queridos amigos de Calvino, estava morto. Um pensionista na casa de Calvino, também, rapaz que lhe era muito estimado. Numa singular carta escrita de Ratisbon, Calvino extravasou sua simpatia ao pai do rapaz. Escreveu a Farel: “Dia e noite minha esposa está continuamente nos meus pensamentos, pois está sozinha e sem conforto”. Preocupados e tomados de pesar, os homens de Estrasburgo esperavam em Ratisbon o início da maior das quatro dietas.

Março, abril, maio, e os debates avançavam palmo a palmo. Houve algum acordo, surpreendentemente, até que o assunto da Santa Ceia apresentou a mesma barreira intransponível. Calvino continuava a escrever longos relatórios a Farel. “Philip e Bucer estão propondo fórmulas ambíguas e insinceras concernentes à transubstanciação”, escreveu, “para tentarem satisfazer a oposição sem conceder coisa alguma. Não posso concordar com isso”, embora

ambos estejam procedendo “com a melhor das intenções, e não tem outro motivo... senão a promoção do reino de Cristo”.

Nada poderá advir disso, pensou Calvino. Pediu licença a Bucer para regressar a Estrasburgo. Bucer concordou com relutância. Calvino encetou a longa viagem de volta, chegando a 25 de junho.

Exceto a alegria de encontrar Idelette viva, o regresso foi sombrio. No seu próprio lar e nos lares de muitos outros havia lugares vazios daqueles que a peste tinha levado. Calvino visitou as famílias enlutadas, confortando-as. Pregou novamente à sua congregação de refugiados. Olhava as pessoas conhecidas e via os lugares familiares em Estrasburgo como alguém que em breve estaria dizendo adeus a todos e a tudo. As cartas continuavam a chegar de Genebra e de outros lugares da Suíça. Já tinha feito a sua promessa perante Deus. Poderia protelar ainda mais a sua volta a Genebra?

“Você está porventura esperando que as pedras clamem?”. Farel tinha bradado em sua última carta. “Se você tivesse sido tão lerdo ao sair quando nos expulsaram da cidade, quanto você está sendo ao regressar apesar de todos os apelos, as coisas não estariam agora nesse pé!”.

Os Conselhos de Genebra enviaram um arauto oficial a cavalo para esperar por Calvino e escoltá-lo de volta. O Conselho de Estrasburgo, relutante em perder seu pastor francês, enviou uma carta a Genebra. “Finalmente ele vai para vós”, dizia a carta, “este incomparável, este raro instrumento do Senhor. Nosso século não conhece nenhum outro como ele — se é que além dele ainda se possa mencionar outro...”.

Nos primeiros dias de setembro de 1541, escoltado pelo arauto, Calvino encetou viagem de volta a Genebra. Juntamente com Idelette tinham resolvido sabiamente que ela deveria permanecer em Estrasburgo até que se mandasse buscá-la.

As lágrimas anuviando os olhos, Calvino cavalgou para fora da pacífica cidade onde tinha gasto três frutíferos anos. O Senhor o estava enviando de volta às tempestades de Genebra. Ninguém sonhava, e muito menos Calvino, que dentro de oito anos a sua igreja de refugiados franceses seria forçada, por edital do imperador, a sair da pacífica cidade de Estrasburgo, e que Bucer seria forçado a exilar-se na Inglaterra. Ninguém sonhava, muito menos Calvino, que a turbulenta cidade a que se destinava tornar-se-ia para todo o sempre a cidade mundial da Reforma.

Na terça-feira, 13 de setembro de 1541, dois homens a cavalo se aproximaram do velho portão Cornavin de Genebra. Adiante, elevavam-se as torres de Saint Pierre.

A sentinela armada, junto ao portão, espreitava pelo seu capacete,

acompanhando os movimentos dos cavaleiros que se aproximavam. O primeiro cavaleiro trajava as vestes de um arauto de Genebra e carregava o estandarte da cidade. Mas quem era o segundo homem, embrulhado numa capa preta? A sentinela olhou com mais cuidado e então o conheceu.

Era este o homem aguardado por toda a cidade de Genebra.

Luz Após Trevas

I. O novo lar de Genebra

Genebra tinha Calvino novamente.

Estava de pé, na velha sala do Conselho, com sua toga preta, sendo fitado por vinte e cinco pares de olhos. Os homens do Pequeno Conselho olhavam-no atentamente. Estava mais velho e mais sério do que quando o expulsaram da cidade. Parecia mais afável e cortês do que antes. Sabiam que era mais famoso também e falado em toda a Europa.

Os conselheiros sentiam-se aliviados pela volta de Calvino. Genebra não podia dispensá-lo. Tinham alguns presentes prontos para recepção. Havia uma toga de veludo preto, guarnecida de peles. E uma casa na Rua do Canhão, uma rua curta e estreita perto da Catedral. Detrás da casa havia um jardim que dava para o lago azul. Em Saint Pierre, um novo púlpito o aguardava, entalhado em madeira, e graciosamente afixado a uma das enormes pilastras de pedra. Os Conselhos enviaram um arauto e uma carruagem a Estrasburgo para trazer a Senhora Calvino e sua filha Judite. E o secretário registrou a decisão dos vinte e cinco conselheiros: "Resolve-se conservar Calvino aqui para sempre".

Genebra tinha Calvino de volta. Tal não acontecera a pedido seu. Não o havia solicitado quando pela primeira vez parara em Genebra para pousar uma noite. Não havia procurado Estrasburgo, tampouco. Mas não era ele o seu próprio Senhor. Seu coração, "um sacrifício imolado", tinha sido entregue voluntariamente ao seu Mestre. Estava pronto a ir onde quer que o Senhor o mandasse. Mesmo assim, não seria humano recuar um pouco ao lembrar as feias turbas e a maldade interminável de Genebra? Calvino escreveu a Farel, com um leve tom de culpa nas palavras: "Como era da sua vontade, aqui estou morando; que o Senhor o faça redundar para o bem".

Calvino não perdeu tempo. Logo propôs alguns planos. "Imediatamente após oferecer meus serviços ao conselho", escreveu a Farel, "declarei que uma igreja não poderia sobreviver sem que se concordasse sobre uma forma de governo, tal como nos é ensinada na Palavra de Deus, e semelhante aquela na igreja primitiva. Então, com brandura, abordei alguns pontos...".

Firme mas gentilmente — era este o caminho. Concentrar nas coisas

grandes. Passar por cima das pequenas coisas que irritam e aborrecem. Não odiar ninguém. Perdoar o passado. E, a todo preço, não dar margem à raiva. Deveria fazer assim apesar da dor de cabeça, dor de estômago e a asma ou qualquer outra doença. Fazer assim apesar de cada inimigo e dificuldade escondidos sob a mansa superfície da recepção. Fazer assim numa cidade onde a igreja de Cristo tinha caído no caos e onde a reforma da igreja significava reformar a cidade inteira, porquanto a cidade inteira pertencia à igreja. “Deus e os anjos, que nos veem” olhavam o homem carregado de responsabilidades na casa da Rua do Canhão, e encontravam-no frequentemente de joelhos, orando com sua Bíblia aberta diante de si. Pedia força para si mesmo e orava a favor da igreja e da cidade para as quais fora chamado.

Um dia ou dois após a volta de Calvino, o grande sino Clemence de Saint Pierre convocava o povo para um culto especial. Os Conselhos assistiram em grupo, seus membros trajando as cores preta e cinza da cidade. Calvino estava no novo púlpito falando solenemente sobre os terríveis acontecimentos no mundo. Os turcos estavam invadindo a Hungria. A peste devastava as cidades e vilas da Alemanha. O fogo da feroz perseguição na França continuava a queimar. Humilhemos-nos diante do Senhor, conclamava a clara voz do novo púlpito. Oremos pelo mundo e pelos nossos irmãos. E que o Senhor Deus Todo-Poderoso tome a nossa cidade sob a Sua proteção. Amém.

No primeiro domingo João Calvino ocupava o púlpito novamente. O povo esperava que ele falasse sobre as razões do seu exílio e da sua vida. Mas não falou nenhuma palavra de censura. Era costume seu pregar através de um livro da Bíblia, capítulo por capítulo, versículo por versículo. Começou a pregar no exato versículo onde havia sido interrompido há três anos atrás.

“Durante o primeiro mês após reassumir o ministério, tive tantas ocupações e tantas irritações, que quase fiquei esgotado... Isto, porém, de alguma forma me consola e refresca, pois que não trabalhamos em vão, sem que apareça algum fruto”. Assim escreveu Calvino a um amigo em Basileia. Conservava Viret consigo em Genebra para ajudar-lhe, e dizia a Farel: “De nenhuma forma permitirei que ele seja afastado de mim”.

Um mês após sua volta a Genebra, Calvino escreveu humildemente a Bucer, o paternal pastor que havia deixado em Estrasburgo: “No que de mim depender, não darei a ninguém motivo de ofensa... Até... eu não mais aguentar, não precisa você lançar dúvida sobre a fiel prática daquilo que lhe prometi. E se de qualquer maneira eu não corresponder à sua expectativa você sabe que estou sob o seu poder, e sujeito à sua autoridade. Admoeste, corrija, e exercite todos os poderes de um pai sobre o seu filho. Perdoe minha pressa... Estou envolvido em tantos que fazeres, que estou quase louco”.

Entrementes, Idelette arrumava a casa no Número 11 da Rua do Canhão. Era uma melhoria agradável do pensionato de Estrasburgo. Os Conselhos tinham colocado alguns móveis na casa. Era o tipo de coisa que emprestavam a qualquer ministro de Genebra. Havia duas camas de imbuia e uma de bordo para os três pequenos quartos no andar superior. Para o andar térreo — sala, escritório e cozinha — havia peças tais como uma mesa quadrada de imbuia com um banco de bordo, um aparador de imbuia, duas malas de imbuia reforçadas com ferro, quatro mesas compridas de pinho, mais duas mesas de imbuia, uma dúzia de cadeiras ou tamboretes, e uma escrivaninha. A escrivaninha foi colocada no escritório, juntamente com dois bancos, um para Calvino e um para visitantes. No escritório havia também uma alta estante para livros, e uma escada portátil para alcançar os livros nas prateleiras mais altas. Idelette tornou a casa mais atraente com as coisas que ela tinha trazido de Estrasburgo.

No início da rua curta e estreita havia uma fonte onde as mulheres lavavam roupa e apanhavam água para suas casas. Os cavalos ali paravam também para saciar a sede.

Idelette plantava verduras no quintal atrás da casa. Ela conseguia manter a casa razoavelmente bem com o salário que Genebra dava ao seu marido. Calvino recebia quinhentos florins por ano, e mais doze medidas de milho e duas pipas de vinho. O fubá era suficiente para assar mais de vinte pães por semana. O vinho era o suficiente para o consumo de duas garrafas por dia. O salário de Calvino era um pouco mais alto do que dos outros ministros porque, afirmavam os Conselhos, o Mestre Calvino estaria hospedando muitas pessoas que passariam pela cidade. Havia ocasiões em que essas pessoas não somente passavam pela cidade; ficavam na pequena casa da Rua do Canhão, fazendo com que Idelette se visse em apuros para espichar seu pão e vinho.

A irmã de Calvino, Marie, casou-se com um cidadão de Genebra chamado Costan, e morava em sua casa própria. Seu irmão Antoine casou-se no ano após a volta de Calvino a Genebra. Depois de algum tempo, Antoine comprou um sítio fora dos muros da cidade, mas habitualmente residia com sua família na casa da Rua do Canhão.

Calvino, Idelette, sua filha Judite, Antoine, sua esposa Ana e seus quatro filhinhos — todos moravam na casa de Calvino. Além disso, havia um entrar e sair constante de visitas e mensageiros.

Não num retiro sossegado, mas no meio desse burburinho de atividades é que Calvino preparava sermões e palestras, escrevia cartas e os manuscritos dos seus grandes livros e demais opúsculos.

II. As Ordens

Calvino começou a sua segunda estada em Genebra escrevendo um documento. O Pequeno Conselho tinha concordado com um governo para a igreja, e somente duas semanas após a sua volta, Calvino já tinha preparado um relatório detalhado. As **Ordens Eclesiásticas da Igreja de Genebra** foram submetidas aos Conselhos da cidade para aprovação. Havia no documento muitas das ideias que haviam crescido e amadurecido na mente de Calvino durante os anos pacíficos em Estrasburgo.

O Pequeno Conselho debateu e fez algumas mudanças nas Ordens. O Conselho de Duzentos fez a mesma coisa. Ambos tiveram o cuidado de salvaguardar a sua autoridade sobre a igreja. Precisavam de Calvino de volta em Genebra, mas não tinham nenhuma intenção de permitir que ele, ou a igreja, assumissem qualquer parcela da autoridade deles. Sem mostrar a cópia modificada para os ministros, os Conselhos convocaram os cidadãos. Sob o alto teto de Saint Pierre, o povo, reunido em Conselho Geral, aprovou as Ordens no domingo, dia 20 de novembro de 1541.

As **Ordens** falavam de muitas coisas.

Começavam por estabelecer quatro funções na igreja — ministro, professor, presbítero, e diácono. Era este o âmago do plano de Calvino para a igreja de Genebra. Seguiu o plano da igreja do Novo Testamento. Especificou cuidadosamente as condições e deveres de cada ofício.

Havia também um programa completo para a igreja. “Cada domingo haverá um sermão em Saint Pierre e Saint Gervais ao raiar do dia, e à hora de praxe (nove horas)... Ao meio-dia, haverá catecismo, isto é, instrução para as crianças nas três igrejas... Às quinze horas, outro sermão... Além disso..., nos dias de trabalho haverá sermão em Saint Pierre três vezes por semana, nas segundas, quartas e sextas-feiras”. O povo de Genebra teria, assim, ampla oportunidade para ouvir na Palavra de Deus caso fosse à igreja com regularidade.

O batismo seria realizado na igreja, não em casa, com pia batismal perto do púlpito, não junto à porta. Para a Ceia do Senhor, “as mesas deverão ser colocadas ao lado do púlpito”, e o povo deveria vir à frente em grupos para tomar seus lugares às mesas.

“Ninguém deve ficar doente de cama por três dias sem informar o ministro...”. “Sábado após o almoço” é a hora estabelecida para visitar prisioneiros, inclusive “os que estiverem presos com ferros, e que não possam ser levados para fora”. E assim por diante.

O problema espinhoso sobre quem teria o poder da excomunhão foi novamente tratado por Calvino, embora com maior tato. Por determinados pecados persistentes, depois de três avisos, a pessoa deveria ser informada pela igreja a “abster-se da Ceia até que se constatasse uma mudança na vida”. Mas,

mesmo na rebelde cidade de Genebra, isso “deveria ser feito com... moderação... pois mesmo as correções são simples remédios para trazer pecadores de volta ao nosso Senhor”. Havia severidade nisso?

Calvino escreveu as **Ordens** para a igreja de Genebra. Mas outras igrejas ao redor do mundo têm usado este famoso documento. É o fundamento do governo eclesiástico em todas as igrejas Reformadas e Presbiterianas, embora tenha havido modificações para ir ao encontro da época e do lugar. Por exemplo: Calvino teve que aceitar, “na atual condição da igreja”, que os presbíteros fossem nomeados pelos Conselhos da cidade, porquanto, na sua época e cidade, a igreja e o governo estavam entrelaçados. Não era isso que Calvino queria. Nas suas **Institutas** ele tinha deixado bem claro a necessidade da igreja estar livre do controle governamental. Mais importante, todavia, foi o fato de ter Calvino restabelecido os ofícios de presbítero e de diácono, seguindo o padrão do Novo Testamento. Não existiam presbíteros e diáconos leigos na Igreja de Roma. Calvino restituiu o leigo a um lugar de autoridade e liderança na igreja de Cristo.

As **Ordens**, arguidas e modificadas pelos Conselhos, ainda conservavam as ideias básicas de Calvino que haveriam de influenciar igrejas em muitos países e durante séculos. Ao invés de um título no documento, os Conselhos escreveram as seguintes palavras:

“Em Nome de Deus Todo-Poderoso, nós, os Síndicos do Pequeno e do Grande Conselho, reunidos com o nosso povo ao som de trombeta e grande sino, de acordo com nossos antigos costumes... ordenamos e estabelecemos que deverá ser seguida e observada na nossa cidade e território a Constituição Eclesiástica que segue, por ser ela tirada do Evangelho de Jesus Cristo”.

Aprovar e aceitar as **Ordens** por resolução escrita e pública era uma coisa. Colocá-las em prática na vida do povo era outra coisa bem diferente. Os Conselhos levaram dois meses para aprovarem as **Ordens**. Quatorze anos tempestuosos foram necessários para colocá-las em prática.

Antes que os primeiros murmúrios de descontentamento fossem ouvidos, o terror tomou conta de Genebra.

“A peste avança sobre nós”, escreveu Calvino a Bucer. “Se ela nos poupou neste inverno, mal poderemos escapar na primavera”.

III. A Peste

As ruas de Genebra estavam desertas. Escolas e vendas estavam fechadas. As poucas pessoas que vinham à igreja aos domingos sentavam longe uma das outras, entreolhando-se desconfiadamente. O único som ouvido nas ruas era o tilintar das campainhas na carroça funerária. Os corpos dos mortos eram amontoados na carroça, e não recebiam um enterro decente por serem portadores

dos terríveis germes. Do lado de fora dos muros da cidade, o hospital, chamado de “a casa da peste”, estava repleto de doentes e moribundos.

A peste havia chegado a Genebra. Era a primavera de 1542. Alguns afirmavam que a mortífera epidemia havia sido trazida por soldados suíços que passaram pela cidade. Nas ruas estreitas, com toda a falta de higiene, a peste propagou-se como um incêndio incontrolado.

Qual o pastor que iria à beira dos leitos para consolar os doentes e preparar os moribundos para a morte? O refugiado francês, Pastor Pedro Blanchet, apresentou-se. “Seu oferecimento foi aceito”, dizia o registro do Conselho. Entrou no hospital de peste fora dos muros da cidade, e foi fielmente de esteira em esteira até que ele mesmo jazia doente, moribundo, morto.

Calvino tinha se apresentado, apesar da sua própria pouca saúde e da sua preocupação por Idelette, que estava esperando o primeiro filho deles. As atas do Conselho revelam que Calvino fora recusado no seu propósito de servir no hospital de peste, “devido à grande necessidade que a igreja tem dos seus serviços.”

A peste estava grassando em muitas cidades. Atacou Estrasburgo, também. Ali Bucer perdeu sua gentil esposa Elizabeth, a qual, por vinte anos, tinha cuidado dele e de todos os refugiados que encontravam abrigo no seu lar. Quatro das seis crianças da família Bucer também vieram a falecer, e Capito, o ministro assistente de Bucer, foi morto pela peste. Foi enterrado um dia antes da morte de Elizabeth Bucer.

Em Genebra, a peste veio e foi embora. Voltou novamente em 1545. Outro jovem ministro se apresentou para servir no hospital de peste, e ali morreu. O povo, tomado de uma histeria motivada pelo medo, acreditava que uma trama terrível estava em operação. Pensavam que alguns homens e mulheres, compactuados com empregados do hospital, estavam fazendo um unguento contendo material infectado dos pacientes. O líquido era então colocado nas maçanetas das portas na cidade, alastrando a peste na esperança de que pudessem se apoderar dos pertences de quem morresse. Calvino também acreditava que tal coisa estava acontecendo. Talvez estivesse. Calvino escreveu a um amigo em Basileia: “O Senhor está nos colocando à prova neste trimestre. Foi descoberta recentemente uma conspiração de homens e mulheres que, pelo espaço de três anos, têm espalhado a peste pela cidade... quinze mulheres já foram queimadas; alguns homens já foram castigados com maior severidade; alguns se suicidaram na prisão; e embora vinte e cinco ainda estejam aprisionados, os conspiradores não cessam de sujar as fechaduras das residências com o seu unguento venenoso. Veja em que sorte de perigos estamos jogados. O Senhor preservou até aqui a nossa casa, não obstante tal coisa ter sido tentada

mais de uma vez”.

Apesar do Senhor ter preservado da peste a casa na Rua do Canhão, Ele para ali enviou uma profunda tristeza. Em fins de julho de 1542, Calvino escreveu ao seu amigo Viret, que havia recentemente voltado para a sua igreja em Lausanne: “Com que ansiedade estou lhe escrevendo! Minha esposa deu à luz prematuramente, com algum perigo; que o Senhor cuide de nós”.

Calvino batizou seu filhinho Jacques. A criança ainda viveu duas semanas antes de morrer. Idelette não recobrou as forças com rapidez. Em agosto, escrevendo novamente a Viret, Calvino disse: “Saudações... à sua esposa, a quem a minha retribui seus agradecimentos por tão amigável e piedosa consolação. Ela está incapaz de responder, exceto por uma secretária; mesmo assim seria bastante difícil para ela ditar uma carta. O Senhor infligiu uma ferida severa e amarga na morte do nosso infante filho. Mas Ele mesmo é um pai, e sabe o que é bom para Seus filhos”.

Quase vinte anos mais tarde, o pastor de Genebra respondia à acusação de um inimigo: “Balduin me debocha... por não ter filhos”, respondeu Calvino. “Deus me deu um filho. Deus levou meu menino... Mas eu tenho milhares de filhos através do mundo”. Estes seriam os filhos, seus filhos espirituais, seguindo o seu ensino e exemplo.

Três anos após a morte do pequeno Jaques, nasceu uma filha. Ela, também, faleceu. Outra vez, dois anos depois, Calvino escreve a um amigo sobre o batismo da terceira criança esperada pelo casal Calvino. Mas o batismo nunca ocorreu. A criança morreu ao nascer. E Idelette, continuamente enfraquecida, fazia lentamente as tarefas caseiras e do quintal. Além do seu estado débil, ela estava acometida de uma tosse incômoda, uma tosse interminável que a enfraquecia cada vez mais.

A despeito da pobre saúde, era Idelette quem trazia sossego e ordem à casa da Rua do Canhão. Quando estava boa, ela mesma recebia as muitas visitas que batiam à porta. Dava alimento e hospedagem para muitos. Mesmo quando doente, a casa estava aberta para hóspedes. “Sua hospitalidade em nome de Cristo não é desconhecida por ninguém na Europa”, alguém escreveu a Calvino dois anos antes da morte de Idelette.

Ninguém sabe com que frequência a solicitude e carinho de Idelette trouxeram paz ao homem atarefado e agitado que era seu marido. Calvino trabalhava de uma maneira que teria levado ao esgotamento qualquer homem com saúde. Estava de pé e ocupado às cinco da manhã. Se doente, ele estava na cama e ocupado, com livros espalhados sobre a colcha. Aos domingos, pregava duas ou três vezes em Saint Pierre. Em semanas alternadas, pregava sermões na segunda, quarta e sexta-feira. Semanalmente, fazia conferências públicas na

terça, quinta e sábado. Nas quintas-feiras ele também presidia a reunião do Conselho da igreja, na qual todos os ministros e presbíteros se reuniam para estudar as Escrituras. Calvino assumia a sua parcela de responsabilidade nas visitas aos doentes e prisioneiros. Visitava as famílias da sua paróquia com regularidade, como estabelecera **nas Ordens**.

Esses eram os deveres normais. Mas eram um princípio somente. Calvino estava sempre escrevendo cartas. Fugitivos galopavam à sua porta vindos de toda a Europa, entregando cartas e aguardando respostas. Qualquer pessoa na cidade que quisesse enviar ou receber uma carta poderia fazê-lo na Rua do Canhão. A casa de Calvino era o correio de Genebra.

Além de cartas de aconselhamento e de amparo, Calvino escrevia panfletos, folhetos, tratados, e livros. Estava editando seus comentários, os quais consistiam nas suas palestras públicas registradas por secretários. Dava palestras sobre um livro da Bíblia e depois sobre outro, tratando em detalhe cada capítulo e versículo.

Os Conselhos de Genebra aproveitaram bem o homem a quem tinham pedido que voltasse. A pedido deles, Calvino editou e fez uma compilação das leis da cidade. Juntamente com o secretário do Pequeno Conselho, Claude Roset, Calvino labutou horas a fio desemaranhando a confusão dos livros legais. Estava agora classificando as leis. Mais tarde pediria que fossem modificadas.

Poderia alguém estar mais ocupado? Havia ainda mais a fazer. Casamentos e batismos tinham que ser realizados e depois registrados no prédio dos conselhos na caligrafia pequena e angular de Calvino. Ou algum necessitado chegava à sua porta, como aquele que Calvino enviou ao hospital da cidade com este bilhete para o encarregado: “Este pobre homem está tão desfigurado, que faz dó... Considere a possibilidade de ajudar-lhe... Ele deve pertencer à cidade, pois se fora um estranho eu mesmo o teria ajudado de alguma maneira”.

Pior do que tudo, Calvino tinha inimigos contra quem lutar. Não havia novidade em ser atacado por homens e grupos dentro de Genebra, ou por homens em outros lugares que não concordavam com as doutrinas de Calvino. Mas cada batalha era uma luta. O homem que anelava por paz e solidão teria que abandonar a sua timidez e relutância naturais. Teria que ser ousado e destemido na defesa do que considerava estar fundamentado nas Escrituras. Algumas vezes, forçando-se à batalha, ele seria vigoroso demais nas palavras que usava ou nas penas que recomendava.

Mas nos primeiros anos da sua volta a Genebra, Calvino conseguiu controlar o seu temperamento. Talvez Idelette merecesse algum crédito por isso. Inconspícua em Genebra, desconhecida na história, ela se contentava em permanecer nos bastidores, paciente, serena, servindo o famoso homem com

quem tinha casado.

IV. Partida de Idelette

“A morte subiu pelas nossas janelas, e entrou em nossos palácios” (Jr 9:21), falou o profeta Jeremias nos seus dias do Velho Testamento. Suas palavras se aplicavam bem aos cinco anos entre 1544-1549.

Em 1546, no palácio da Inglaterra, faleceu Henrique VIII, o rei de muitas esposas. Deixou o trono ao menino rei, Edward VI, filho de dez anos da sua terceira esposa, Jane Seymour. No ano seguinte, a morte visitou o palácio da França. O Rei Francisco I entregou a coroa terrena que tinha usado por trinta e dois anos. Os anos do seu reinado foram pontilhados com enforcamentos, decapitações e a queima de muitos Protestantes. Seu filho Henrique II, começou a perseguir com maior ferocidade do que seu pai.

Dois anos após a morte de Francisco I, Margarida, rainha de Navarro e irmã do rei, faleceu em Paris. Tinha amado profundamente seu irmão Francisco. Mas tinha também protegido e abrigado muitos homens que seu irmão teria permitido à Igreja de Roma perseguir e matar.

Clement Marot não era rei, mas deixou um tesouro ao mundo quando veio a falecer em Turim, na Itália, no ano de 1544. Este poeta francês tinha vertido em poesia alguns dos salmos. Os primeiros salmos por ele preparados eram cantados com músicas populares da época, tornando-se grandes favoritos, especialmente na França. O Rei Francisco gostava de cantar, ao caçar, “Como suspira a corça pelas correntes das águas”. Calvino usou os salmos de Marot, com novas melodias, nos saltérios de Estrasburgo e de Genebra. Tinha-se encontrado com o poeta francês pela primeira vez na corte da Ferrara, para onde Marot tinha fugido. Marot gastou alguns meses em Genebra no ano de1543, quando Calvino persuadiu os Conselhos a contratá-lo para fazer a tradução de mais cinquenta salmos. Estes foram utilizados no famoso Saltério de Genebra de 1562. De Genebra, Marot seguiu viagem a Turim, onde veio a falecer.

Papas também moravam em palácios. Embora afirmassem falar e agir por Deus, não tinham poder sobre a morte. Em 1549, o Papa reinante, Paulo III, morreu. Seria lembrado como o Papa que excomungara Henrique VIII da Igreja de Roma, que aprovara a Ordem dos Jesuítas de Loiola, e que nomeara o grande Michelangelo como principal arquiteto do Vaticano e da basílica de São Pedro em Roma. O corpo do Papa Paulo Jazia em câmara ardente, e os seus pés, estendidos por uma grade de ferro, eram beijados pelas multidões de fiéis que vinham demonstrar-lhe honras finais.

De todas as mortes nestes cinco anos, a morte de Martinho Lutero trouxe maior tristeza aos Protestantes. Em janeiro de 1546, Lutero tinha ido do seu lar

em Wittenberg para Eisleben, a vila onde nascera. Tinha feito a viagem numa carruagem coberta, em tempo frio. Pregou num domingo na igreja onde tinha sido batizado. De repente, na noite anterior à sua volta para casa, Lutero adoeceu e morreu.

Martinho Lutero, com sessenta e dois anos de idade, foi enterrado com solene pompa e cerimônia na Igreja do Castelo em Wittenberg, sobre cuja porta houvera pregado suas noventa e cinco teses. Nas proximidades, enterrado também sob piso de pedras jazia o corpo do príncipe Frederick, o protetor de Lutero. Melanchton estava presente ao funeral e chorava. Chorava a morte do seu mestre. Chorava também pelos problemas e dificuldades que haviam tomado conta dos estados Luteranos durante os últimos anos de vida de Lutero. Haveria ainda mais dessas discordâncias amargas. Apareceriam ainda mais agora que Lutero havia morrido. Não apareceria na Alemanha um líder forte para suceder ao homem que era chamado o pai da Reforma.

O líder forte seria encontrado em outro lugar — na casa da Rua do Canhão, em Genebra. O que Lutero tinha começado, com sua coragem heróica, Calvino continuaria e completaria com uma mente brilhante e uma pena incansável. Lutero tinha arrancado a igreja Protestante da Igreja de Roma. Tinha originado a Reforma. Calvino a consolidaria e aplicá-la-ia. Colocaria no papel as verdades da Reforma e explicaria como a Palavra de Deus permeia todos os setores da vida.

O reformador de Genebra não percebia isso ao sentar-se à sua escrivaninha nem ao andar pelos trajetos familiares que o levavam a Saint Pierre e ao prédio dos Conselhos de representantes. Estava no meio de várias batalhas quando Martinho Lutero faleceu. Pregava e lecionava. Recebia visitas e escrevia cartas. Estava escrevendo livros e tratados. Doente ou sentindo-se bem, enfrentava cada dia sem titubear.

Ninguém percebia nos olhos penetrantes e nos lábios firmes que uma nova tristeza roía o coração de Calvino. Idelette estava doente. Textor, o médico, a atendia frequentemente. Mas, desta vez, não podia ajudá-la. Em agosto de 1548, Calvino escreveu a Viret: “Minha esposa precisa das suas orações. Ela está tão dominada pela sua doença que mal pode sustentar-se. Ela parece melhorar com frequência, mas logo piora”. A fraqueza e os acessos de tosse seriam porventura sinais de tuberculose, uma doença desconhecida aos médicos da época?

Em princípios de março de 1549, Idelette ficou fraca demais para sair da cama. Seu marido estava envolvido em deveres e problemas intermináveis. Refugiados da França, e até da Itália, fluíam para dentro da cidade já apinhada de gente. Precisavam de moradia e de trabalho. Os Libertinos, amantes da vida fácil, tudo faziam para irritar Calvino e incompatibilizá-lo com a cidade. Estava

editando o comentário sobre Hebreus, dedicado a Sigismund Augustus, rei da Polônia. Na rotina infindável de deveres procurava tempo para gastar no quarto da doente até que a próxima obrigação o arrancasse dali.

Idelette estava pacificamente aguardando sua morte. Nunca tinha se queixado e não se queixava agora. Um grupo se reuniu em seu quarto três dias antes de sua morte para orar com ela. Um dos ministros, "em nome dos outros, exortou-a para que tivesse fé e paciência. Ela testemunhou brevemente (pois que estava agora muito fraca) do que sentia em seu coração". Calvino a tranquilizou afirmando que cuidaria dos filhos dela, o jovem em Estrasburgo e a menina Judite que residia na casa da Rua do Canhão. Idelette murmurou em resposta: "Já os entreguei aos cuidados do Senhor". Calvino respondeu que isso não o impediria de fazer o possível por eles, ao que respondeu com dificuldade: "Sei que você não olvidará aqueles que estão entregues ao Senhor".

No dia 29 de março, o dia do seu falecimento, Idelette ouviu com atenção as palavras de um ministro que tinha vindo para consolá-la. Ela "falou em alta voz, de tal modo que todos viram que seu coração estava muito acima do mundo. Pois foram estas as suas palavras: 'Ó ressurreição gloriosa. Ó Deus de Abraão, e de todos nossos antepassados, em ti confiaram os fiéis durante tantas eras passadas, e nenhum deles confiou em vão. Eu também terei confiança'. Estas sentenças foram mais ejaculadas do que faladas distintamente. Tive que me retirar às seis horas". Assim Calvino descreveu os detalhes mais tarde numa carta a Farel. "Após ser removida para outro quarto depois das sete, ela começou imediatamente a decair. Quando sentiu que sua voz estava a perder-se, ela disse: 'Oremos; oremos. Orem todos por mim'. Eu agora havia retornado. Ela não podia falar, e sua mente parecia preocupada. Após falar-lhe algumas palavras sobre o amor de Cristo, a esperança de vida eterna, sobre nossa vida conjugal, e sobre sua ida, dirigi uma oração... Ela ouviu a oração, e deu-lhe atenção. Faleceu antes das oito, tão calmamente que os presentes mal puderam distinguir entre sua vida e sua morte".

O homem atarefado na Rua do Canhão estava só. "Verdadeiramente não é ordinária a minha... dor", escreveu a Viret uma semana depois. "Fui privado da melhor companhia da minha vida". E a Farel: "Faço o possível para não ficar assoberbado pela tristeza. Meus amigos não deixem de fazer tudo que possa contribuir para aliviar meu sofrimento mental... Que o Senhor Jesus... me sustente...nesta pesada aflição, a qual certamente me teria dominado se Ele, que levanta os prostrados, fortalece os fracos, e reanima os fatigados, não tivesse estendido Sua mão para mim".

Nas últimas semanas de vida de Idelette, Calvino não tinha perdido um sermão, uma aula, ou uma reunião com os Conselhos. Ninguém notou a angústia

de coração por detrás daquela fisionomia de mármore. No seu escritório, com a porta fechada, lutava com a sua tristeza. Nas ruas e no púlpito encobria a sua dor e procedia como dantes.

Viret, que tinha completamente transtornado com a morte da sua própria esposa, três anos antes, escreveu a Calvino: “Informaram-me... como você... maravilhosa e incrivelmente, com um coração tão quebrantado..., cuida de todos os seus deveres ainda melhor do que anteriormente... continue então como começou... e rogo a Deus... que você possa receber maior consolo diariamente, e ser fortalecido mais e mais”.

A vida na casa da Rua do Canhão continuava na sua rotina diária. O irmão Antoine e sua família estavam quase sempre ali. Assim também Judite, a filha de Idelette, até o seu casamento. Calvino tinha um mordomo corcunda chamado Pierre para cuidar das suas necessidades. Mas quão diferente a casa sem a paz e serenidade de Idelette. Mesmo da sua cama ela havia espalhado tranquilidade ao seu redor.

“Minha esposa, mulher de raras qualidades, morreu há um ano e meio”, escreveria Calvino em 1550, “e eu agora livremente optei por uma vida solitária”.

V. Os amigos de Calvino

“Vós mesmos sabeis, ou deveríeis saber, quem eu sou; que, em quaisquer circunstância, sou alguém que preza tanto a lei do Mestre celestial que a causa de nenhum homem terreno há de induzir-me a tergiversar na sua manutenção com consciência pura”.

O homem que falou estas palavras vigorosas acreditava em cada uma delas. Solicitaram-no que retornasse a Genebra. Estava agora trabalhando para transformar Genebra numa cidade onde a lei do seu Mestre celestial fosse suprema. Isto implicaria em batalhas, numa série de lutas. Os quatorze anos entre 1541 e 1555 estariam cheios destas batalhas. Calvino batalhava também com sua pena ao escrever contra a heresia e perseguição fora de Genebra.

O homem que lutava estas batalhas já era famoso na sua própria época. Era tão dinâmico e brilhante que as pessoas ou seguiam na sua liderança com entusiasmo ou o odiavam amargamente. Na sua cidade natal de Noyon, os cônegos da catedral organizaram uma procissão pública para celebrar sua morte, quando dela ouviram um rumor falso em 1551. Mais tarde, a residência da família de Calvino na praça do mercado foi incendiada pela raiva dos seus inimigos. Antes, a referida casa, no ano de 1552, tinha escapado milagrosamente de um incêndio que assolara o centro de Noyon. Na cidade francesa de Lyons, a notícia da morte de Calvino foi dada “mais de dez vezes”, tão ansiosos estavam

os seus opositores de que fosse eliminado. A Igreja de Roma o considerava como seu maior inimigo.

Um lutador sutil e resoluto — cessaria assim uma descrição de João Calvino? Muitos o conheciam melhor. Sabiam que ele era um amigo de milhares no amor de Cristo. Viam como ele preferia viver humildemente, quase na miséria. Sabiam que no meio da refrega ele ainda podia gozar a beleza do mundo criado por Deus. Calvino sabia rir e participar de jogos. E mesmo quando seus dias estavam atulhados com problemas de Genebra, ele conservava os olhos sobre o mundo inteiro. Queria que o mundo fosse influenciado pelo seu Mestre. Longe de deleitar-se em brigas, ele trabalhou durante toda a sua vida para trazer a paz e união entre as igrejas Protestantes. Para conhecer João Calvino honestamente, é necessário vê-lo assim antes de observá-lo nas lutas que teve para tornar a Igreja de Jesus Cristo pura e coerente com a Palavra de Deus.

João Calvino foi um amigo honesto, generoso, e dedicado. Teve amigos íntimos durante toda a sua vida. Era também amigo de muitos irmãos em Cristo, alguns dos quais nunca se encontraram com o homem que lhes enviava cartas de conforto e inspiração.

Farel e Viret — eram estes os amigos mais íntimos de Calvino nos últimos vinte e oito anos de sua vida. Farel o mais velho, o dínamo trovejante, impetuoso e destemido. Viret, o irmão constante, bondoso e sábio, dois anos mais moço que Calvino. “Creio não haver existido, na vida ordinária, um círculo de amigos tão sinceramente ligados um ao outro como temos sido no nosso ministério”. Assim escreveu Calvino na sua dedicatória do comentário sobre Tito.

Calvino dedicou este comentário “A dois eminentes servos de Cristo, Guilherme Farel e Pedro Viret, queridos amigos e colegas na obra do nosso Senhor.” Dedicara-lhes o livro de Tito porque, assim como Tito teve “o encargo de consolidar a obra iniciada por Paulo em Creta” assim na igreja de Genebra “com grande risco..., tão bem e com tanto sucesso”, Calvino agora se esforçava por completar. Falando desta forte amizade, Calvino continua: “Fui colega de ambos no pastorado desta cidade; e tão distante estava qualquer aparência de inveja, que vós e eu parecíamos ser uma só pessoa”. Calvino escreveu esta dedicatória oito meses após a morte de Idelette, quando mais do que nunca os amigos eram caros.

Nem sempre os três amigos concordavam entre si. Viret, o mais afável, raramente se envolvia em discussões. Mas Farel e Calvino não mediam palavras. Mesmo assim, por detrás da dureza da linguagem existia o firme fundamento da amizade e do elo comum que os ligava como ministros de Cristo.

Calvino estava também pronto a ajudar seus amigos, não importando a intensidade das suas atividades. Quando soube que Farel precisava de uma nova

governanta, ele a achou — uma mulher “piedosa, íntegra, cuidadosa, e avançada na idade”. Aparentemente Calvino considerava ser necessário que uma mulher fosse “avançada na idade” para cuidar da casa de um solteirão. O mais sério desentendimento que Calvino teve com seu amigo ocorreu em 1558 quando do casamento de Farel com uma jovem, a filha de outra governanta de Farel.

Quando a primeira esposa de Viret faleceu em 1546 e “o mundo inteiro” parecia-lhe “nada mais que um peso”, Calvino instou com seu amigo para que viesse a Genebra para descanso e recuperação. “Vem depressa... para renovar seu coração conosco”, escreveu a Viret. “Pessoas daí afirmam que você está meio morto”. Noutra ocasião apareceu um boato de que Viret estava morrendo envenenado. Ao comando de Calvino, Textor, o médico, estava pronto a viajar a Lausanne “sobre cavalos velozes”. Mas logo veio a notícia de que o rumor era falso.

E havia ainda o assunto de arranjar uma segunda esposa para Viret. Viret já se preocupava com isso três meses após a morte de sua primeira esposa. Calvino solicitamente escreveu a um amigo noutra cidade: “você sabe que o nosso irmão Viret está disposto a casar-se novamente. Estou tão preocupado com tal assunto quanto ele. Temos muitas candidatas aqui... poderia agradar-lhe... favor me informar”.

Viret achou a sua segunda esposa. Calvino pronunciou a bênção matrimonial e nos anos seguintes frequentemente enviava saudações às “três filhinhas” nascidas no lar de Viret.

Farel e Viret foram os íntimos amigos de Calvino nos seus maduros anos como pastor. Mas os seus companheiros e conhecidos nos dias de estudante em Paris e Orléans — estes ainda continuavam a ser amigos também. Muitos vinham a Genebra ou escreviam cartas a Calvino. Um dos rapazes de Hangest, com quem Calvino tinha sido criado em Noyon, escreveu que ele queria acima de tudo residir em Genebra.

François Daniel, o bom amigo dos dias na escola de direito em Orléans, o homem que nunca saiu da Igreja de Roma apesar das suas inclinações Protestantes e apesar da insistência de Calvino — este homem escrevia a Calvino em 1559, vinte e oito anos após ter estudado direito com ele. O filho de Daniel tinha vindo a Genebra. Calvino o ajudou e escreveu ao pai do rapaz: “Pelo amor que lhe reservo...estou inteiramente ao seu serviço”. Acompanhando a carta, Calvino enviou algumas moedas de ouro para as filhas de François Daniel, “como uma espécie de presente de Ano Novo”, por causa da gratidão que Calvino ainda sentia pelo que François tinha feito por ele há tantos anos atrás.

Outro amigo dos seus dias de estudante passou a residir na casa ao lado de

Calvino na Rua do Canhão. Era Michel Cop, irmão daquele Nicolas que era reitor da Universidade de Paris quando ele e Calvino foram forçados a fugir daquela cidade. Michel Cop tornou-se um vigoroso pastor em Genebra.

E a família de Guilherme Budé, o maior pensador novo da França, também veio a Genebra. Ele havia falecido em 1540, mas a Senhora Budé com sua filha e três filhos, vieram residir na cidade de Calvino. João, um dos filhos, tornou-se amigo íntimo de Calvino, e era membro importante dos Conselhos de Genebra.

Um mês após a morte de Idelette, "oito cavalheiros franceses" chegaram a Genebra e solicitaram licença para permanecer na cidade. Um deles era o simpático Teodoro Beza, o qual, com idade de doze anos, tinha vivido na casa de Wolmar, o professor de grego, na cidade francesa de Bourges. Foi ali que Calvino conheceu o menino.

Teodoro Beza tinha sido criado por dois tios ricos e solteiros. Tinha-se tornado um homem de grande erudição. Tinha também vivido extravagantemente. Assim como Calvino, Beza tinha estudado direito, e, ao mesmo tempo, possuía alguns benefícios eclesiásticos que lhe tinham sido conseguidos por seus tios.

Após uma doença crítica, Beza tornou-se sério, voltou-se para a fé Protestante, e resolveu ir a Genebra. O menino da casa de Wolmar estava se tornando um homem apto para ser usado na igreja de Cristo. Parecia, de início, que ele não seria aproveitado por Calvino. A academia de Lausanne convidara Beza para ser professor de grego, tendo Beza aceito tal posição. Antes de Beza sair para Lausanne, casou-se com uma moça francesa na igreja de Saint Pierre, sendo a cerimônia presidida pelo Pastor João Calvino. Nos primeiros anos da sua nova amizade com Calvino, Beza escreveu a outro pastor: "Tenho recebido a amizade de Calvino e Viret... Quando penso que estes são amigos meus, em vez de sentir qualquer inconveniência por causa do exílio, posso adotar as palavras de Temístocles: 'Eu estaria perdido se não tivesse me tornado um exilado'".

O exilado Beza retornou a Genebra em 1559. Voltou como pastor, como reitor da Universidade fundada por Calvino, e como o braço direito de Calvino. Foi Beza quem escreveu uma biografia de Calvino, quem colecionou suas cartas, e quem foi o líder da igreja de Genebra por quarenta anos após a morte de Calvino.

Calvino incluía entre seus amigos líderes cristãos com os quais nem sempre concordava doutrinariamente. Havia Bucer, de Estrasburgo, o qual fora forçado ao exílio, tornando-se professor na Inglaterra, na Universidade de Cambridge. Bucer estava desanimado e solitário na Inglaterra. O clima mais frio fazia-o adoecer com frequência. "Eu quisera poder por alguma maneira aliviar os sofrimentos do seu coração, e os cuidados que o estão torturando", escreveu

Calvino ao amigo que tinha sido o seu pai em Estrasburgo. Bucer era, sob vários pontos, um Luterano. Tinha sido um dos companheiros de Lutero na famosa Dieta de Worms.

Heinrich Bullinger, o talentoso sucessor de Zuínglio em Zurique, era amigo de Calvino. Em muitas cartas, falavam da igreja de Cristo, das suas doutrinas e dos seus problemas. Falavam com firmeza um para o outro quando não concordavam entre si. Mas o elo de amizade entre ambos era forte.

E o afável Melanchton, que nos seus últimos anos meditava tristemente sobre os problemas e lutas entre os Luteranos — ele também era amigo de Calvino. Calvino de vez em quando o censurava por sua hesitação em tomar uma atitude mais firme entre os Luteranos. Calvino implorou a Melanchton que se declarasse a favor do ponto de vista Reformado sobre a Ceia do Senhor. Melanchton sempre recuou de assim fazer. Ele teria assim aproximado ainda mais os Luteranos das igrejas Reformadas. Mas recusou. E com tudo isso em jogo, Calvino ainda falava dele com saudade.

Em abril de 1560, quando tinha sessenta e três anos e sessenta e três dias de idade, Melanchton faleceu em Wittenberg, tendo sido enterrado ao lado de Lutero no chão da Igreja do Castelo. Conservou sua boca fechada até o fim. Calvino, escrevendo durante a contínua discussão entre Luteranos e Reformados, clamou: “Ó Felipe Melanchton, apelo para que sejas minha testemunha! Tu estás vivendo com Cristo na presença de Deus, e nos aguardas para compartilhar contigo aquele abençoado repouso. Cansado pelo labor, oprimido com muitos cuidados, cem vezes expressastes teu desejo de viver e morrer comigo. Eu também desejei mil vezes que pudéssemos morar juntos. Então certamente estarias mais forte para iniciar a luta...” Calvino anelava pela unidade entre as igrejas Protestantes, mais ainda amava o homem cujo silêncio tornara tal unidade menos possível.

Nem todos os amigos de Calvino eram pessoas destacadas. Onde quer que fosse, a Ferrara, a Estrasburgo, a outras cidades suíças, ele fazia amizades. Aonde não ia pessoalmente, enviava suas mensagens por cartas. Ninguém sabe quantos amigos em Cristo receberam uma mensagem do seu amigo em Genebra. Repetidas vezes o pastor de Genebra se postava ao lado do povo humilde que era perseguido na França, através das suas cartas que lhes eram entregues nas prisões. Muitos cristãos foram à estaca fortalecidos pelas palavras de um homem que não conheciam, um homem que não os conhecia tampouco.

Os refugiados que enchiam Genebra, na razão de um milhar por ano, descobriam que Calvino era seu melhor amigo. Ele achava casa para eles. Persuadiu os Conselhos a fundarem uma indústria para a fabricação de tecidos a fim de dar-lhes emprego. Estabeleceu cultos na igreja em línguas diferentes para

os diferentes grupos de refugiados — ingleses, italianos, espanhóis, e flamengos. Jamais estava ocupado demais ou doente demais para achar para alguém uma casa, uma esposa, um emprego.

Um amigo assim era o homem da Rua do Canhão em Genebra — um famoso guerreiro por Cristo, mas, da mesma forma, um fiel amigo por causa de Cristo.

VI. Humilde na grandeza

“Nem a mesa à qual comemos, nem a cama onde dormimos, nos pertence... Donde vem, portanto, tais boatos? Meus conhecidos bem sabem que não possuo um metro de terra... nunca tive dinheiro suficiente para comprar um hectare sequer”. Mesmo assim, algum inimigo tinha espalhado o boato que Calvino tinha gasto milhares de florins numa fazenda.

Até o Papa em Roma sabia que Calvino era pobre e preferiria permanecer pobre. Pio IV, sucessor de Paulo III, falou assim quando Calvino morreu: “A força daquele herege veio do fato de que o dinheiro para ele era nada”. Não se conhecia tal atitude dentro da Igreja de Roma.

Conta-se que o cardeal Sadoleto passou um dia por Genebra. Havia sido ele quem tentara convencer Genebra a voltar a Roma durante o exílio de Calvino. Sadoleto queria conhecer o famoso Protestante que tinha escrito a eloquente resposta a Genebra. Parou atônito diante da simples casa da Rua do Canhão. Era aqui que morava o famoso Calvino? Bateu a porta. O próprio Calvino numa simples toga preta, abriu a porta. Sadoleto mal podia acreditar no que via. Onde estariam os servos que deveriam estar a disposição do seu senhor para fazer a sua vontade? Até os bispos de Roma viviam em mansões, cercados de riquezas e de servos. Arcebispos e cardeais viviam em palácios, como reis. E eis que aqui estava o homem mais famoso de toda a igreja Protestante, numa casinha escura, atendendo ele mesmo à porta.

“Sou verdadeiramente rico”, disse Calvino, “porque estou abundantemente satisfeito com meus parcos recursos”. Os “parcos recursos” nem sempre cobriam o custo da hospedagem de hóspedes e o pagamento de remédios e o auxílio às pessoas necessitadas que lhe vinham à porta. Mesmo assim, Calvino não aceitava a ajuda dos Conselhos sem restituir-lhes. Em 1546, as atas do Conselho registraram uma doença de Calvino, “que não tem recursos”. Os Conselhos lhe enviaram dez coroas. “Ao recuperar-se”, continuam as atas, “ele devolve o dinheiro aos Conselhos, os quais resolvem gastar a quantia numa pipa de vinho para ele, não lhe deixando outra alternativa senão a de aceitá-la”. Mas Calvino ainda teve a última palavra. Separou dez coroas do seu salário “para assistência aos ministros mais pobres”. Todavia neste mesmo ano ele se endividou por causa

da doença da sua segunda criança, a filhinha que veio a falecer. No ano seguinte o Pequeno Conselho aprovou a seguinte resolução: "Resolve-se presentear Calvino com toda a mobília pertencente à cidade que ora se encontra em sua casa". Calvino estava agora comendo na sua própria mesa e dormindo na sua própria cama!

Num ano, para ir ao encontro das crescentes despesas com sua saúde, Calvino solicitou um empréstimo dos Conselhos. Quando estava pronto a restituir a quantia aos Conselhos, eles recusaram aceitá-la. Disse-lhes então "que não mais entraria no púlpito" caso não aceitassem a devolução do empréstimo. Rejeitou, a seguir, uma parcela do salário que lhe era devido. Noutra ocasião, quando os ministros solicitaram a Calvino que pedisse aos Conselhos um aumento nos seus salários, ele propôs que os Conselhos diminuíssem o seu salário e que distribuíssem tal quantia igualmente aos outros pastores.

Inimigos, à busca de alguma coisa para criticar, fabricaram falsos documentos para provar que Calvino era rico. Calvino respondeu-lhes no seu prefácio ao comentário dos Salmos. "Se existirem pessoas que, durante a minha existência, não ficarem convencidas de que não sou nem rico nem endinheirado, minha morte os convencerá afinal". E tal aconteceu. Tudo que Calvino possuía não somava mais do que (em moeda brasileira, abril de 1966) quatrocentos e noventa e cinco mil cruzeiros. Se tivesse vivido mais tempo, teria ficado mais pobre ainda, pois tinha recusado aceitar seu salário do último trimestre. Não trabalhei por esse salário, disse, e como é que vou aceitá-lo então?

"Satisfeito com minha humilde condição, sempre me senti alegre numa vida de pobreza". Nisto, também, seguiu Calvino o exemplo de seu Mestre. Calvino podia, contudo, alegrar-se com riquezas do tipo que o dinheiro não podia comprar. Alegrava-se na beleza que Deus havia colocado no Seu mundo. "Os pequeninos pássaros estão cantando de Deus; os animais clamam a Ele; os elementos Lhe demonstram temor; as montanhas ecoam o Seu nome; as ondas e as fontes dirigem-Lhe seus olhares; a grama e as flores Lhe sorriem". Estas são as riquezas das quais Calvino fala no prefácio ao Novo Testamento de Olivétan, no ano de 1535.

Calvino tinha uma veia cômica. Fazia bons trocadilhos. Sabia rir com seus amigos. E de vez em quando, antes que a doença o impedisse, achava tempo para recreação. Passeava no seu quintal, donde se avistava o lago. Andava a cavalo pelas redondezas juntamente com seus colegas do ministério. Ia, às vezes, ao sítio do seu irmão Antoine.

Havia ocasiões em que achava tempo para jogos. Jogava malha, um jogo semelhante ao chinquilho[4], que usava discos de ferro chato. Gostava de desafiar outros para uma partida de arremesso de chave: o jogador que escorregasse uma

chave ao ponto mais próximo do lado oposto da mesa seria o vencedor. As vezes Calvino jogava bocha[5]. Estava entretido numa partida de bocha certa tarde de domingo quando foi interrompido por uma visita.

Mas Calvino geralmente não conseguia achar tempo para recreação. Como o capitão de um navio em alto mar, ele estava ocupado demais conduzindo o navio em segurança ao porto.

Aquele navio era toda a igreja Protestante, não somente a igreja de Genebra. Genebra tinha problemas suficientes para sobrecarregar qualquer pastor. Calvino, porém, estava atento ao que transcorria no resto do mundo também. Governos e batalhas e tratados e intrigas políticas — sabia os detalhes de tudo. Eram-lhe importantes não por si mesmos, mas porque afetavam toda a igreja de Cristo, a qual era sempre a principal preocupação de Calvino.

Para edificar a igreja, Calvino escreveu carta a reis e a príncipes. Aqueles que mostravam simpatia pela fé Reformada, dedicava-lhes comentários — Hebreus, ao rei da Polônia; Atos dos apóstolos, aos reis da Dinamarca e da Suécia; quatro epístolas a um duque alemão. Escreveu um catecismo para os Protestantes na Áustria. Enviou uma longa lista de reformas ao imperador Carlos V que estava patrocinando outra dieta imperial em Espira.

Calvino se ocupava especialmente em escrever à Inglaterra durante o reinado de sete anos do menino-rei, Edward VI, que faleceu com dezesseis anos de idade. O Duque de Somerset, tio do jovem rei, era o Lorde Protetor que governara juntamente com vários outros regentes. Thomas Cranmer, arcebispo de Canterbury, era um dos regentes. Tinha ajudado Henrique VIII. Cranmer estava agora ocupado na promoção da Reforma e na transformação da igreja na Inglaterra.

Calvino vibrava ao ver outra grande nação entrando no grupo Protestante. Fez o que pode com sua pena para fortalecer a igreja na Inglaterra. Dedicou, em 1548, seu comentário sobre I Timóteo ao Duque de Somerset. O comentário foi acompanhado de uma longa carta sugerindo reformas para a igreja inglesa. Que o Senhor o faça "um reparador do Seu templo", escreveu Calvino, "para que os tempos do rei, seu sobrinho, possam ser comparados aos de Josias", o menino-rei do Velho Testamento. O duque sentia-se agradecido pelos escritos de Calvino. A duquesa enviou-lhe um anel.

Dois anos e meio mais tarde, Calvino enviou um ministro como mensageiro especial ao rei, que estava com quatorze anos de idade. O pastor levou cópias dos dois últimos comentários de Calvino, sobre Isaías e sobre as epístolas de Tiago, Pedro, João, e Judas. Eram dedicados "Á Sua Alteza Serena, Edward VI, Rei da Inglaterra, um Verdadeiro Príncipe Cristão.

Uma ano antes da morte de Edward VI, Calvino enviou-lhe outro presente

escrito. Era um pequeno livro, **Quatro Sermões do Mestre João Calvino**. Na carta que acompanhava o livro, Calvino fala eloquentemente: “Ser rei é coisa deveras importante, e... sobre um país como o vosso; não tenho dúvidas que considerais o ser Cristão muito melhor e sem comparação. É, por conseguinte, um privilégio incalculável o que Deus vos concedeu, Excelência, o de ser um rei Cristão.”

Calvino não podia falar assim aos reis da França. As perseguições continuavam com Francisco I e Henrique II. Nos quarenta e quatro anos dos reinados destes dois reis, cinquenta mil Protestantes foram mortos. Outros milhares fugiram para o exílio. Em Meaux, onde os primórdios de uma reforma francesa foram fortes trinta anos antes, quatorze homens foram enforcados num círculo de pelourinhos na praça do mercado e depois queimados. Um professor de Paris permaneceu seis semanas numa cova estreita onde não podia ficar de pé e nem deitar-se, tendo sido, finalmente, queimado vivo. O povo Waldense, piedoso e trabalhador, que morava nos vales do sudeste da França, foi horrivelmente massacrado. Um cardeal tinha contado mentiras ao rei a respeito deles. Em 1545 três mil Waldenses — homens, mulheres, e crianças — foram mortos. Quarenta mulheres fugiram para dentro de um paiol. Os soldados incendiaram o paiol que estava cheio de feno. Impelidas para fora, as mulheres eram lanceadas pelas armas dos soldados. Vilas Waldenses e roças tranquilas foram destruídas. Algumas pessoas perambulavam famintas pelas florestas. Outras conseguiram escapar para a Suíça, onde relataram os horrorosos acontecimentos.

Estas perseguições abalaram Calvino profundamente. Ele escreveu muitas cartas a pessoas de influência. Fez duas viagens às outras igrejas da Suíça, ajuntando dinheiro para os refugiados, persuadindo as igrejas e cantões a escreverem protestos veementes ao rei da França. O rei francês respondeu secamente que os cantões da Suíça deveriam se preocupar com os seus próprios assuntos.

No meio das perseguições francesas e das brigas na igreja alemã, Calvino trabalhava para conseguir alguma unidade entre as igrejas, pelo menos entre si e os seguidores de Zuínglio. Tinha esperança de conseguir acordo com os Luteranos. Mas tal esperança tornava-se cada vez menos possível, com o temperamento imprevisível de Lutero, a relutância de Melanchton em tomar uma atitude firme e o aparecimento de líderes radicais nos estados Luteranos após a morte de Lutero. Calvino trabalhava agora esperançosamente com os líderes dos seguidores de Zuínglio.

O obstáculo ao acordo era a interpretação da Ceia do Senhor. Em 1548, Calvino escreveu a Bullinger, o líder dos seguidores de Zuínglio. “Eu poderia

crer que Cristo está presente na Ceia do Senhor numa maneira mais ampla do que você considera que Ele esteja", escreveu Calvino, mas "por causa disso não deixaremos de crer no mesmo Cristo, e sermos um nEle". Enviou, a seguir, vinte e quatro artigos sobre o assunto da Ceia do Senhor, para serem usados como uma base de discussão.

Seis semanas após a morte de Idelette, foi para Calvino um conforto ir com Farel a Zurique para conversar com Bullinger e outros. A união parecia próxima. Calvino tinha recebido uma carta de Bullinger, à qual tinha respondido: "Parece que nunca recebi coisa mais agradável das suas mãos... Estou muito contente que quase nada... nos impede de concordar agora, mesmo por palavras... Jamais será por minha causa que deixaremos de nos unir numa sólida paz, pois que unanimemente professamos o mesmo Cristo".

A demonstração desta união foi o **Consensus** de Zurique, de 1549, escrito quase totalmente por Calvino. Nos dois anos seguintes, as igrejas suíças apuseram suas assinaturas ao **Consensus**. Pelo menos na sua terra adotiva Calvino poderia render graças pela unidade entre as igrejas. Dois anos após a morte de Calvino, na famosa **Confissão Helvética de 1566**, a união das igrejas suíças foi completada, como sempre esperava o pastor de Genebra.

Na Inglaterra, o Arcebispo Cranmer também tinha esperanças de união entre as igrejas. Muitos líderes ingleses durante o reinado de Edward VI inclinavam-se pelos ensinos de Calvino. Bucer estava na Inglaterra também, e exerceu muita influência até a sua morte. Cranmer queria reunir um sínodo para discutir diferenças doutrinárias entre os Protestantes. Escreveu a Calvino, a Bullinger, e a Melanchton: "Rogo que delibereis entre vós quanto aos meios pelos quais esse Sínodo poderá reunir-se com a melhor conveniência". A Igreja de Roma estava na época promovendo o Concílio de Trento. "Haveremos de nos omitir na convocação de um santo sínodo... para a restauração e propagação da verdade?", perguntou Cranmer em 1552.

O menino-rei da Inglaterra (Edward VI) morreu no ano seguinte. O sínodo nunca foi realizado. O próprio Cranmer morreu queimado na estaca durante o reinado de Maria, a Sanguinária. Mas Calvino, para quem a unidade das igrejas Protestantes era coisa tão preciosa, tinha respondido à proposta do arcebispo: "Isso me preocupa tanto que, caso eu pudesse prestar algum serviço, não hesitaria em atravessar até dez mares, se necessário, para assim fazê-lo... quisera eu estar tão apto quanto disposto estou".

Calvino, o amigo fiel e confortador, o homem humilde para quem o dinheiro era nada, o pastor visionário que zelava pelas igrejas de Cristo em toda a parte e pela unidade delas trabalhava sem esmorecimento — este homem era também um guerreiro impoluto no estabelecimento do reino do seu Mestre e no

tornar a igreja do Mestre pura e santa. Não era um batalhador nato como Lutero e Farel. Mas quando a obra do Senhor exigia lutas, Calvino estava pronto.

VII. Novas lutas

Inimigo após inimigo aparecia em Genebra para brigar com Calvino.

Primeiro, e inesperadamente, veio o professor com vinte e seis anos de idade que o próprio Calvino tinha nomeado como diretor do ginásio.

Sebastião Castellio estava fazendo uma tradução do Novo Testamento. Queria que fosse uma tradução popular e na linguagem do povo. Pediu a Calvino que recomendasse a sua publicação. Para Calvino, a tradução parecia tosca e, em alguns pontos, inexata. Mas não tinha o tempo suficiente, dentro das suas múltiplas tarefas, para argumentar com Castellio sobre cada frase inaceitável. Castellio irritou-se porque Calvino não estava disposto a recomendar sem reservas a tradução.

Havia certas coisas nas doutrinas e crenças de Castellio que Calvino não podia tampouco recomendar. O jovem diretor achava que o livro Cantares de Salomão não era um livro inspirado da Bíblia. É somente uma descrição muito humana de uma das paixões de Salomão, dizia Castellio. Não concordava com as palavras "desceu ao Hades" no Credo dos Apóstolos. E não aceitava tampouco a doutrina da eleição — que Deus, antes do início do mundo, escolhera os que seriam salvos.

Tudo isso tinha sido tolerado até que Castellio requereu admissão como um dos pastores de Genebra. Afirmou que o salário de diretor era baixo demais. O Pequeno Conselho aprovou o pedido, mas o poder final para recomendar pastores pertencia ao Conselho da igreja. Sob a liderança de Calvino, o Conselho da igreja recusou o pedido de Castellio, por causa das ideias e doutrinas condenáveis que esposava. Em vez disso, o Conselho das igrejas preferiu pedir aos conselhos da cidade que aumentassem o salário do diretor.

Com raiva pela recusa de sua admissão ao ministério, Castellio demitiu-se da direção do ginásio. Calvino ofereceu-lhe cartas de recomendação a Viret em Lausanne. "Estou verdadeiramente preocupado com ele", escreveu Calvino. "Ajude-o no que for possível".

Mas Castellio não encontrou nenhum emprego como professor em Lausanne, resolvendo voltar a Genebra. Numa tarde de 1544, apareceu numa reunião semanal de ministros e leigos, em número de sessenta, que ouviam a explicação que Calvino dava às palavras de Paulo: "Em tudo recomendo-nos a nós mesmos como ministros de Deus...".

Castellio levantou-se de repente e interrompeu a palestra. "Os ministros de Genebra não são como Paulo", disse sarcasticamente. "vocês obedecem suas

próprias inclinações, vocês se enraivecem com facilidade, vocês perdem tempo brincando e bebendo, suas vidas são livres e desenfreadas. Vocês não poderiam parecer menos com Paulo”, aduziu. Calvino nada respondeu. Controlando-se fechou a Bíblia e saiu da sala.

O Pequeno Conselho incluiu na pauta o assunto da ofensa pública de Castellio aos ministros de Genebra. Ordenaram a Castellio que abandonasse a cidade. Saiu com cartas de recomendação de Calvino e dos ministros, os quais estavam prontos a recomendá-lo como professor embora não aprovassem sua admissão ao ministério. Mas Castellio levou consigo um ódio amargo de Calvino — um ódio que foi mais tarde reiterado ao publicar um livro denunciando a queima de Serveto.

O próximo inimigo a desafiar Calvino foi Pierre Ameaux, cuja esposa era uma das mais notórias Libertinas de Genebra. Ela tomava tanta liberdade que vivia em amor promíscuo com uma variedade de homens. Calvino aparentemente recomendara uma separação ao casal, mas o Pequeno Conselho demorou em sancionar o divórcio formal de sua esposa infiel. O divórcio foi finalmente aprovado e a mulher passou seis meses na prisão. Mas Pierre Ameaux ficou aborrecido pela demora do divórcio, que levou um ano e meio. E ele tinha outro motivo para preocupação. Seu negócio consistia na fabricação de cartas de baralho. Desde a volta de Calvino — com a execução das leis da cidade — ocorrera uma vertiginosa queda na venda de suas cartas.

Certa noite, Ameaux convidou quatro amigos para o jantar. Estimulado pelo vinho, tornou-se eloquente contra o pregador francês na Rua do Canhão. Queixou-se a alto e bom som enquanto seus amigos o apoiavam abanando as cabeças. Eram amigos bifrontes, que imediatamente relataram toda a oração aos Conselhos, dos quais Ameaux era membro. Ameaux foi preso e colocado na cadeia para aguardar a sentença. Calvino pediu que a sentença não fosse pesada. Mas solicitou que fosse pública a fim de que o povo ficasse de sobreaviso. O Pequeno Conselho, ao contrário, resolveu que Ameaux apenas deveria pedir desculpas aos ministros numa sessão reservada.

Tal resolução irritou Calvino. Toda a cidade sabia do incidente com Ameaux. Outras ofensas eram frequentemente punidas por humilhação pública nas ruas. E agora esse homem escapava com um simples pedir de desculpas atrás de portas fechadas. Apoiado por outros ministros, Calvino exigiu uma punição pública para o homem que tinha desafiado as doutrinas da igreja e difamado um dos seus ministros.

Os inimigos de Calvino descobriram uma oportunidade para fazer algumas agitações. Os murmúrios e ameaças começaram logo a soar com maior volume. Os cidadãos passaram a limpar os seus trabucos. A maior desordem se localizava

no distrito de Saint Gervais, no outro lado do rio, onde residia Ameaux. Para aquietar o povo, o Pequeno Conselho marchou em séquito solene por sobre a ponte e permaneceu em posição de sentido enquanto se levantava um pelourinho na Praça de Saint Gervais.

O Pequeno Conselho logo passou uma nova resolução. Pierre Ameaux, tendo falado contra Deus, contra os Conselhos e o Mestre Calvino, teria que caminhar pela cidade, "sua cabeça descoberta e uma tocha de cera acessa em suas mãos"; teria que ajoelhar-se "na frente do prédio dos Conselhos, perante o Conselho sentado em tribunal, dizendo e confessando numa voz alta e clara que, contra Deus, a verdade, e o direito você declarou que o Mestre João Calvino tinha proclamado doutrina falsa. você será então conduzido pela... cidade... às três praças principais... e em cada um destes três lugares você fará uma confissão semelhante de joelhos, a tocha em suas mãos, para servir de exemplo aos outros".

Era 5 de abril de 1546 quando Pierre Ameaux fez como lhe fora ordenado. As multidões curiosas ajuntaram-se para observar — e lembrar.

O povo logo se convenceu de que Calvino esperava que os Conselhos executassem a lei para todos, sem distinção. Talvez fosse um consolo aos pobres saberem que dinheiro, alta sociedade, ou ser membro dos Conselhos não davam a ninguém a liberdade de quebrar a lei. Tal fato não servia de conforto para aqueles cidadãos bem postos conhecidos como Libertinos. Odiavam Calvino pela disciplina que tentava trazer à sua cidade corrupta. Odiavam-no por ser um estrangeiro. Os Libertinos lutavam contra Calvino às escondidas e abertamente. Lutavam contra ele usando o método de tomar partido com todo o novo inimigo que aparecesse para desafiá-lo. Outros inimigos vinham e iam, mas demorou quatorze anos para que os Libertinos fossem derrotados.

Uma família Libertina especialmente odiava Calvino por aquilo que ele estava tentando fazer. Era a família Favré, uma rica e tradicional família, sequiosa dos seus prazeres. François, o pai, duas ou três vezes condenado por adultério, tinha dito que gostaria de ser um síndico para reabrir as casas de prostituição em Genebra. Gaspard, um dos filhos de Favré, tinha estado também na prisão por imoralidade. Ao ser solto, maldosamente reunira alguns dos seus amigos desordeiros para um jogo especial junto à igreja onde Calvino estava pregando. Havia outro filho, João, o qual, no seu próprio casamento, debochadamente sacudira a cabeça em lugar de responder afirmativamente.

Mas a filha de Favré, Francesca, era a pior de todos. Que mulher terrível! Sua linguagem era de baixo calão. Não respeitava nenhuma autoridade. Mesmo assim, Francesca havia casado com Ame Perrin, um conselheiro e o capitão geral da milícia da cidade.

Em março de 1546, logo antes de Ameaux atravessar a cidade pedindo desculpas, Francesca e o seu marido Perrin dançaram numa recepção de casamento com um síndico chamado Corna e outros. Anos antes da vinda de Calvino a Genebra, a cidade havia promulgado leis contra a dança. Agora, pela insistência do Conselho da igreja, as leis estavam sendo executadas.

O síndico Corna desculpou-se sinceramente quando trazido perante o Pequeno Conselho. Mas Francesca gritara e se enfurecera ao ser trazida perante o Conselho. Reservara os piores palavrões para Calvino e os conselheiros. Os beleguins tiveram que arrastar Francesca para fora para acabar com a gritaria. Seu marido, Ame Perrin, lembrou-se subitamente que tinha de fazer uma viagem a Lyons, e, assim, escapou momentaneamente ao seu castigo. Francesca permaneceu na cadeia por algum tempo. Como odiava a Calvino! Que tivesse cuidado, ela ameaçou, ou ele “acenderia um fogo adormecido” e seria novamente expulso da cidade.

Calvino tentou por várias vezes fazer as pazes com a família Favré, especialmente com Ami Perrin — o qual tinha sido um dos mensageiros enviados a Estrasburgo para trazê-lo de volta a Genebra. Perrin gostava da vida livre e fácil. No entanto, se a sua esposa, uma “fúria monstruosa”, não o tivesse incitado, ele teria sido persuadido. Numa carta firme, mas apelante a Perrin, Calvino disse-lhe que não se incomodava com as ameaças de Francesca. “Não voltei a Genebra para repouso ou lucro”, escreveu, “e nem lamentaria ser forçado a sair dela. A... segurança da igreja e do estado me dispuseram a voltar... e somente com meu último suspiro é que abandonarei minha devotada fidelidade a este lugar”. Instando Perrin a reconhecer que as leis devem ser cumpridas com imparcialidade, Calvino apelou: “Que o Senhor lhe revele quão preferidas devem ser as punições de um sincero amigo do que a lisonja traiçoeira de outrem”.

Mas a raiva de Ami Perrin e da família de sua esposa continuava a borbulhar. Mais dois homens se apresentaram para serem líderes Libertinos ao lado de Perrin. Um deles era Philibert Berthelier. Seu pai tinha sido um famoso patriota que morrera lutando pela liberdade de Genebra. Philibert não era grande assim. Era exibido e cabeçudo. O outro homem do trio de líderes Libertinos era o simpático Pierre Vandel. Vandel gostava de aparecer em público cercado de pajens e admiradores, com seus dedos cheios de ouro. Tinha também estado na prisão algumas vezes pelo seu comportamento desenfreado e pelo seu falar insolente ao Conselho da igreja.

Estes três — Perrin, Berthelier, Vandel — conduziram Calvino a oposição da cidade contra a ordem e a pureza que Calvino buscava estabelecer. Não perdiam uma oportunidade para contestar Calvino. Em 1547 a contenda girou

em torno de culatras talhadas. Para a parada anual e a festa de tiro ao alvo, Ami Perrin queria que os seus milicianos vestissem culatras curtas e apertadas, talhadas nos lados. Solicitou que tal assunto fosse decidido pelo apoio dos Conselhos de Duzentos. Perrin esperava apontando o caminho a que tal falta de modéstia e luxo poderia levar. O Conselho de Duzentos tomou resolução contra as culatras talhadas.

Ami Perrin, a quem Calvino chamava de "nosso César cômico," a seguir "saiu apressado numa viagem... para evitar estar presente na parada pública" onde os seus milicianos não estariam marchando com suas novas culatras.

Perrin tinha perdido a batalha das culatras talhadas. Mas ele e seus companheiros ainda não haviam entregado os pontos a Calvino.

VIII Novos apuros

O descontentamento ardia lentamente, pronto a explodir em chamas.

O Conselho da igreja realizava a sua tarefa com fidelidade. Cada um dos doze presbíteros cuidava bem do seu distrito. Nas manhãs das quintas-feiras os acusados pelo Conselho da igreja de quebrar as leis da cidade eram trazidos perante o Pequeno Conselho para serem punidos. Havia, por exemplo, o homem que ficava em casa jogando baralho durante o sermão dominical. E os rapazes que fizeram algazarra na igreja. E o cidadão que ouvira o orneio de um burro e falara sarcasticamente: "Ele canta um bom salmo". Este último foi expulso da cidade por três meses. E havia o número infindável de bêbados, ladrões, briguentos, adúlteros, e outros contraventores.

A cidade famosa pela imoralidade e vício ainda estava longe de assemelhar-se a uma congregação do povo de Deus. Os Conselhos frequentemente agiam com indecisão. Calvino e seus colegas sempre instavam, censuravam, denunciavam, e apontavam o caminho da Palavra de Deus a uma cidade e a uma igreja.

As bodegas foram fechadas por um tempo. No seu lugar, apareceram lugares para comer e beber chamados **abbayes**. A Bíblia francesa estava sempre em exposição nas **abbayes**. Nenhum freguês seria servido sem que primeiro orasse. As **abbayes** fechavam às nove da noite.

Mas a reforma de Genebra foi uma longa batalha.

Em julho de 1547, Francesca Perrin teve outra briga com o Conselho da igreja. Chamada perante os ministros e presbíteros para explicar algum mau comportamento, ela desencadeou sua pior linguagem sobre o pastor Abel Poupin. Então, para escapar à sentença do Pequeno Conselho que por certo viria, Francesca resolveu sair da cidade por um tempo. A caminho do portão da cidade ela viu o ministro Poupin caminhando na rua estreita. Esporeando seu cavalo,

tentou atropelá-lo. Tendo falhado neste propósito, lançou-lhe alguns palavrões ao fugir a galope.

No dia seguinte, uma carta anônima apareceu misteriosamente no púlpito de Saint Pierre. Estava escrita num dialeto que poucas pessoas em Genebra podiam falar ou escrever. Começava da seguinte maneira, dirigida ao ministro Poupin cujo nome significava “bochechudo”: “Grande barrigudo, você e seus colegas fariam bem em controlar suas línguas... se nos castigarem demais, ninguém lhes protegerá... Amaldiçoarão a hora em que deixaram de ser monges... Quando a gente aguenta demais, a gente se vinga... Não teremos tantos senhores. Lembrem-se das minhas palavras”.

Um dos poucos que podia escrever e falar o dialeto de Savoy usado na carta era Jacques Guet, um ex-cônego, sobre quem havia caído a suspeita de ter dado início à trama para envenenar Viret e Farel antes da vinda de Calvino a Genebra.

Guet morava sozinho e era conhecido por sua vivência imoral. Quando os Conselhos deram uma busca na casa, encontraram algumas cartas e escritos nos quais Guet zombava da igreja e do estado. Como traição escrevera coisas parecidas. Sob os métodos comuns de tortura usados naqueles dias, Guet “confessou” ter escrito a carta anônima que fora colocada no púlpito. Embora sem unanimidade, os Conselhos o sentenciaram “a ter a cabeça cortada acima dos ombros, e seu corpo amarrado ao pelourinho e sua cabeça pregada em cima”. De acordo com as leis dos seus dias, Jacques Guet recebeu uma sentença justa. Três anos depois da sua execução, encontraram, numa rachadura na parede da sua casa, um manuscrito de vinte e quatro páginas contendo linguagem lasciva contra Cristo, a virgem Maria, e os apóstolos. Cristo era chamado, entre outras coisas, um louco imprestável, a virgem Maria era chamada de meretriz, e os apóstolos de safados miseráveis.

Na realidade, Calvino quase nada teve com o caso de Guet. Mas o povo se agitou com o assunto, relacionando-o com as reformas de Calvino na cidade. Eram cada vez mais influenciados pelos Libertinos.

Num dia de dezembro de 1547, o Conselho de Duzentos iria reunir-se. Calvino, a caminho para dirigir-lhes a palavra, ouviu gritos e brigas no pátio do prédio dos Conselhos. Correu para onde vinha o barulho e deparou-se com os conselheiros empunhando suas espadas numa enorme balbúrdia. O franzino homem com toga preta intrometeu-se no meio da rixa bradando: “Se quereis que o sangue corra, começai com o meu”. Os amigos “puxaram-me para aqui e ali, para que eu não sofresse ferimentos”. Espantados e um tanto envergonhados, os conselheiros zangados entraram resmungando na sala do Conselho, onde Calvino lhes falou ardente e seriamente.

Mas não tinha ilusões sobre o efeito das suas palavras. Era como se

estivesse “contando uma história a surdos”, disse. Acabrunhado e desiludido, escreveu a Viret: “A maldade deles atingiu tal ponto, que desespero de continuar nesta igreja por mais um tempo. Creia-me, estou arrasado e quebrantado, a menos que Deus para mim estenda a Sua mão”. E, a Farel: “Que o Senhor ouça as suas orações incessantes a meu favor”.

Perrin e seus companheiros sorriam de satisfação. Era a primavera de 1549, e as leis tinham trazido mais Libertinos aos Conselhos. No Conselho de Duzentos estavam em número igual aos adeptos de Calvino. Embora não conseguissem o mesmo sucesso no Pequeno Conselho, lá também aumentaram a sua influência. Perrin foi eleito síndico, surpreendentemente. Estava eufórico com a vitória.

Os Libertinos tornaram-se mais ousados. Calvino caminhava pelas ruas, cercado de insultos. Até as crianças zombavam dele, eliminando letras do seu nome e chamando-o Caim (Cain). Outras pessoas o desabonavam dando a seus cachorros o nome de Calvino. Certo dia, um grupo rude o empurrou na ponte que atravessava o gélido Ródano. Era tudo como nos dias de 1538, quando fora expulso da cidade.

Isso acontecia quando Idelette estava morrendo na casa da Rua do Canhão, quando o ódio Libertino contra Calvino alcançava novas alturas.

Atacado de todos os lados, deixado só pela morte da esposa, dizia: “Creia-me, estou arrasado e quebrantado, a menos que Deus para mim estenda a sua mão”.

Dois novos inimigos, ambos ex-monges, apareceram para atacar a teologia de Calvino. Os Libertinos acolhiam com alegria tal colaboração. Primeiramente, em 1551, veio Jerome Bolsec, “o qual, tendo largado o capuz de monge, tornou-se um daqueles perambulantes”. Bolsec também posava como perito em teologia. Criticava aos outros a teologia de Calvino, embora não enfrentasse o próprio Calvino. Numa certa sexta-feira, pregava o pastor de uma vila dos arredores. No período de discussão após o sermão, Bolsec levantou-se, denunciando a doutrina da eleição. É bobagem, dizia, uma peça detestável de estultícia. Transformais Deus num tirano. E se Deus decidiu tudo desde o princípio, Ele mesmo é responsável pelo pecado. Esse Calvino, que vos ensina tais coisas, é um impostor. Sois loucos se seguis a sua liderança.

Sem ser visto, Calvino tinha chegado à igreja em tempo para a discussão. Do fundo da sala, ouvia a invectiva de Bolsec. Então, para a surpresa do ex-monge, Calvino veio à frente para refutar Bolsec e defender a doutrina da eleição. Com sua fantástica memória, citou a Bíblia profusamente como também os autores patrísticos, tais como Agostinho. Num argumento sobre as Escrituras, haveria alguém que pudesse enfrentar Calvino? O Pequeno Conselho resolveu

botar Bolsec para fora da cidade.

Na sua velhice, e com o seu ligeiro contato com Calvino, Bolsec produziu um livro sobre a vida do reformador de Genebra. De todos os livros escritos pelos inimigos de Calvino, este é provavelmente o que está mais cheio de mentiras maliciosas, acusações e invencionices.

Mais uma vez, em 1552, o Pequeno Conselho reuniu-se com a finalidade de ouvir debates sobre a doutrina da eleição. Desta vez, era um natural de Genebra, um monge que por algum tempo se tornara um eremita. Zeraphin Trolliet uniu-se aos Libertinos, e estava agora pronto a provar que Calvino, nas suas Institutas, fazia de Deus o autor do pecado, e estava assim, por conseguinte, ensinando uma doutrina falsa na igreja de Genebra.

O assunto foi demorado e cansativo. Farel e Viret vieram a Genebra para se postarem ao lado de Calvino. O pobre secretário de atas, que desconhecia o linguajar teológico, escreveu na ata: “Tendo ouvido... suas respostas, agora repetidas com frequência...”. E o Pequeno Conselho passou uma resolução que tinha a intenção de satisfazer a todos. Declarava que “as Institutas... foram bem escritas e com inspiração, sendo a sua (de Calvino) doutrina a doutrina de Deus”. Mas a resolução também declarava que Trolliet era um homem bom e um bom cidadão. E assim terminou o assunto, embora sem solução.

Inimigos nas ruas e nos Conselhos de Genebra. Dificuldades por toda a parte. O pastor da Rua do Canhão os enfrentava enquanto o seu corpo clamava por descanso e paz. De vez em quando a sua asma dava lugar a ataques de pleurisia. Pela necessidade de falar — no púlpito, na sala de aula, no conselho e em casa — era forçado a projetar as palavras deliberadamente porquanto não respirava com facilidade. Nem sempre podia Calvino sentar-se ou locomover-se confortavelmente por causa de severas hemorróidas. E as excruciantes dores produzidas pelos cálculos na vesícula e na bexiga o atormentavam também. Quando podia suportar as hemorróidas, montava seu cavalo e saía a galope, na esperança de fazer soltar os cálculos para os quais a sua época não conhecia cirurgia. E as dores de cabeça — haveria dias quando as não sentisse? Algumas vezes sentia-se cego pela dor, ou passava a noite acordado. Muitas vezes tomava somente uma refeição por dia. Cãibras, indigestão, e gripe eram problemas constantes.

Durante esses anos de ameaças e insultos e dificuldades, o homem doente, humilhado por inimigos, não podia divisar adiante a vitória. Lentamente, paulatinamente, a pregação, o catecismo e a disciplina começavam a encontrar guarida nos corações de muitos em Genebra. Essas pessoas, no entanto, não publicavam tal fato como faziam os Libertinos ao combater Calvino. Mas começavam a perceber que o caminho de Calvino, o caminho da Palavra de

Deus, com toda a severidade na maneira de percorrê-lo conforme os ensinos de Calvino — este era um caminho melhor do que a vida livre e de bazófia de gente como Perrin e sua esposa a megera Francesca.

Mesmo nos Conselhos, onde os Libertinos tinham grande força, a maioria reconhecia que Calvino tinha de permanecer em Genebra para o bem de Genebra. Esses homens poderiam se unir para importuná-lo ou recusar os seus pedidos. Algumas vezes contribuíam para colocar obstáculos no seu caminho. Induziam-no à raiva. Mas reconheciam que dele não poderiam abrir mão. Havia algo na sua honestidade inatacável, no seu caráter impoluto, na sua mente brilhante, e, acima de tudo, na sua absoluta dedicação ao seu Mestre e à Palavra do seu Mestre — algo que o prendia a Genebra — ou em qualquer outro lugar. Por maior que fosse a oposição gerada pelos Libertinos, os Conselhos jamais pediriam a Calvino que saísse outra vez da sua cidade.

No entanto, apesar desses vislumbres de vitória, a maior batalha ainda estava pela frente.

IX. Miguel Serveto

Um homem foi queimado na estaca numa colina fora de Genebra.

Era esta, estranhamente, a segunda vez que o homem fora queimado por heresia. Quatro meses antes, fora queimado pela Igreja de Roma. Mas os seguidores do Papa tinham exercido suficiente cuidado. O herege tinha escapado da prisão onde estava preso. E então, zangados e frustrados, queimaram somente um boneco de palha — ou teria sido um quadro? — do seu prisioneiro, juntamente com cinco fardos dos seus últimos escritos. Foi a cidade Protestante de Genebra que queimou o homem de verdade.

Miguel Serveto, o homem da Espanha, herege por duas vezes queimado, teve origem semelhante à de Calvino. Era, também, filho de rábula, irmão de um padre, estudante de direito, e um seguidor do Papa. Como Calvino, começara a estudar a Bíblia nas suas línguas originais quando ainda estudante de direito. Com a idade de dezoito anos, Serveto passara a ter uma crença que lhe custaria a vida vinte e cinco anos mais tarde.

Deus não é três pessoas, dizia Serveto. Pelo contrário, a crença na Trindade faz de Deus um monstro de três cabeças. “Não se encontra nas Escrituras nenhuma palavra sobre a Trindade ou sobre as suas pessoas”, insistia o espanhol. Jesus é um homem, e não o Filho eterno de Deus. “O Espírito Santo não é um ser distinto”, mas sim o espírito de Deus enviado ao mundo. Com vinte anos de idade, Miguel Serveto publicara seu primeiro livro contendo essas ideias revolucionárias. Foi, dali por diante, um homem marcado.

Em Estrasburgo, onde o volume foi impresso em 1531, e em Basileia, os

Conselhos das cidades proibiram a vendagem do livro. Os líderes Protestantes dessas cidades taxaram-no de blasfemo. Lutero, Melanchton, Bucer, Bullinger e Zuínglio falaram contra o livro.

Serveto sabia o que diria a Igreja de Roma sobre o seu primeiro livro. Quando a notícia de sua publicação atravessou as montanhas da Espanha, o Supremo Conselho da Inquisição Espanhola ordenou que o seu autor fosse trazido de volta à sua terra natal, de qualquer jeito. Prometam-lhe favores, mintam-lhe, ordenem-lhe — façam tudo para que possamos tê-lo em nossas mãos, disse o Supremo Conselho. Até seu próprio irmão, um padre, foi enviado para persuadi-lo a voltar.

O que faria Serveto? Os Protestantes rejeitaram-no e proibiram seu livro. A Igreja de Roma o escoltaria diretamente à estaca para ser queimado. Serveto considerou a ideia de ir às Américas recentemente descobertas. Foi então que encontrou uma solução mais fácil. Mudou seu nome para Michel de Villeneuve, segundo o nome da cidade onde nascera, e viveu por vinte anos sem ser descoberto.

Serveto tinha vinte e dois anos de idade quando aparecera em Paris e marcara um encontro com João Calvino, recentemente convertido naquela época. Por algum motivo, Serveto não fora ao lugar marcado embora Calvino esperasse por ele ali com risco da própria vida.

Nos anos seguintes, o inquieto e brilhante Servertus fizera muitas coisas. Editara uma geografia do mundo para um publicador de Lyons. Estudara medicina em Paris e foi provavelmente, o primeiro homem a descobrir como é que o sangue circula nos pulmões. Dera palestras sobre geografia e astrologia. Noticiara o eclipse de Marte pela Lua. Aventurara-se, até, a prognosticar pelas estrelas o que iria acontecer a homens e nações. Por isso, e por ter falado insolentemente a um professor, Serveto fora julgado pelo parlamento francês. Defendera-se com tanto sucesso que conseguiria escapar somente com uma séria repreensão, e com a proibição dos seus opúsculos sobre astrologia. Ninguém tivera suspeitas sobre sua verdadeira identidade.

Passou a viver doze anos pacíficos na cidade francesa de Vienne, perto de Lyons. Editava livros e praticava medicina. Era um seguidor modelar de Roma e um grande amigo do arcebispo, o qual nunca sonhou que Serveto considerava o Papa a “mais vil das bestas, a mais descarada das meretrizes”. Enquanto Serveto continuava sua existência bifronte, ocupava-se com outro livro. João Calvino tinha chamado de Institutas a sua obra-prima. Serveto chamou o seu de Restitutas, como se estivesse agora restaurando a verdade da religião cristã à sua forma mais pura.

Em 1546 e 1547, quando tinha trinta e cinco anos de idade, Serveto

escreveu a Calvino. Calvino respondeu-lhe com cortesia e enviou-lhe uma cópia das suas **Institutas**. A cópia foi-lhe devolvida com anotações insultantes. Serveto enviou-lhe mais cartas compridas, num total de trinta, nas quais se dirigia a Calvino com condescendência e aspereza. Enviou-lhe, também, um manuscrito das **Restitutas**. Mas Calvino sentiu que seria uma perda de precioso tempo continuar a discutir com Serveto. Deixou de escrever-lhe. Numa carta a Farel, disse: “Serveto acaba de me remeter, juntamente com sua carta, um longo volume dos seus delírios. Se eu consentir ele virá para aqui, mas não darei minha palavra, pois se vier, se a minha autoridade tem algum valor, não permitirei que ele saia daqui vivo”. Calvino, no entanto, apesar de saber a identidade real de Serveto, não tomou nenhuma providência para revelá-la às autoridades Católico-Romanas em Vienne.

Seis anos depois, as **Restitutas** foram publicadas secretamente fora da cidade de Vienne. Os dois tipógrafos, cunhados, tinham ambos vivido em Genebra. Um tinha sido Libertino. O outro simpatizava com as ideias de Calvino. Este aparentemente não percebeu o que o seu cunhado concordara em publicar. No lugar do seu nome, Serveto usou somente as iniciais M.S.V. (Miguel Serveto Villeneuve) na página titular. Mas incluiu as trinta cartas de Calvino no apêndice do livro.

Ao mesmo tempo, na vizinha cidade de Lyons, cinco ministros Protestantes jaziam na prisão. Tinham recentemente concluído seus estudos na Suíça e estavam voltando como missionários à França, sua terra natal. Foram descobertos três horas após atravessarem a fronteira, e colocados na prisão. Todo o mundo Protestante estava preocupado com a sorte deles. Cartas de protesto e mensageiros vinham em profusão das cidades e igrejas suíças. Calvino escreveu também. Enviou, outrossim, lindas cartas de conforto e encorajamento aos cinco jovens pregadores, os quais ficaram aprisionados um ano até que foram acorrentados em grupo e queimados vivos em maio de 1553.

Enquanto os cinco jovens pregadores esperavam na prisão, e logo após a publicação do livro de Serveto, um Protestante de Genebra escrevera ao seu primo Católico-Romano que residia em Lyons. Havia aspereza no tratamento mútuo, especialmente devido ao aprisionamento dos cinco ministros. O primo Católico-Romano tinha muitas vezes censurado seu primo Protestante pela falta de ordem e disciplina na igreja de Genebra. O primo Protestante tinha agora alguma coisa especial a dizer-lhe em resposta.

Meu caro primo, escreveu o Protestante de Genebra. Não se queixe da nossa falta de disciplina aqui em Genebra. Há um herege que vive aí na sua vizinhança e que blasfema contra a Trindade e que acaba de escrever um livro cheio de heresias. Mesmo assim esse homem vive honradamente no seu meio,

debaixo do nariz do cardeal e do arcebispo, ao mesmo tempo em que as prisões daí estão cheias de gente inocente. O herege de quem eu falo é Serveto, o espanhol, conhecido em Vienne como Miguel de Villeneuve. Pratica medicina aí. Para provar o que digo, envio-lhe as quatro páginas iniciais do seu novo livro.

O primo Católico-Romano de Lyons foi logo às autoridades eclesiásticas com a notícia. Convocaram Serveto, o qual jurou por tudo que era somente Miguel de Villeneuve, um fidelíssimo seguidor de Roma. As autoridades precisavam de maiores provas. Pediram ao primo Católico-Romano que escrevesse a Genebra solicitando-as.

O primo Protestante em Genebra respondeu ao pedido. “Eu não supunha que o assunto fosse tão longe”, disse honestamente. “Mas já que você revelou o que era para você somente, queira Deus que isto possa... servir para expurgar o Cristianismo de tanta sujeira, de tão mortífera pestilência”. Explicou, então, que, para conseguir melhores provas, tinha ido a Calvino, seu bom amigo, o qual tinha algumas cartas, as mesmas cartas que estavam impressas no fim do novo livro. O primo Protestante tinha argumentado por longo tempo com Calvino, implorando e explicando com que cara ficaria se Calvino não o ajudasse. “No fim ele (Calvino) deu-me o que você vê”.

Será que Calvino sabia que as cartas originais de Serveto seriam entregues às autoridades para serem usadas contra Serveto? O próprio Calvino negou mais tarde que tivesse participado na entrega de Serveto à Igreja de Roma, e não temos motivo para duvidar da sua palavra. Mas as cartas, afinal de contas, tornaram-se as provas finais contundentes contra Serveto, não importando os motivos por que foram remetidas. Não adiantaram os esforços de Serveto para eximir-se de culpa. As provas ali estavam. Foi colocado na prisão em abril de 1553 para aguardar sentença.

A prisão era um jardim num terraço, bem acima da rua. O jardim estava sempre trancado, mas prisioneiros de destaque poderiam adentrá-lo, e mesmo por que a prisão não tinha um sanitário decente. Na terceira manhã em que Serveto estava na prisão, levantou-se às quatro horas, vestiu-se, e então colocou na cabeça seu barrete de dormir e o roupão de banho sobre a roupa. Pediu ao carcereiro a chave do jardim. Sem nada suspeitar, o carcereiro deu-lhe a chave e voltou-se para cuidar das plantas. Serveto tirou seu roupão e barrete, deixando-os em baixo de uma árvore, pulou do jardim até o telhado mais próximo e dali saltou para o pátio. No alvorecer do dia, somente foi visto por uma mulher camponesa quando corria pelas ruas e saía pelo portão da cidade.

Houve uma busca frenética pelo prisioneiro ausente. A cidade de Vienne resolveu então passar sentença assim mesmo. Foi esta a primeira queima de Serveto, feita com grande solenidade, usando como vítima uma efígie cheia de

palha.

Quatro meses depois, o homem de verdade chegou a Genebra. Encontrou hospedagem na Estalagem da Rosa Dourada e pediu ao seu hospedeiro que providenciasse um barco para atravessar o lago em direção a Zurique.

Era domingo. Esperava-se que todos os habitantes comparecessem à igreja. Serveto também foi. Alguém o reconheceu ali e contou a Calvino, o qual imediatamente pediu aos Conselhos que prendessem o visitante. O secretário de Calvino foi à prisão juntamente com Serveto, devido à regra de que o acusador teria que ficar na prisão, também, até que as suas acusações fossem provadas. O secretário se prontificou a ir no lugar de Calvino para que o trabalho diário de Calvino não fosse interrompido.

"No dia 13 de agosto (1553)... Miguel de Serveto foi reconhecido por alguns irmãos, e parecia conveniente fazer dele um prisioneiro para que o mundo não mais fosse infectado pelas suas heresias e blasfêmias, porquanto é conhecido como incorrigível". Assim se registrou o fato nas atas do Conselho da igreja.

O que foi que induziu Serveto a vir a Genebra?

Estava a caminho de Nápoles, a Itália, para praticar medicina — foi o que declarou no seu julgamento. A estrada de Vienne para Nápoles certamente não passava ao norte por Genebra e Zurique. Por que veio então a Genebra, após ter escapado por um triz do fogo da Igreja de Roma? Teria Serveto ouvido do Libertino que imprimiu suas Restitutas que Calvino estava em apuros em Genebra? Saberia que os inimigos de Calvino esperavam derrotá-lo e a sua obra? Sim, é provável que tenha ouvido tais coisas. Esperava, então, ser apoiado por esses inimigos? Achava poder espalhar sua própria doutrina em Genebra? Ou estaria somente passando ali por curiosidade? Ninguém sabe.

Calvino preparou um documento com trinta e nove acusações contra Serveto. O julgamento começou então. Continuou, intermitentemente, por dois meses e meio. Parte do julgamento consistiu nos escritos em latim entre Calvino e Serveto, e parte em argumentos face a face.

Os Libertinos tiveram gosto em ficar do lado do novo inimigo de Calvino. Ami Perrin estava sentado na cadeira de presidente do Pequeno Conselho. Berthelier, outro líder Libertino, era um funcionário durante as deliberações. O próprio Serveto, longe do choro e do servilismo demosnstrados em Vienne, mostrava-se agora petulante e desdenhoso de Calvino. Parecia estar senhor de si. Lançava nomes a Calvino e tratava-o com menosprezo como se fora Calvino o acusado. "Criminoso, assassino, desgraçado, mentiroso, anão ridículo... acha que tem a capacidade de ensurdecer os ouvidos dos juízes com o seu latido de cão?". Era assim a sua linguagem.

Calvino continuava a apresentar provas para fundamentar as suas trinta e

nove acusações. Os dois homens argumentavam veementemente, no papel e em pessoa. Embora Serveto fosse mais insultante e desdenhoso, Calvino também falava muitas vezes com aspereza. Calvino estava tomado de poderosa ira contra este homem que descaradamente negava que Cristo era eternamente Deus. Este era o homem que também arrogantemente asseverava que os homens nascem inocentes, que crianças não deviam ser batizadas, e que os homens, não Deus, decidem a sua própria salvação. Poderia tal herege blasfemo escapar à punição, quando milhares de Protestantes fiéis estavam sendo queimados alhures?

Serveto precisava ser punido. As leis da época o exigiam. Estavam impressas, o preto no branco, no Codex de Justiniano, o livro legal padrão ainda seguido no Santo Império Romano. Pelo crime de negar a Trindade, rezava o Codex, é a morte.

X. Quem queimou Serveto?

Mas o poder se sentenciar Serveto não estava nas mãos de Calvino.

Estava completamente nas mãos do Pequeno Conselho de Genebra. E nunca foi tão pouca a influência de Calvino sobre o Conselho como nos meses em que Serveto esteve na prisão.

Eram esses os meses da luta mortal com os Libertinos sobre a questão da excomunhão. Berthelier, o líder Libertino, fora avisado pelo Conselho da igreja que não poderia vir à Ceia do Senhor. Numa rixa de bêbados, ele e alguns companheiros fizeram um ministro correr até a porta da sua casa. O Pequeno Conselho assumia agora, ousadamente, o poder da igreja, restaurando a Berthelier o direito, à comunhão. Os Libertinos prontos a desafiar Calvino nesta questão crucial que era um dos fundamentos do seu governo eclesiástico.

Calvino protestou com veemência. O Pequeno Conselho, com Ami Perri na presidência, rejeitou o seu protesto. No dia anterior à Santa Ceia de setembro, Calvino enfrentou os vinte e cinco homens na sala do conselho. Tremendo de emoção, disse-lhes: “Assevero que prefiro morrer do que ver desonrada a Ceia do Senhor... Preferiria estar morto cem vezes do que cometer tão terrível escárnio contra Cristo”.

Na manhã seguinte Calvino ocupava o púlpito de Saint Pierre, sem saber que, depois de retirar-se da sala do Conselho, a maioria dos membros resolvera que Bethelier não podia aparecer na igreja no dia seguinte.

Este foi um dos momentos mais dramáticos na vida de Calvino. “Pedi a Deus que me desse firmeza e minha oração foi respondida”, contou à congregação silenciosa diante da Ceia do Senhor. “Por conseguinte, deveis saber que, ocorra o que ocorrer, agirei de acordo com o mandamento do meu Mestre que me foi claramente revelado. Caso houver qualquer pessoa, durante a Ceia do

Senhor que vamos celebrar, se aproximando da mesa do Senhor, apesar de tal privilégio lhe ter sido negado pelos presbíteros, tomarei a atitude que é exigida de mim".

O homem franzino, com toga preta, desceu do púlpito pela pequena escada circular. Postou-se por detrás das mesas da comunhão e levantou seus braços para abençoar o pão e o vinho. O povo começou a vir à frente, para tomar seus lugares às mesas. Calvino os observava com olhos penetrantes, esperando que a figura do fanfarrão Berthelier se aproxima-se dele. Mas não apareceu.

Calvino não conhecia o motivo da ausência de Berthelier. Sabia somente que havia se manifestado publicamente contra uma decisão do Pequeno Conselho, e que poderia aguardar o julgamento deles sobre tal fato. Voltou à sua casa na Rua do Canhão para preparar-se para o sermão da tarde. Seria o seu sermão de despedida, suas últimas palavras para Saint Pierre antes que os Conselhos lhe ordenassem que se retirasse outra vez da cidade. Os Libertinos ganharam a vitória — que mais poderia concluir? Libertariam Serveto e o deixariam espalhar suas doutrinas perversas na cidade da qual Calvino seria exilado. Este, então, era o fim. E somente Deus sabia o porquê.

A Escritura vespertina era a mensagem de Paulo ao despedir-se dos seus presbíteros em Éfeso. Poderia ter sido escrito para a despedida de Calvino de Genebra. "... Sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo desde o primeiro dia..., servindo ao Senhor com... muitas lágrimas...". A voz do púlpito tremia. As mãos magras se apoiavam no gradil entalhado. "... E agora... eu sei que vós... não mais vereis a minha face... Tende, portanto, cuidado de vós mesmos, e de todo o rebanho... pois sei o seguinte: que após a minha saída lobos vorazes entrarão no vosso meio... E agora, irmãos, recomendo-vos a Deus, e à palavra da Sua graça...".

Mas o arauto, com seu bordão prateado, não apareceu na casa da Rua do Canhão com outra ordem de exílio.

Surpreso com essa moratória, Calvino continuou na rotina de deveres, com o julgamento de Serveto.

Serveto estava agora bem humorado. Os piolhos e o fedor da prisão o incomodavam terrivelmente, mas as notícias recebidas do carcereiro, um Libertino, eram boas. Serveto esperava que os inimigos de Calvino venceriam e que seria solto. A sua ousadia chagara a ponto de escrever ao Pequeno Conselho: "Portanto, meus senhores, exijo que o meu falso acusador seja punido... que sua propriedade me seja outorgada em recompensa pela minha... e que seja ele conservado prisioneiro assim como eu até que o julgamento seja decidido pela sua morte ou pela minha ou qualquer outra punição". É interessante que mesmo Serveto esperava que o veredicto do julgamento fosse a morte, mas não esperava

que seria ele quem iria morrer.

Contra a recomendação de Calvino, o Pequeno Conselho resolveu solicitar opiniões das igrejas e conselhos de representantes de quatro cidades suíças. O Conselho tinha pedido tais recomendações anteriormente, com respostas inconsequentes. Apoiados por uma provável repetição de respostas moderadas, o Pequeno Conselho poderia então libertar Serveto.

Mas, desta vez, as respostas de Zurique, Berna, Basileia e Shaffhausen foram surpreendentes — um abalo, mesmo, para os Libertinos. Não havia nada moderado nas respostas. Cada Conselho e cada igreja denunciaram Serveto, afirmando que as sua blasfêmias precisavam ser cortadas antes que pudessem prejudicar ainda mais a igreja de Cristo. Em nossa cidade, disse Berna, a penalidade seria a morte pelo fogo.

A última das respostas chegou em Genebra no dia 18 de outubro. Ami Perrin manobrou rapidamente. Primeiramente afirmou estar doente, para protelar uma decisão. Pediu então que o assunto fosse transferido para o Conselho de Duzentos onde os Libertinos tinham mais força. Mas o Pequeno Conselho estava cioso dos seus poderes e não entregaria o caso. Estava pronto para sentenciar Serveto. Pelo crime de negar a Trindade e o crime de se opor ao batismo de crianças e porque “você obstinadamente tem tentado infectar o mundo com o seu veneno herético e mal cheiroso... nós agora damos por escrito sentença final e o condenamos, Miguel Serveto, a ser amarrado e levado a Champel e ali afixado numa estaca e queimado com seu livro até às cinzas”.

Foi este o veredicto do Pequeno Conselho. Foi um veredicto unânime porquanto até os Libertinos perceberam que não poderiam ignorar as opiniões de quatro influentes cidades. Calvino ouviu a sentença e imediatamente pediu ao Conselho que substituísse a estaca pela escada, porquanto a decapitação era mais misericordiosa do que a queima na estaca. Mas o Pequeno Conselho, rápido para recusá-lo, recusou-lhe esse pedido também.

Serveto ouviu o veredicto na sua imunda cela na prisão. Ficou tão abalado que “gemeu como um louco” por horas seguidas. Ficou quieto então, quase humilde embora continuasse firme nas suas crenças. Calvino foi visitá-lo. Serveto pediu-lhe perdão. Calvino respondeu, instando com ele como tinha feito anteriormente: “Creia-me, jamais tive a intenção de processá-lo por causa de alguma ofensa pessoal contra mim. Há dezenove anos, colocando em perigo a minha vida, quis encontrar-me com você em Paris para ganhá-lo para o nosso Senhor. E depois, quando você vivia como um fugitivo, quis novamente mostrar-lhe o caminho certo pelas minhas cartas até que você começou a odiar-me por causa da minha firmeza... Mas... peça perdão ao Deus perene que você blasfemou... Seja reconciliado ao Filho de Deus... ao Salvador”.

Farel havia chegado a Genebra. Instou também com Serveto. Mas Serveto, embora fosse à estaca com medo e não com o gozo de muitos mártires Protestantes, permaneceu firme nas suas convicções. Farel o acompanhou para fora da cidade e subiu a colina ao seu lado até o lugar onde seria queimado.

Com o seu livro amarrado ao braço, seu corpo acorrentado à estaca, Serveto morreu nas chamas na colina chamada Champel. Tinha quarenta e dois anos de idade. Era 27 de outubro de 1553.

Assim morreu o homem cujo nome estaria para sempre vinculado ao de Calvino. Estaria ligado por causa do fogo, embora Calvino tivesse sido a única pessoa a fazer um apelo contra o uso da estaca. A decisão de matar Serveto não tinha sido de Calvino e nem foi motivada por sua influência. O veredicto foi do Pequeno Conselho de Genebra, pelo aconselhamento de cidades irmãs. Estes fatos nem sempre são lembrados.

Mas Calvino havia participado na morte de Serveto. Tinha pedido aos Conselhos que prendessem o espanhol. Tinha feito acusações contra ele. Tinha debatido perante o Pequeno Conselho para provar que as heresias deste homem estavam ameaçando a igreja de Cristo. E apesar de Calvino não ter participado na sentença, ele a aprovou, embora não pelo fogo. Calvino o chamava: “O herege... auto-condenado”. Escreveu até um pequeno livro defendendo a pena de morte.

Outros líderes Protestantes estavam a favor da pena de morte. O brando Melanchthon, sempre inclinado à paz e à transigência, escreveu a Calvino “A igreja de Cristo ficar-lhe-á grata... O seu governo, de acordo com todas as leis, providenciou a morte desse blasfemo”. A época era de estacas, uma época quando os homens ainda acreditavam ser do seu dever julgar as crenças que outros tinham sobre Deus.

Hoje existe uma pedra no lugar onde Serveto morreu. Foi colocada ali muitos anos depois pelos seguidores de Calvino. Há uma inscrição francesa na pedra: “Como filhos reverentes e agradecidos de Calvino, nosso grande Reformador, repudiando seu erro, que foi o erro da sua época, e, de acordo com os verdadeiros princípios da Reforma e do Evangelho, apegando-nos à liberdade de consciência, erigimos este monumento de reconciliação neste 27º. Dia de outubro de 1903”.

Olhando para trás, da plataforma deste século vinte, lamenta-se que Calvino, na maneira de tratar Serveto, tenha agido como outros homens do seu tempo. Lamenta-se especialmente porque nos seus escritos e nos seus atos Calvino estava muito além da sua época, apontando o caminho para a tolerância e a liberdade, à separação entre a igreja e o estado, ao direito de cada homem crer em Deus conforme a sua consciência.

O milagre consiste em que Deus tenha usado um servo pecador como João Calvino de maneira tão poderosa para edificar Sua igreja e influenciar Seu mundo.

XI. Genebra, Cidade de Deus

A luta amarga em Genebra estava quase acabada. Haveria mais uma grande peleja, mas seria como a convulsão de um animal moribundo. Os Libertinos estavam em debandada. Tinham perdido a batalha de Serveto como também a batalha de Berthelier e a Ceia do Senhor. Perderam, acima de tudo, o apoio popular. As eleições de fevereiro de 1555 colocaram no Conselho de representantes quatro síndicos que favoreciam o programa de Calvino para a igreja e para a cidade. Genebra, a Sodoma para a qual Calvino havia chegado, estava sendo transformada numa cidade de Deus.

Os Libertinos fizeram uma derradeira tentativa. Procuraram aproveitar-se do problema dos refugiados franceses que estavam fazendo de Genebra o seu novo lar. Por muitos anos, milhares tinham chegado e estavam se tornando cidadãos íntegros da cidade.

“Abaixo com os estrangeiros que nos hão de trair, entregando-nos à França”, bradavam os Libertinos. “Genebra pertence aos cidadãos de Genebra”. Incapazes de agitar a gente decente, os Libertinos arrebanharam a escória — malandros, perambulantes, bufarinheiros, valentões e bodegueiros. Berthelier e Ami Perrin davam de comer e beber aos seus recrutas antes de dar-lhes as ordens. O plano consistia em que, numa determinada noite, após a sentinela das nove horas, os recrutas matariam todo o francês que encontrassem, pretextando que os franceses os haviam atacado primeiro.

Mas quando chegou a noite do ataque, a turba sarapintada ficou confusa. Tinham, afinal de contas, comido e bebido desde o meio-dia, e, ao cair da noite, tudo lhes parecia um tanto nublado. Largados para fazer a bandalheira, conseguiram somente gerar barulho, cambaleando estupidamente pelas ruas. Mesmo aqueles que estavam suficientemente sóbrios para empunhar suas espadas não encontraram vítimas. Porquanto, relatou Calvino, “o Senhor, Ele mesmo... cuidou dos refugiados e deu-lhes um sono profundo... Nenhum deles saiu de casa”.

Os Conselhos já não aguentavam mais. Resolveram julgar os Libertinos. Berthelier, Vandel, e Perrin — com sua impossível Francesca — fugiram para Berna, escapando assim das sentenças de morte. Mas outros sete pagaram com suas vidas.

Depois de muitos anos tempestuosos, a paz voltara a Genebra. Enquanto povos e nações ao seu redor eram abalados por guerras e dificuldades, a cidade

no lago caminhava firmemente para ocupar o seu lugar como cidade mundial da Reforma. Devido ao homem que morava na Rua do Canhão, Genebra era a sede da fé Protestante para todo o mundo da época.

Esta era a cidade da qual João Knox, o grande reformador escocês, falou: “Existe aqui a mais perfeita escola de Cristo desde os dias dos apóstolos”. João Knox residiria por três anos em Genebra. Tornara-se cidadão da cidade. Pregara em inglês aos refugiados ingleses no pequeno auditório junto a Saint Pierre, o auditório onde Calvino lecionava nos dias úteis da semana. Knox retornara à Escócia em 1559 e fizera de sua terra o berço da igreja Presbiteriana, uma igreja que seguia a doutrina e governo eclesiástico expostos por Calvino.

As leis eram rígidas na cidade da Reforma. Da bandalheira desenfreada à santidade plena — nada menos serviria. Havia leis para proteger o povo e não somente para puni-lo. Calvino influenciara os Conselhos a passarem leis de saúde e de segurança, algumas das primeiras desse tipo na Europa.

Não jogar lixo ou excrementos humanos nas ruas. Não fazer fogo em quartos sem chaminés. Colocar grades nas escadas para que as crianças não caiam delas. Enfermeiras, não levem para cama consigo os bebês que estão sob os seus cuidados. Proprietários, não aluguem nenhum quarto sem a permissão policial. Sentinelas, atendam as suas rondas noturnas com fidelidade. Negociantes, negociem com honestidade, não cobrando demais pela sua mercadoria. Homens de Genebra, nenhum soldado mercenário será recrutado em nossa cidade para servir outro rei ou país.

Estas eram algumas das novas leis. E, ao chegar a ocasião de eleições, o pregador de Saint Pierre não deixava de pregar um sermão sobre o dever que os cidadãos tinham de eleger homens piedosos, e o dever dos eleitos de governar pela direção de Deus e para Ele.

O pregador de Saint Pierre era também advogado diplomata, e especialista em tudo. Os Conselhos cada vez mais dependiam dele para opiniões técnicas. Mantinha-se a par de tudo. E por que não? Não deveria tudo no mundo ser estudado e usado para a glória de Deus? Por isso, quando o primeiro dentista veio à cidade, ele foi mandado a Calvino. Calvino usou a própria boca para testar a perícia do homem antes de recomendá-lo a uma licença profissional. Quando alguém pintou um quadro para comemorar um tratado com Berna, Calvino foi solicitado para que bancasse o crítico e o aprovasse. Um fulano inventou uma maneira mais barata de aquecer as casas — o que é que Calvino achava? Perguntaram os Conselhos.

Quando o importante tratado com Berna precisava ser renovado, Calvino foi o homem indicado por Genebra para negociar os novos termos, embora Berna não fosse com a cara de Calvino. Era uma situação delicada porquanto

Berna sempre tinha procurado manter suas mãos nos negócios de Genebra. E agora, no entanto, pela primeira vez, um tratado era assinado e selado no qual o urso de Berna reconhecia ser-lhe sua igual a cidade no lago.

Como era possível que o homem que fazia todas essas coisas não ser cidadão da sua cidade? Poderia ter sido. Mas nunca requereu tal privilégio para que ninguém pensasse que estava ambicionando o poder. Milhares de refugiados solicitaram cidadania e tiveram os seus requerimentos deferidos. Calvino, no entanto, conhecido em toda a Europa como "homem de Genebra", era ainda um estrangeiro na cidade que tornara famosa.

Nos anos finais da vida de Calvino, seus livros continuavam a sair das impressoras. Legou ao mundo noventa e seis obras. Os comentários, que eram as suas conferências anotadas por secretários e editadas pelo próprio Calvino, cobriam todos os livros da Bíblia com exceção de nove no Velho Testamento e o livro de Apocalipse no Novo Testamento. Sua pena não parava nunca. Mantinha atarefados, também, vários secretários. Cartas, cartas, e mais cartas — restam ainda hoje trinta e cinco volumes encadernados. Mas não foi só isso. Graças a secretários fiéis, que escreviam o que Calvino pregava, também foram preservados mais de dois mil sermões.

A igreja de Genebra conhecia agora a paz e progresso. O número de ministros alcançou dezoito. O Conselho da igreja tinha poder real sobre assuntos da igreja, inclusive excomunhão. E a música da igreja — que emoção ouvir o povo de Genebra cantando os salmos. Tiveram, por dezessete anos, um famoso professor de canto, Louis Bourgeois, o homem que escreveu a música para a Doxologia, "A Deus, supremo benfeitor". Bourgeois ensinou tanto as crianças quanto os adultos a cantar os salmos. Foi o primeiro a afixar os números de salmos em tabuletas na igreja para a orientação da congregação. O Saltério de Genebra foi publicado em 1562, com muitas melodias compostas por Bourgeois. As letras eram de Clement Marot e de Teodoro Beza, mas a orientação era de Calvino. Com o Saltério de Genebra, Calvino legou ao mundo mais um tesouro.

Mas a maior glória dos seus últimos anos foi a Academia de Genebra, a primeira Universidade Protestante a ser estabelecida no mundo. Tinha sido por muitos anos o sonho de Calvino. Estava plenamente convencido de que Deus desejava que Seus servos fossem educados, bem preparados, gente fora do comum — os ministros especialmente, mas também os funcionários governamentais, médicos, advogados, e todas as demais profissões.

Poderia Genebra ter uma Universidade para treinar tais servos para Deus? A cidade no lago não tinha nenhum príncipe ou cardeal para dar seu nome ou fortuna a um educandário. Genebra tinha agora vinte mil habitantes, mas a terça parte eram refugiados que para ali chegaram sem recursos. Para o espanto do

resto da Europa, Genebra tomava as providências para fundar uma Universidade. Cada cidadão sacrificou-se um pouco para nela participar. A esposa de um pobre padeiro daria somente cinco moedas, mas um tipógrafo bem-postado a compensaria dando à escola a parte maior da sua fortuna. E assim por diante, em todos os cantos da cidade. Advogados, ao fazerem testamentos para os moribundos, sugeriam-lhes que lembrassem a Universidade nos seus legados. Caibro por caibro, a escola foi construída numa pequena colina "varrida por ventos do leste e do sul", não muito distante de Saint Pierre. Calvino frequentemente se arrastava até lá para observar a construção do prédio. Tinha estado acamado por vários meses com uma espécie de malária, adquirida de mosquitos que infestavam os fossos pantanosos ao redor da cidade. Nunca se recuperou completamente da malária, que continuou a afligi-lo juntamente com as demais indisposições. Tinha de ver, no entanto, o progresso do prédio — o sonho tornando-se realidade.

Talvez fosse ideia sua que no teto da varanda, que era sustentada por pilares de granito, houvesse três textos em três línguas. "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria," dizia o texto em hebraico, a língua do Velho Testamento. "Cristo tornou-se para nós a sabedoria de Deus", dizia o texto em grego, a língua do Novo Testamento. E em latim, a língua dos eruditos, o texto era: "A sabedoria que vem do alto é pura, tranquila, e plena de misericórdia."

Pode-se ir hoje a Genebra e ainda encontrar o velho prédio, aumentado com alas em ambos os flancos, e usado por um ginásio. Mas a parte central continua mais ou menos como Calvino a conhecia, onde caminhava e dava aulas aos rapazes que diante dele se assentavam. Em baixo da varanda frontal ainda existe uma sala de aulas original, denominada por gracejo de "a catacumba", pois era ali que se realizavam os exames finais.

E o que era uma Universidade sem um corpo docente? E o que era um corpo docente se não fosse o melhor? Calvino escreveu a Paris e a outros lugares convidando os principais professores Protestantes para lecionar na nova escola. Justamente nesta ocasião, o respeitável corpo docente em Lausanne estava tendo uma longa disputa com Berna, que controlava a região. Beza, Viret, e alguns dos seus colegas resolveram deixar a Universidade em Lausanne para não comprometerem as suas convicções. Foram nomeados, juntamente com outros, para a nova universidade em Genebra. Beza foi escolhido como reitor. Calvino serviu como um dos professores. De fato, o corpo docente já estava formado antes mesmo da conclusão do prédio.

Os clarins e o grande sino Clemence convocaram o povo a Saint Pierre no dia 5 de junho de 1559. Era a cerimônia inaugural da Academia de Genebra. O Secretário do Pequeno Conselho fez a leitura dos regulamentos do educandário,

escritos por Calvino. Os professores foram empossados. Os alunos afirmaram fidelidade à confissão de fé Reformada. Beza, o reitor, pronunciou excelente palestra em latim. E Calvino, o homem cujo sonho se concretizava, falou em francês. Falou brevemente, “como era seu costume,” e encerrou a reunião com uma oração.

Para o espanto contínuo do resto da Europa, a escola consolidou-se desde o princípio. Dentro de pouco tempo estava com uma matrícula de novecentos rapazes! Vieram de todos os cantos da Europa, muitos da França. Após a conclusão do curso secundário, alguns ficariam para estudar teologia, medicina ou direito.

Os estudantes saíam bem preparados da Academia. “Os rapazes da Academia de Genebra falam como doutores da Sorbonne” — tinham esta reputação. Mas eram mais do que bons alunos. Eram alunos cristãos, bacharéis da primeira Universidade Protestante do mundo. Nos anos seguintes, muitos homens bem conhecidos estariam incluídos no rol dos graduados da Academia de Genebra. Entre eles estava Gaspar Olevianus, co-autor do Catecismo de Heidelberg.

Genebra tinha assim se transformado num extraordinário centro da fé Reformada. Tinha um líder mundialmente famoso, uma igreja fiel à Palavra de Deus e bem governada, uma cidade comprometida com a Reforma tanto na teoria quanto na prática, e, agora, a primeira Universidade Protestante a preparar estudantes cristãos.

Desse centro, pregadores e missionários saíam para toda a Europa. Postavam-se à porta de Calvino suplicando oportunidade para serem enviados. Muitos eram franceses, pedindo que fossem enviados à sua terra natal. “Assediam minha porta”, escreveu Calvino a um amigo. “Lutam entre si pelas vagas... Tento às vezes recusá-los... Lembro-lhes que em mais de vinte cidades os missionários foram exterminados pelo povo. Mas nada os fez desistir”. Nem mesmo o rei francês, que enviou uma advertência oficial a Genebra, queixando-se da infiltração dos ministros procedentes da sede do Protestantismo.

1559 foi um ano memorável.

Em maio, a Igreja Reformada da França reuniu seu primeiro sínodo nacional em Paris. Enquanto seus adeptos sofriam torturas e morte por sua fé, a igreja foi organizada, adotando a forma de governo exposta por Calvino. Calvino estava presente naquele sínodo em espírito e pelas suas cartas. Esta era a igreja da sua pátria. Ele a amava e orientava. Muito distante da sede, era o seu líder dedicado.

Em junho, a Academia de Genebra foi aberta formalmente, tornando-se modelo para muitas outras Universidades Protestantes em anos posteriores.

Em julho, Calvino completou cinquenta anos de vida. Apesar das suas enfermidades, podia olhar ao redor de si e agradecer a Deus o que havia sido realizado em Genebra. Sentia-se agradecido, também, por haver escapado da morte no ano anterior quando fora acometido pela malária. Durante aqueles meses de grave enfermidade, tinha lutado para concluir uma edição final das Institutas. Era bem maior do que as anteriores. Havia dias em que não esperava viver para ver a edição pronta para o prelo.

O Senhor o tinha poupado. Agora, em agosto de 1559, a edição final saía do prelo — oitenta capítulos em quatro grandes volumes. O Senhor tinha sido bom. Calvino julgava-se não merecedor para concluir a obra-prima Protestante que falaria ao mundo por séculos.

Em novembro de 1559, um dos conselheiros sugeriu que um ministro viesse a todas as reuniões do Conselho, para ler a Palavra de Deus e invocar a bênção de Deus sobre os negócios da cidade de Genebra. A Palavra de Deus, pregada do púlpito, ensinada na Academia, recebia agora o seu devido lugar também no governo da cidade.

E em dezembro, no dia de Natal, ocorreu mais um alegre evento. Os membros do Pequeno Conselho, contrariando a praxe, convidaram Calvino para tornar-se cidadão de Genebra. Ficou tão emocionado, que mal podia encontrar palavras para agradecer-lhes.

Mas o ano teve uma conclusão sóbria. No mesmo dia em que assumira a cidadania de Genebra, Calvino teve um violento ataque de tosse. A tosse trouxe à sua boca uma torrente de sangue. O médico de Calvino achou que uma artéria houvera arrebentado, não reconhecendo os sinais certos de uma condição avançada de tuberculose.

Restavam-lhes quatro anos e meio de vida.

XII. Se a casa terrestre se desfaz

O homem togado de preto, caminhando pela rua estreita, parecia mais morto do que vivo, com exceção dos olhos que luziam tão brilhantemente quanto antes. O corpo estava meio-morto, estropiado, protestando e recusando-se a fazer a sua parte. Mas o espírito invencível exigia que o corpo fizesse suas rondas diárias. A mente por detrás dos olhos penetrantes não havia perdido nada da sua vivacidade.

Calvino continuava a ocupar o púlpito de Saint Pierre. Lecionava no pequeno auditório junto à Igreja. Subia esbaforido os degraus que o levavam às salas de aulas na Academia. Retornava então para casa e para a cama. Secretários cercavam seu leito. Escreviam as palavras que eram pronunciadas entre fôlegos sôfregos e ásperos. Enviava cartas, especialmente para a França

onde a guerra civil ameaçava estourar entre Protestantes e Católico-Romanos. Um novo comentário foi dedicado. Outro opúsculo foi concluído sobre uma doutrina controvertida. Despedia-se de missionários na véspera de suas partidas. Dava recomendações às igrejas. Livros saíam dos prelos. E o trabalho assim continuava ininterruptamente.

"Por companhias, por esquadrões, e por ataques individuais tenho sido invadido por uma turba de inimigos", escreveu Calvino a alguns médicos sobre as suas enfermidades. "Há vinte anos que não vivo sem dores de cabeça". Artrite e gota mutilavam-lhe as juntas das pernas e braços. Cálculos nos rins, grandes demais para serem expelidos, causavam-lhe uma agonia imensa. Parecia que um grande peso jazia sobre o seu peito, causando-lhe dificuldade em cada respiração. Mas não havia nenhuma queixa deste homem atacado por este exército de indisposições. Com um humor a toda prova, escreveu a Beza, que estava viajando: "você me escreve às altas horas da madrugada, ao passo que estou na cama às sete, como é meu costume. Mas é este o fim de homens gotosos como eu".

Certo dia, em 1562, Calvino ainda encontrou força suficiente para sair da cidade. Pela segunda vez, a tragédia do adultério havia caído sobre o círculo da sua própria família. Não aguentava ficar na casa da Rua do Canhão, por estar tão envergonhado e abatido. Na primeira vez, em 1557, tinha sido Ana, a mulher de Antoine, apanhada em adultério com Pierre, o mordomo corcunda de Calvino. Pierre tinha roubado do seu mestre por uns dois anos — isto fora descoberto também. Ana tinha sido banida da cidade. Antoine conseguiu um divórcio, casando-se mais tarde. A casa na Rua do Canhão nunca voltou a ser a mesma.

E agora, em 1562, era Judite, a filha de Idelette, a moça que todo mundo respeitava como sendo virtuosa e piedosa. Havia casado seis anos antes e vivia feliz — e eis que agora comparecia perante o Conselho da igreja, confessando o adultério do qual era acusada. Acabrunhado e envergonhado, Calvino conseguiu chegar até o sítio de Antoine para esconder-se por alguns dias. Voltou depois à Rua do Canhão. Voltou ao trabalho. Quando amigos lhe imploravam que descansasse, que parasse, sacudia sua cabeça e respondia: "O quê? Gostariam que o Senhor me encontrasse desocupado quando Ele chegar?".

No domingo, 6 de fevereiro de 1564, Calvino ocupava pela derradeira vez o púlpito habitual de Saint Pierre. Pregava sobre a harmonia dos evangelhos quando foi acometido da tosse. Não conseguiu estancá-la desta vez. O sangue lhe subia quente à boca. Lenta e relutantemente, desceu pela escada circular, deixando seu sermão inacabado. A congregação olhava ansiosamente em silêncio.

Na quarta-feira anterior Calvino tinha pregado sobre os livros dos Reis. E,

na Academia, na tarde do mesmo dia, tinha dado sua última aula sobre Ezequiel.

Estava na hora das despedidas.

Primeiramente, ao prédio dos Conselhos de representantes, onde tinha tantas vezes, na derrota ou na vitória, convidado ou não. Foi carregado para ali no fim de março. Queria apresentar ao Pequeno Conselho um novo reitor para a Academia. Beza deixaria a reitoria para ser o sucessor de Calvino.

Não mais havia degraus para subir ao terceiro andar, onde se localizava a sala do conselho. Para reduzir o esforço de Calvino, os Conselhos tinham há algum tempo construído uma rampa no lugar das escadas. Calvino subiu por ela pela última vez, sustentado por amigos em ambos os lados. Era tudo tão conhecido: passava-se por uma grande sala de espera até a primeira porta da sala do Pequeno Conselho. Aqui se postava o arauto no seu leão de madeira e com o seu bordão prateado. Pela primeira porta, entrava-se num pequeno corredor estreito. Neste corredor havia uma íngreme escada espiral que descia a uma das prisões, donde prisioneiros eram trazidos para o julgamento. Mais adiante, no fim do pequeno corredor, uma segunda porta que dava entrada à sala do Pequeno Conselho. Tinha quatro janelas, mesas entalhadas, e, num canto, um fogão de tijolos, verde e com cinco lados, para aquecer a sala.

O novo reitor foi apresentado e empossado. Então Calvino, segurando o gorro na mão, falou brevemente ao Pequeno Conselho. Agradeceu-lhe as demonstrações de bondade durante sua enfermidade. Disse que tinha se sentido melhor dois dias antes, mas agora parecia “que a natureza não aguenta mais”. O secretário introduziu sua pena no tinteiro e escreveu que Calvino falou “com grande dificuldade na respiração e com uma gentileza maravilhosa que quase trouxe lágrimas aos olhos dos conselheiros. E foi esta a última vez que ele veio à sala do conselho”.

Sobre a porta pela qual deixou o prédio dos conselhos de representantes estava o lema no escudo de Genebra: Post Tenebras Lux. “Luz Após Trevas”. Mais do que qualquer outro homem, Calvino tinha tornado em realidade aquela legenda na cidade junto ao lago.

E agora a Saint Pierre.

Era o domingo da páscoa, dia 2 de abril. Calvino foi carregado na sua cadeira de sua casa na Rua do Canhão e colocado perto do púlpito donde tinha pregado centenas de sermões. Beza pregava agora. Celebrou-se a Ceia do Senhor. Calvino recebeu os elementos das mãos de Beza. Teria recordado, ao sentar-se ali pela última vez, da Páscoa que precedeu seu exílio quando recusara celebrar a Santa Ceia por causa da maldade do povo?

A congregação ergueu-se para entoar o último hino. O uníssono comovente vibrou por todos os cantos da igreja. Calvino cantou também, com júbilo em sua

face. “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra” — foi este o hino final.

Da sua cama, uma carta final em francês foi enviada à Duquesa de Ferrara na França, animando-a e instando-a a ganhar uma sobrinha para a fé Reformada. Uma carta final em latim foi enviada a Bullinger, o reformador de Zurique, com as últimas notícias da França e da Alemanha. Mesmo no seu leito de morte Calvino mantinha um olho atento sobre o mundo. Em nenhuma carta fazia menção da morte que se aproximava.

Um tabelião foi chamado para fazer o testamento de Calvino. Não por que havia muito a ser legado. O maior legado que Calvino tinha recebido não podia ser contado em dinheiro. Mencionou primeiro. “Em primeiro lugar, dou graças a Deus”, falou Calvino enquanto o tabelião escrevia. “Ele livrou-me do abismo... e me trouxe para a luz do Seu evangelho... Tanto estendeu a Sua misericórdia para mim que usou-me e o meu trabalho para... anunciar a verdade do Seu evangelho... Ele mostrar-se-á o Pai de pecador tão miserável”.

“Os poucos bens terrenos” foram facilmente distribuídos. Ao “meu querido irmão Antoine”, uma taça de prata que Calvino tinha recebido de um amigo. Fora um gesto de amor, para que o dinheiro ficasse para os filhos de Antoine. Dez coroas cada, e trinta a cada uma das filhas — com exceção do sobrinho Davi, o qual receberia somente vinte e cinco coroas “por ter sido inconsiderado e inconstante”. E se porventura houver mais na minha herança do que estas coroas, o resto deverá ser também repartido entre sobrinhas e sobrinhos, “não excluindo David, caso Deus lhe tenha dado graças para ser mais moderado e sóbrio”. Seis ministros e um professor assinaram como testemunhas do testamento em voz alta.

Havia ainda algum tempo para mensagens finais àqueles que prosseguiram no serviço da igreja e da cidade.

No dia 30 de abril, o Pequeno Conselho, togados e em cortejo solene, veio à Rua do Canhão, agrupando-se ao redor do leito de Calvino. Calvino novamente agradeceu-lhes por todas as suas demonstrações de bondade. Pediu-lhes perdão pelos seus momentos de raiva e pelos outros pecados cometidos durante os anos em que tinha servido. Aconselhou-os, advertindo e encorajando-os. “Lembrai-vos sempre”, falou-lhes, “que é Deus somente que dá forças a estados e cidades”. Orou ardentemente pelos Conselhos e pela cidade. Deu a cada homem a destra de despedida. Os homens saíram do quarto, chorando “como se tivessem recebido a derradeira bênção de um pai”.

Os ministros vieram no dia seguinte. Calvino conseguiu encontrar força suficiente para falar-lhes também, e por longo tempo. Fazia reminiscências. Podia ainda sentir os cães nos seus calcanhares, latindo e mordendo sua toga e

pernas, atiçados por cidadãos inconformados. Podia ouvir os tiros de quarenta ou cinquenta trabucos descarregados sob sua janela antes da sua viagem para o exílio. E a cena no pátio do prédio dos conselhos quando os Duzentos tiveram um entrevero — tal acontecimento foi também revivido por Calvino. “Tereis dificuldades, também, quando Deus me chamar”, advertiu aos pastores. “Mas tende coragem... porquanto Deus usará esta igreja e a manterá, e vos promete que Ele a protegerá”.

“Meus pecados sempre me desgostaram... Rogo-vos, que me perdoeis o mal, e se porventura tenha havido algum bem... fazei dele um exemplo”. Quanto à minha doutrina, “Ensinei com fidelidade, e Deus deu-me a graça de escrever... tão fielmente quanto estava em meu poder”. “Vivi nesta doutrina e nela quero morrer. Perseverai nela, todos vós”. “Amai-vos uns aos outros. Que não haja inveja”.

Houve novamente o aperto de mão para todos. E outra vez a fila de homens em pranto saindo para a Rua do Canhão.

Havia uma mensagem. A quem não senão Farel, o amigo de muitos anos. Farel queria vir. Calvino pensou na velhice do seu amigo e desejava poupar-lhe a viagem de Neuchâtel. “Adeus, bom e querido irmão”, escreveu seu irmão Antoine colocando no papel as palavras. “E por que Deus quer que você seja o sobrevivente, lembre a nossa amizade, a qual tem sido útil para a igreja de Deus, e cujos frutos nos aguardam no céu. Não se canse em vir até mim. Já estou respirando com dificuldade, e espero a cada hora que o fôlego me falhe de uma vez. Basta que eu viva e morra para Cristo, que é a recompensa para aqueles que são d’Ele, na vida e na morte. Entrego-o, e os irmãos que estão com você, aos cuidados de Deus. Fielmente João Calvino”.

Mas Farel veio assim mesmo, e sentou-se junto ao leito daquele a quem ordenara ficar em Genebra vinte e oito anos atrás. Os dois amigos conversaram. E o velho Farel, com setenta e cinco anos de idade, voltou então para sua casa, caminhando como tinha vindo. Viveria mais um ano antes de unir-se ao seu amigo.

Calvino viveu até o dia 27 de maio. Orava continuamente, em voz alta ou silenciosamente, movimentava os lábios. Nos estertores, atribulado pela dor, clamava com frequência: “Por quanto tempo, Ó Senhor?”. Ou: “Senhor, Tu me esmagas, mas eu me conformo de que seja a Tua mão”.

Morreu em paz, como alguém que pega no sono. Numa noite de sábado — o fim do dia, o fim da semana, o fim de uma vida. Um grande servo estava agora com o seu Mestre.

Ao ouvir a notícia, o povo de Genebra juntou-se silenciosamente do lado de fora da casa da Rua do Canhão. O Pequeno Conselho reuniu-se em sessão

especial. O secretário, tentando registrar os sentimentos dos conselheiros, escreveu com sua pena: “Deus o marcou com um caráter de tanta majestade e altivez”. Nas atas do Conselho da igreja, ao lado do nome de Calvino que estava marcado com uma cruz, havia estas palavras: “Levado por Deus, no dia 27 de maio do ano corrente (1564), entre oito e nove horas da noite”.

Na tarde de domingo, às duas horas, o cortejo foi ao campo-santo da igreja, o cemitério Planin-Palais fora dos muros da cidade. Professores, ministros, conselheiros, e cidadãos estavam na grande multidão que seguia o ataúde de pinho. Somente o som de muitos passos interrompiam a quietude dominical.

Calvino tinha pedido no seu testamento que “meu corpo... seja enterrado na maneira usual, para aguardar o dia da abençoada ressurreição”. Não houve, por conseguinte, palavras junto à sepultura. Nenhuma pedra foi colocada para marcar o lugar. Em pouco tempo ninguém sabia onde jazia o corpo de Calvino. A sepultura continua desconhecida até hoje.

Mas algo maior, alguma coisa viva restou. As ideias e obras do homem de Genebra continuam poderosamente vivas através dos séculos. Inspiradas pela Palavra viva, elas penetraram em todo o mundo cristão. Por intermédio delas o pregador de Saint Pierre tem ensinado e moldado a igreja de Cristo. Ele tem falado nas vidas de homens e de nações.

João Calvino era assim, extraordinário servo de Jesus Cristo. Era assim o homem humilde que viveu sob um lema. **Soli Deo Gloria**, dizia. Glória somente a Deus.

FIM

---

(4) Jogo de malha de ferro com cinco paus (fitos).
(5) Espécie de jogo da bola, de origem espanhola.